



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**OS CAMINHOS DAS CRIANÇAS:
A MOBILIDADE ATIVA NO TRAJETO ESCOLAR**

LIVIA ALESSANDRA DE CARVALHO TELES

BRASÍLIA

2019

OS CAMINHOS DAS CRIANÇAS:
A MOBILIDADE ATIVA NO TRAJETO ESCOLAR

LIVIA ALESSANDRA DE CARVALHO TELES

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do Mestrado em Educação Física.

ORIENTADORA: PROF. DRA. JÚLIA APARECIDA DEVIDÉ NOGUEIRA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

Teles, Livia Alessandra de Carvalho

Os caminhos das crianças: a mobilidade ativa no trajeto escolar / Livia
Alessandra de Carvalho Teles; orientadora Júlia Aparecida Devidé Nogueira.
– Brasília, 2019. 102 p.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Educação Física) –
Universidade de Brasília, 2019.

1. Transporte ativo. 2. Estudantes. 3. Educação física escolar.
 4. Promoção da saúde. 5. Desenvolvimento sustentável.
- I. Nogueira, Júlia Aparecida Devidé, orient. II. Título.

LIVIA ALESSANDRA DE CARVALHO TELES

OS CAMINHOS DAS CRIANÇAS: A MOBILIDADE ATIVA NO TRAJETO ESCOLAR

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

Banca examinadora

Prof. Dra. Júlia Aparecida Devidé Nogueira
(Orientadora – FEF/UnB)

Prof. Dra. Ingrid Dittrich Wiggers
(Examinadora Interna – FEF/UnB)

Prof. Dra. Dais Gonçalves Rocha
(Examinadora – FS/UnB)

Prof. Dr. Jonatas Maia da Costa
(Examinador Interno Suplente – FEF/UnB)

Brasília, junho de 2019.

DEDICATÓRIA

Dedico meu trabalho à minha família linda que com muito amor acolhe meus sonhos, sustenta minhas ousadias e orienta meus passos rumo a novas descobertas e à luta por uma sociedade mais digna.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor dos meus projetos, dos meus sonhos, de toda minha vida.

A Maria, mãe de Jesus e minha mãe, pelo exemplo de ser humano e pela intercessão.

A minha família, fonte de toda minha inspiração, meu sustento diário:

especialmente meus pais, Valter e Fátima, a quem devo tudo que sou e tenho...

minhas filhas lindas Ana Beatriz e Isadora, que são a razão maior da minha vida...

meus irmãos com suas famílias: Leile, Marcos, Pedro, Gabriel e Davi; e Tandy, Suzana, Samuel, Miguel e Mateus, pelo amor incondicional...

Ao meu namorado Marcos Vinícius, meu companheiro de caminhada.

A minha professora e orientadora Júlia que desde o início acreditou em mim e me conduziu nessa jornada que foi fundamental para meu crescimento pessoal e profissional... obrigada pelo carinho, pelo conhecimento, pela experiência, pelos conselhos, por me ensinar a ser uma professora melhor e uma pessoa mais humana.

Aos meus amigos do mestrado pelo auxílio, pelas partilhas, pelos conselhos, pela torcida... especialmente ao Fernando, Felipe, Andréa, Joslea, Fran e Érica (que me recebeu tantas vezes carinhosamente em sua casa). E a todos os outros amigos que convivi nas disciplinas, nos grupos e nos momentos de diálogo que tanto me engrandeceram.

Aos professores da UNB, que com generosidade partilharam seus conhecimentos, me fizeram estagnar diante de tanto saber e ratificaram a qualidade dessa instituição, principalmente aqueles com os quais participei das disciplinas/grupos: Júlia Nogueira, Luiz Guilherme Porto, Alfredo Feres, Jonatas Maia (minha profunda admiração e identificação), Vera Catalão, Alice Medina, Maria Fernanda Cavaton, Dais Rocha.

A minha banca de qualificação e defesa pelo carinho, prontidão e contribuição em meu trabalho e em minha vida: Dais Rocha, Ingrid Dittrich e Jonatas Maia.

Aos meus colegas de trabalho, que compreenderam minhas ausências e cansaços.

A todos meus outros familiares e amigos, por entenderem que algumas fases da vida precisamos priorizar nossos projetos, mas que logo passam e voltamos a ser atenciosos e companheiros.

EPÍGRAFE

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

(Fernando Teixeira de Andrade)

LISTA DE QUADROS E TABELAS

| | |
|---|----|
| Quadro 1. Número de crianças que foram convidadas e que participaram da etapa quantitativa por escola | 38 |
| Quadro 2. Dados descritivos dos participantes da etapa qualitativa | 40 |
| Tabela 1. Dados descritivos dos participantes da etapa quantitativa total e por sexo | 44 |
| Tabela 2. Distribuição das variáveis sociodemográficas (%) das crianças por tempo gasto no deslocamento ativo escolar por semana | 49 |

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Figura 1. Frequência (em %) de crianças e tempo gasto por dia no deslocamento ativo na IDA para escola | 46 |
| Figura 2. Frequência (em %) de crianças e tempo gasto por dia no deslocamento ativo na VOLTA da escola | 46 |
| Figura 3. Frequência (em %) de crianças e tempo semanal (10 em 10 minutos) de atividade física realizada no deslocamento ativo escolar | 48 |
| Figura 4. Ilustração do aluno 1, com 11 anos, pertencente à classe B | 52 |
| Figura 5. Ilustração da aluna 5, com 10 anos, pertencente à classe C | 53 |
| Figura 6. Ilustração da aluna 2, com 11 anos, pertencente à classe B | 54 |
| Figura 7. Ilustração da aluna 3, com 10 anos, pertencente à classe C | 55 |
| Figura 8. Ilustração do aluno 9, com 11 anos, pertencente à classe B | 56 |
| Figura 9. Ilustração do aluno 6, com 11 anos, pertencente à classe B | 57 |
| Figura 10. Ilustração da aluna 4, com 11 anos, pertencente à classe C | 58 |
| Figura 11. Ilustração da aluna 7, com 10 anos, pertencente à classe B | 59 |
| Figura 12. Ilustração do aluno 8, com 11 anos, pertencente à classe C | 60 |
| Figura 13. Ilustração do aluno 10, com 10 anos, pertencente à classe C | 61 |
| Figura 14. Facilitadores da mobilidade ativa escolar apontados pelas crianças | 63 |
| Figura 15. Barreiras da mobilidade ativa escolar apresentadas pelas crianças | 63 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTP – Associação Nacional de Transportes Públicos

GO - Goiás

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

PeNSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

PNUD – Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento

SUS – Sistema Único de Saúde

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCB – União de Ciclistas do Brasil

VIGITEL - Sistema de Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico.

RESUMO

Introdução: A sociedade contemporânea apresenta importantes mudanças no estilo de vida e na saúde das pessoas. Quando associadas aos processos de urbanização desordenados e mecanização/modernização sem precedentes, impactam diretamente na relação dos indivíduos e coletividades com seu corpo, resultando no aumento do sedentarismo e das doenças crônicas. Diante desse cenário, um desafio é a promoção da saúde e do desenvolvimento sustentável, para que as futuras gerações desfrutem de uma vida com qualidade e bem-estar. Para o campo da Educação Física, uma estratégia interessante que deve ser considerada é a mobilidade ativa, em particular a utilizada no trajeto escolar. **Objetivo:** O objetivo dessa pesquisa é refletir sobre aspectos da mobilidade ativa de crianças no trajeto escolar, em particular como prática corporal promotora da saúde e do desenvolvimento sustentável. **Metodologia:** A pesquisa tem abordagens quantitativa e qualitativa. A população participante da pesquisa foi constituída por crianças do quinto ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Anápolis, Goiás, em escolas que possuem o professor graduado em educação física. A etapa quantitativa utilizou um questionário para coletar dados sociodemográficos e aspectos relacionados à mobilidade ativa no trajeto escolar. A etapa qualitativa contemplou a roda de conversa a partir de desenhos produzidos pelas crianças que praticam mobilidade ativa, buscando perceber o olhar da criança sobre o percurso. **Resultados:** 71,2% das crianças praticam mobilidade ativa no trajeto escolar e a maioria delas realiza o percurso cinco vezes por semana e em menos de dez minutos por trajeto. 68,5% desses estudantes gastam até 60 minutos por semana nesse deslocamento ativo, sendo que o tempo médio é de 73,2 minutos. 80% dos pesquisados relataram que gostariam de percorrer o trajeto escolar de forma ativa. Conhecemos o olhar das crianças para o caminho escolar: os facilitadores da mobilidade ativa escolar apresentados pelas crianças foram a presença de natureza, companhia dos amigos/família, casa bonita, mercadinhos, segurança, proximidade, rapidez, brincadeiras, aventuras, beleza, sentimentos positivos; as barreiras relatadas foram calçadas com mato e escorregadias, presença de cachorros, pessoas e casas estranhas, falta de segurança, bueiro aberto, muita subida, chuva, frio, demora mais, sentimentos negativos.

Palavras-chave: transporte ativo, estudantes, educação física escolar, promoção da saúde, desenvolvimento sustentável.

ABSTRACT

Introduction: Contemporary society presents important changes in people's lifestyle and health. When associated with uncontrolled processes of urbanization and unprecedented mechanization/modernization, they directly impact on the relationship of individuals and collectivities with their bodies, resulting in increased sedentarism and chronic diseases. Given this scenario, a challenge is the promotion of health and sustainable development, so that future generations enjoy a life with quality and well-being. For the field of Physical Education, an interesting strategy that must be considered is active mobility, in particular that used in the school path. **Objective:** The objective of this research is to reflect on aspects of the active mobility of children in the school path, in particular as corporal practice promoting health and sustainable development. **Methodology:** The research has quantitative and qualitative approaches. The population that participates in the research are children of the fifth year of elementary school of the municipal school of Anápolis, Goiás, in schools that have the professor graduated in physical education. The quantitative stage used a questionnaire to collect sociodemographic data and aspects related to active mobility in school. The qualitative step used the conversation wheel from drawings produced by children who practice active mobility, seeking to perceive the child's gaze on the course. **Results:** 71,2% of the children practice active mobility on the school trip, and most of them travel five times a week and in less than ten minutes per trip. 68.5% of these students spend up to 60 minutes per week on this active trip, with an average time of 73.2 minutes. 80% of those surveyed reported that they would like to travel the school actively. We know the children's eyes on the school path: the facilitators of active school mobility presented by children were the presence of nature, company of friends / family, beautiful house, markets, security, closeness, speed, jokes, adventures, beauty, positive feelings; the reported barriers were paved with weeds and slippers, presence of dogs, strange people and houses, lack of security, manhole open, too much rise, rain, cold, delay more, negative feelings.

Keywords: active transportation, students, school physical education, health promotion, sustainable development.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 15 |
| 2. REFERENCIAIS TEÓRICOS | 18 |
| 2.1. Sociedades ativas e cidades sustentáveis: a mobilidade ativa e sua interface com a promoção da saúde e o desenvolvimento sustentável | 18 |
| 2.2. Promoção da saúde e desenvolvimento sustentável: diálogos com projetos e iniciativas no contexto escolar | 24 |
| 2.3. A mobilidade ativa e sua integração com as práticas corporais e a educação física na perspectiva da promoção da saúde e do desenvolvimento sustentável..... | 28 |
| 2.4. Alguns dados sobre saúde e mobilidade ativa no trajeto escolar | 31 |
| 3. OBJETIVOS | 35 |
| 3.1. Geral | 35 |
| 3.2. Específicos | 35 |
| 4. METODOLOGIA | 36 |
| 4.1. Contexto e população da pesquisa | 36 |
| 4.2. Etapa quantitativa | 37 |
| 4.3. Etapa qualitativa | 39 |
| 4.4. Aspectos éticos | 42 |
| 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 44 |
| 5.1. Resultados e discussões da etapa quantitativa | 44 |
| 5.2. Resultados e discussões da etapa qualitativa | 51 |
| 5.3. Limitações e contribuições do estudo | 65 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 69 |
| REFERÊNCIAS | 71 |
| APÊNDICES | 78 |
| ANEXOS | 88 |

APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA

Como professora de educação física na escola pública há 19 anos, já vivenciei diversas situações propiciadas por essa missão. Particularmente, o que mais me move diariamente é o poder que a educação física escolar tem em fazer a diferença na vida dos estudantes.

Em minha trajetória acadêmica no mestrado, estimulada por minha curiosidade, pensamentos e sentimentos que experimento, escolho mergulhar no desconhecido ao me atrever a conectar o tema da mobilidade ativa com a promoção da saúde e o desenvolvimento sustentável, a partir do meu olhar de professora de educação física. A tentativa de articular tais temáticas vai ao encontro das demandas contemporâneas, que apresentam a necessidade de religar saberes e dar sentido ao conhecimento (MORIN, 2017). Não tenho a pretensão de formular nenhuma certeza, mas de aprofundar o entendimento sobre a mobilidade ativa no contexto escolar e suas contribuições para a formação humana e cidadã.

No percurso do mestrado repensei o meu lugar de sujeito nesse processo. “... a incompletude, o inacabamento e a parcialidade de todo conhecimento, isto é, tudo o que é dito, é dito por um sujeito-observador que compreende o mundo do lugar que ele ocupa...” (ALMEIDA, 2004, P. 2). Por isso, arrisco-me a construir uma ideia (e não a ideia) sobre mobilidade ativa. Acredito na pluralidade de olhares possíveis sobre a temática, mas meu olhar ousa construir pensamentos e reflexões sobre assuntos tão integrados quanto a promoção da saúde, o desenvolvimento sustentável, a mobilidade ativa e a educação física de forma que possa contribuir na reforma do pensamento (MORIN, 2017) e na ampliação das consciências, quem sabe instigando novas perspectivas acerca desses temas.

Enfim, concordando com Morin (2017) quando ele diz: “Mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas” (p. 11), me lancei no caminho de incertezas, sem imaginar o final da história, reconhecendo a possibilidade do erro, e aventurando-me a descobrir o novo ao priorizar diálogos não encontrados em estudos anteriores, mas com a certeza da relevância dessa pesquisa para mim e para o coletivo que acredita na possibilidade de um mundo mais equânime, justo e saudável.

1. INTRODUÇÃO

A crescente preocupação com a saúde e qualidade de vida das populações e a sustentabilidade do planeta vem fazendo com que diversos países repensem ações que possam colaborar com a construção de um mundo mais saudável e justo (ONU, 2016; BRASIL, 2017). Nessa perspectiva, a mobilidade ativa como prática corporal¹ se destaca como importante meio de promoção da saúde de indivíduos, coletividades e ambientes (BRASIL, 2015; PNUD, 2017).

As práticas corporais podem: contribuir com o alcance dos direitos sociais à saúde, ao lazer, à cultura e à educação de qualidade; favorecer a igualdade socioeconômica e de gênero e a redução das violências, bem como impulsionar o resgate da cidadania; e, se pensada como meio de colaborar com a mobilidade urbana, diminuir a dependência de combustíveis fósseis poluentes impactando a vida terrestre e aquática e reduzindo as mudanças climáticas (BRASIL, 2017; PALMA, 2017; PNUD, 2017). Em adição, favorecem a saúde física, mental e emocional dos indivíduos (PNUD, 2017); tornando-se elementos centrais nas discussões de saúde pública em relação à prevenção e controle das doenças crônicas não-transmissíveis (BRASIL, 2015; VILARTA; BOCCALETTO, 2008; PITANGA, 2002).

Indicadores contemporâneos de saúde no Brasil são assustadores: cerca de 40% da população adulta e em torno de 10% das crianças e adolescentes sofre com ao menos uma doença crônica (IBGE, 2010); 53,8% dos adultos (BRASIL, 2017) e 23,7% dos adolescentes entre 13 e 17 anos (por volta de 3 milhões) está acima do peso (IBGE, 2016); e 62,1% dos brasileiros com 15 anos ou mais não praticaram qualquer esporte ou atividade física em 2015 (IBGE, 2017). O pior é que essas prevalências não param de crescer (BRASIL, 2017).

Uma parte do problema está associado aos processos de industrialização, modernização tecnológica e de urbanização acelerada e desordenada dos meios urbanos (BAUMAN, 2003), visto que atualmente 85% dos brasileiros vivem nas cidades (ANDRADE et al., 2016). A urbanização desordenada acarretou diversos obstáculos como a favelização e a segregação social; o aumento do desemprego, da violência e da produção de lixo; e engarrafamentos gigantescos, provocando um cenário caótico nas grandes cidades (BURMANN; CENCI, 2017).

Em termos de mobilidade nas metrópoles brasileiras, os horários de maior fluxo já não comportam a quantidade de carros existentes, causando congestionamentos que atrasam por

¹ Escolhemos nessa pesquisa utilizar o termo “práticas corporais” ao invés de “atividades físicas” por sua conexão com as ciências humanas e sociais, sendo consideradas como manifestações culturais expressas por meio do corpo, em contraponto à ideia de gasto energético corporal mais afeita às ciências biológicas (PNUD, 2017). Tal aspecto será mais explorado no capítulo de referenciais teóricos.

horas o deslocamento em diversos trechos, além de poluir o ar atmosférico, causar poluição sonora e gerar estresse e transtornos psicológicos aos motoristas e passageiros. O transporte público brasileiro, em geral centrado nos ônibus, além de caro, insuficiente e ineficiente, é também afetado pelos congestionamentos (ANDRADE et al., 2016).

Diante desse contexto, a mobilidade ativa se mostra como uma possibilidade importante para promover a saúde da população e do ambiente a partir de mudanças de atitudes que induzam a construção de uma cultura mais saudável, sustentável e inclusiva (ANDRADE; FRANCESCHINI, 2017). Além de ambientes menos poluídos, o fortalecimento da mobilidade ativa contribui para a ampliação do direito à cidade ao estimular o uso do território; favorece a participação social e a cidadania por meio do desenvolvimento da consciência coletiva e da formação de cidadãos mais responsáveis; e é fundamental na construção de cidades socialmente mais justas e sustentáveis (ANDRADE et al., 2016). E ainda, incentivar a mobilidade ativa é uma oportunidade de promover a saúde individual por meio do aumento da atividade física, contribuindo para ampliar os níveis de aptidão física (COOPER et al., 2006), e de marcadores do bem-estar psicológico (ANDRADE et al., 2016), colaborando para o desenvolvimento integral da saúde e do bem-estar (ANTP, 2017).

Apesar de ainda serem escassos os estudos sobre a mobilidade ativa no Brasil (ANDRADE et al., 2016), sabe-se que 40% dos deslocamentos são feitos por modos não motorizados (a pé ou de bicicleta) (BRASIL, 2015). Tal informação reforça o enorme potencial de se discutir os desafios e possibilidades da prática de mobilidade ativa como uma opção sustentável que valoriza a promoção da saúde e a equidade, ampliando as consciências e fortalecendo uma cultura que priorize a saúde humana e planetária, bem como a qualidade de vida (VILARTA; BOCCALETTO, 2008).

Ao pensarmos em modificar a cultura e democratizar os saberes, imediatamente há a conexão com o papel da escola. A instituição escolar é um importante espaço de convivência que viabiliza a construção e disseminação de saberes que podem potencializar mudanças de ideias e comportamentos visando a constituição de um cenário coletivo mais saudável e sustentável. Embora o ambiente escolar possa reproduzir o modo de pensar e viver do seu contexto, é através da educação que podemos formar cidadãos conscientes, reflexivos e emancipados que busquem transformar o meio em que vivem (BRASIL, 2017).

Assim, a escola tem a oportunidade de desenvolver sua função social de formar cidadãos ativos e participativos, promover a saúde individual e coletiva, e fomentar a sustentabilidade ambiental e econômica, estando fortemente atrelada às principais agendas nacionais e

internacionais contemporâneas como a Promoção da Saúde e a Agenda 2030 (PNUD, 2017; BRASIL, 2011; OPAS, 1995). Nessa direção, a educação física escolar pode contribuir para pensar iniciativas que modifiquem a realidade da saúde humana e planetária a partir das práticas corporais (BATISTELLA, 2007). Não obstante, ainda são bastante escassos os diálogos da educação física escolar com os referenciais da promoção da saúde (BRASIL, 2015) e do desenvolvimento sustentável (PNUD, 2017; ONU, 2015), em particular no que concerne ao tema da mobilidade ativa.

Considerando os aspectos apresentados, a presente pesquisa visa explorar o tema da mobilidade ativa no contexto escolar das crianças, dialogando com referenciais da promoção da saúde e do desenvolvimento sustentável, reconhecendo que a adoção de hábitos saudáveis suplanta a esfera individual e perpassa a formação cidadã, autônoma e participativa, em prol da melhoria do bem-estar individual e coletivo.

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS

Os atuais referenciais teóricos da promoção da saúde (BRASIL, 2015) e do desenvolvimento sustentável (ONU, 2015; PNUD, 2017) compartilham em sua essência a visão ampliada e integrada dos fenômenos humanos, o que torna essencial a religação dos saberes para a consecução de seus objetivos (MORIN, 2017). Nessa perspectiva, o presente capítulo é estruturado a partir do tema da mobilidade ativa² e sua relação com os referenciais da promoção da saúde e do desenvolvimento sustentável. Na sequência, apresentamos a conexão desses temas com programas e iniciativas no ambiente escolar, tais como: o Escola Promotora de Saúde (OPAS, 1995); o Saúde na Escola (BRASIL, 2011; BRASIL, 2009); o Escolas e Comunidades Ativas (PNUD, 2016). Depois, tecemos a relação desses conteúdos com as práticas corporais e a educação física escolar. Por fim, embora não seja um referencial teórico, apresentamos alguns dados sobre saúde e mobilidade ativa no trajeto escolar, incluindo dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (IBGE, 2016).

2.1. Sociedades ativas e cidades sustentáveis: a mobilidade ativa e sua interface com a promoção da saúde e o desenvolvimento sustentável.

A saúde, em um entendimento ampliado, pode ser pensada como um fenômeno complexo centrado na busca da conservação ou expansão da vitalidade humana vista como totalidade irreduzível, considerada parte e expressão, ao mesmo tempo, do meio ambiente natural, social, psíquico emocional e espiritual, cujo estudo requer a articulação de diversos saberes (LUZ, 2007).

Mas o desenvolvimento da sociedade globalizada acarretou transformações na saúde e no estilo de vida das pessoas, e no meio ambiente, favorecendo adversidades como o sedentarismo, o aumento das doenças crônicas não-transmissíveis, e a insustentabilidade ambiental planetária. Os avanços tecnológicos provocaram um paradoxo nas relações do homem com seu corpo, reduzindo os movimentos espontâneos, de trabalho e até mesmo os deslocamentos cotidianos. As rápidas mudanças tecnológicas ampliaram sobremaneira a quantidade de informações fragmentadas, o que dificulta a compreensão interligada das

² O termo “mobilidade ativa” apresentado nessa pesquisa é considerado como sinônimo de “transporte ativo”, compreendido como andar a pé ou de bicicleta (ANDRADE et al., 2016) ou “transporte não motorizado”, utilizado pela Política Nacional de Mobilidade Urbana (BRASIL, 2013). Como o termo “não motorizado” soa como proibido ou negação, optamos por “mobilidade ativa”, que dá ideia de algo mais dinâmico e saudável.

diversas temáticas. Além disso, a cultura do consumo vem esgotando os recursos naturais e alterando o clima no planeta (BAUMAN, 2013).

Esse cenário traz a necessidade de refletir sobre formas de incentivar modos de vida mais ativos, saudáveis e sustentáveis, não numa perspectiva individualista, mas sim, em termos de cidades e sociedades mais saudáveis e sustentáveis (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2012). Nesse sentido, consideramos fundamental estabelecer um diálogo entre mobilidade ativa, promoção da saúde³ e desenvolvimento sustentável. Em concordância, Andrade et al. (2016) destacam:

Dentre todos os temas emergentes do século XXI, um dos mais importantes e estratégicos para a promoção da qualidade de vida no planeta é a mobilidade sustentável. Como planejar os deslocamentos diários das pessoas (especialmente nas cidades) da forma mais inteligente possível a um custo baixo, com agilidade, reduzida emissão de poluentes, gerando saúde e bem-estar? (p.7)

Como a vida de grande parte das pessoas transcorre hoje nas cidades, muitas vezes em grandes metrópoles, é importante compreender o papel das cidades na produção da cultura, das relações sociais, do lazer e das dinâmicas cotidianas que estabelecemos; para além das trocas financeiras e econômicas que nelas transcorrem (ANDRADE; FRANCESCHINI, 2017). Precisamos considerar o desenvolvimento sustentável para garantir o crescimento social e econômico atual sem negligenciar os recursos futuros (PNUD, 2017; ONU, 2015). É importante questionar: “Que mundo estamos deixando para as futuras gerações?”

A crescente urbanização desestabilizou a organização espacial das cidades e conseqüentemente fragilizou a saúde da população. Os seres humanos que planejam as cidades e executam as estruturas urbanas excluem desses processos os principais interessados dos planejamentos: aqueles que nelas habitam. Não ponderam que são cidadãos - que transformam o ambiente, mas que também são sujeitos transformados por eles - que irão usufruir dessa cidade ou por ela se sentirem oprimidos e segregados (BURMANN; CENCI, 2017).

No caminho para o desenvolvimento sustentável⁴, é fundamental repensar iniciativas criativas e sustentáveis, ajustadas com a singularidade de cada contexto, que possam ampliar a consciência coletiva na busca de uma cidade e um mundo mais justos e democráticos. É nessa

³ Promoção da Saúde é um modelo teórico-conceitual e uma iniciativa que sustenta ações e políticas em saúde pública baseada nos determinantes sociais da saúde a partir da participação dos sujeitos na construção das condições de vida e saúde de indivíduos e coletividades (CARVALHO; GASTALDO, 2008).

⁴ O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades. (ONU, 1987).

perspectiva que o referencial dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estreita as relações entre saúde e desenvolvimento sustentável: uma nação sem saúde não alcança seu desenvolvimento básico; e o desenvolvimento sustentável é base para uma vida saudável (PNUD, 2017).

Destaca-se então, que o referencial dos ODS⁵ e seu conjunto de metas previsto na Agenda 2030 convergem com as discussões da promoção da saúde ao considerar que a determinação social influencia a saúde, incluindo aspectos políticos, econômicos, culturais e ambientais de toda população e que as metas a serem alcançadas necessitam de intersectorialidade (envolvem diversos setores) a partir da proposição de estratégias múltiplas que favoreçam a participação social e o desenvolvimento mais equânime da sociedade e do mundo (PNUD, 2017; BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007).

São princípios da promoção da saúde: concepção holística, intersectorialidade, empoderamento, participação social, equidade, ações multi-estratégicas e sustentabilidade (OMS, 1998). Já as características da Agenda 2030 são a universalidade, integralidade e inclusão (ONU, 2015). A universalidade demonstra que a agenda foi elaborada para todo o mundo, respeitando os contextos e singularidades. A integralidade retrata a necessidade de parcerias, compartilhamento de ideias e experiências para o sucesso coletivo da Agenda. A inclusão reforça que ninguém pode ser deixado para trás, por isso, ações devem ser pensadas principalmente para privilegiar as pessoas mais vulneráveis com a finalidade de efetivar a equidade.

A Agenda 2030 e os ODS representam uma decisão histórica sobre um conjunto de objetivos e metas universais, transformadoras, abrangentes, de longo alcance e centrado nas pessoas, no planeta, na prosperidade, na promoção da paz e no estabelecimento de parcerias (ONU, 2016). A Agenda 2030, cujo tema é ‘Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável’, possibilita a renovação do compromisso com a saúde pública e com o desenvolvimento planetário. Nesse momento histórico, é importante que os países fortaleçam as parcerias e que diversos atores sociais realizem diagnósticos das várias temáticas envolvidas e proponham iniciativas eficientes que colaborem para o êxito dessa Agenda.

Os 17 ODS que constituem a Agenda 2030, integrados e indivisíveis, buscam equilibrar as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental. São eles: 1- Erradicação da pobreza; 2- Fome zero e agricultura sustentável; 3- Saúde

⁵ Objetivos de desenvolvimento sustentável foram elaborados a partir dos objetivos de desenvolvimento do Milênio e orientam as ações para os próximos 15 anos em áreas cruciais para o progresso da humanidade e do planeta (ONU, 2015).

e bem-estar; 4- Educação de qualidade; 5- Igualdade de gênero; 6- Água potável e saneamento; 7- Energia limpa e acessível; 8- Trabalho decente e crescimento econômico; 9- Indústria, inovação e infraestrutura; 10- Redução das desigualdades; 11- Cidades e comunidades sustentáveis; 12- Consumo e produção responsáveis; 13- Ação contra a mudança global do clima; 14- Vida na água; 15- Vida terrestre; 16- Paz, justiça e instituições eficazes; 17- Parcerias e meios de implementação (ONU, 2016). Essenciais para a viabilidade de uma sociedade sustentável, os ODS abordam a promoção da saúde e o bem-estar como centrais no fomento das capacidades humanas (PNUD, 2017).

Por sua vez, a perspectiva ampliada de promoção da saúde agrega o entendimento que a saúde depende de diversos aspectos políticos, econômicas, culturais e ambientais (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007; SÍCOLI; NASCIMENTO, 2003). A Promoção da Saúde visa melhorar a qualidade de vida dos indivíduos e coletividades, a partir da elaboração de políticas e programas em defesa da vida e da saúde como direito fundamental que impulsionam a cidadania e priorizam a equidade (BRASIL, 2015), o que foi fortalecido pela Política Nacional de Promoção da Saúde (elaborada em 2006).

Assim, esses dois referenciais defendem que a transformação do cenário urbano atual perpassa pelo resgate de valores que deram origem às cidades a partir de seus contextos reais, mas que podem estar ameaçados pela globalização. A integração da urbanização com o desenvolvimento sustentável baseado em ambientes saudáveis e qualidade de vida deve ser garantida por meio do direito à cidade como aspecto fundamental a todos os cidadãos. E o direito à cidade deve ser consolidado por meio de planejamentos urbanos em todas as regiões da cidade, especialmente nas periferias (BURMANN; CENCI, 2017).

Políticas públicas devem ser pensadas para acabar com a pobreza, estimular a prosperidade e bem-estar, preservar o meio ambiente e amenizar as mudanças climáticas. Esse plano de ação de desenvolvimento para as pessoas e para o planeta deve concretizar os direitos humanos e disseminar a paz mundial e a liberdade. Na perspectiva de assegurar o lema dos ODS - “Não deixar ninguém para trás” - devemos priorizar a inclusão social e a amenização das desigualdades, oportunizando os menos favorecidos a serem valorizados nesse processo que visa construir um mundo mais justo e saudável (ONU, 2015). É fundamental compartilhar estratégias participativas que impulsionem ações que colaborem para o desenvolvimento planetário.

Dentro do programa Cidades Sustentáveis, destaca-se o eixo ‘melhor mobilidade, menos tráfego’, que indica como objetivo geral promover a mobilidade sustentável,

reconhecendo a interdependência entre os transportes, a saúde, o ambiente e o direito à cidade. Já o eixo ‘saúde’ tem o objetivo de proteger e promover a saúde e a ‘educação para a sustentabilidade e a qualidade de vida’ buscando integrar na educação formal e não formal valores e habilidades para um modo de vida sustentável (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2012). Tais aspectos apontam a indissociabilidade entre os temas mobilidade, saúde e sustentabilidade.

Em acréscimo, a Política Nacional de Mobilidade Urbana destaca que “os modos de transportes não motorizados devem ter prioridade sobre os motorizados, e os serviços de transporte público coletivo sobre o transporte individual motorizado” (BRASIL, 2013, p.3), destacando ainda a necessidade de integração com as demais políticas urbanas. Mas ao transpor esses ideários e diretrizes para o contexto local, aterrissamos nas cidades. Os objetivos tornam-se então: traduzir o conhecimento, sensibilizar, mobilizar e desenvolver estratégias que contribuam para o desenvolvimento econômico, social e ambiental sustentáveis das cidades. E, à medida em que as cidades vão crescendo em tamanho e população, aumenta também a dificuldade de se manter o equilíbrio espacial, social e ambiental (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2012).

Um dos elementos centrais na manutenção do equilíbrio desejado em cidades saudáveis e sustentáveis é a organização da mobilidade urbana, especialmente em países como o Brasil, que há um aumento de 3,5 milhões de veículos novos por ano, bem como uma frota atual de 75 milhões de veículos (BRASIL, 2013). “A maneira de se locomover no espaço urbano sempre foi um importante definidor da forma das cidades” (ANDRADE et al., 2016, p. 131). “Se entendermos as cidades como sistemas vivos, não seria exagero dizer que o comprometimento das artérias debilita o organismo inteiro” (ANDRADE et al., 2016, p. 7). E justamente nesse aspecto, a ineficiência dos planejamentos das cidades diante da crescente urbanização do Brasil provocou um cenário preocupante:

O resultado é um nó do tamanho do Brasil. Num país urbano (85% dos brasileiros vivem em cidades) replicamos como metástase um modelo fracassado de mobilidade que já faz estragos até em lugares onde o planejamento sempre foi exaltado como marca registrada, casos de Curitiba e Brasília. Longas jornadas de ida e volta geram cansaço e depressão (ANDRADE et al., 2016 p. 7).

O crescente tempo gasto nos deslocamentos diários, o agravamento dos problemas ambientais e o aumento das doenças crônicas não transmissíveis como consequência da inatividade física são alguns fatores que trazem a necessidade de discutir a mobilidade ativa no contexto dos ODS e da promoção da saúde. Acreditamos que a mobilidade ativa e sustentável é uma ferramenta que viabiliza a qualidade de vida no planeta e torna-se um desafio crucial

para construir cidades mais justas e sustentáveis (ANTP, 2017) e sociedades e cidadãos mais empoderados e saudáveis (ANDRADE et al., 2016), afinal, “A bicicleta promove a reflexão sobre os hábitos de vida e o rompimento com o consumo irresponsável.” (UCB, 2016, p. 6)

Mas o que é necessário para construirmos a cidade que almejamos? De acordo com Burmann e Cenci (2017):

A cidade que queremos implica na reconstrução dos sujeitos cidadãos, participantes da cidade, artífices de seu hábitat, titulares do presente e do futuro. De cidadãos que possibilitem a emersão de valores que possam tornar efetivos o direito à cidade sustentável, como a solidariedade, a paz e o diálogo entre os povos... de cidadãos que permitam a expressão dos diversos estilos de vida humana, com qualidade e de maneira duradoura... de cidadãos que desenvolvam a capacidade de pensar, valorizar, agir e participar na política socioambiental. Enfim, de cidadãos do mundo e para o mundo, indivíduos com comprometimento ético, responsável e solidário com o outro e com o meio ambiente enquanto um todo. (p. 101)

E para a consecução desse desafio, acreditamos ser necessário um processo educativo emancipador e crítico, onde as escolas cumpram sua missão de formar cidadãos autônomos e reflexivos que reconheçam que o atual modelo de planejamento urbano é ineficiente por não conseguir viabilizar a mobilidade, buscando pensar alternativas a esses desafios. É emergente repensar novos modelos de deslocamentos e inserir o ser humano no centro do planejamento urbano, incluindo a bicicleta e a caminhada como elementos de integração e inclusão da população no espaço público, resultando em melhor qualidade de vida urbana (ANDRADE et al., 2016).

É interessante destacar que “A bicicleta está muito ligada com a transformação das cidades” (UCB, 2016, p. 2). E ainda, “Caminhar é a forma mais democrática, saudável, econômica e sustentável de se deslocar pelas cidades” (COMO ANDA, 2017). Além disso, “o deslocamento a pé ainda é o transporte mais comum utilizado para o brasileiro se locomover” (ANTP, 2017) pois, mesmo integrado com outro modo de transporte, todas as pessoas são pedestres de alguma forma. Não obstante, a mobilidade a pé no Brasil é desvalorizada em detrimento da valorização da mobilidade motorizada (ANTP, 2017). A construção de uma cultura que aprecia o carro, somada à falta de consciência crítica das pessoas e à ineficiência dos serviços de transporte coletivo perpetua e agrava a situação da mobilidade nos grandes centros urbanos.

Alguns estudos recentes – como este sobre obesidade infantil publicado na revista *The Lancet* (ABARCA-GÓMEZ et al., 2017) – já conseguem articular uma quantidade de evidências sobre esse tema. Vejamos: o estudo conclui que as mudanças comportamentais

serão duradouras se considerarmos a influência social e o contexto ambiental; que devem haver mudanças culturais em torno dos padrões comportamentais (tais como escolhas alimentares e prática de atividade física); que as escolas (e as famílias) tem papel relevante nessa transformação, e que a infância é o momento fundamental para desenvolver hábitos saudáveis por toda vida, desde que os ambientes em que as crianças vivem sejam favoráveis a isso.

Além disso, esse estudo aponta que o desenvolvimento de infraestrutura (ciclovias e trilhas, melhora no transporte público e no planejamento urbano), articulando iniciativas regionais, nacionais e globais, viabiliza a mobilidade ativa na rotina das crianças e cria ambientes que estimulam a vida mais saudável. Como exemplo comparam países como a Holanda - onde o ciclismo é prioridade como meio de transporte - com países que o transporte motorizado é primordial - como os Estados Unidos – e concluem que a adoção de uma cultura de mobilidade ativa incentiva um maior número de crianças e adolescentes a praticar esportes e brincadeiras ativas (ABARCA-GÓMEZ et al., 2017).

As crianças necessitam de um ambiente seguro e saudável para que elas cresçam e se desenvolvam plenamente. Ao considerar a infância como uma construção social, uma vez que as crianças devem ser atores sociais plenos, competentes ativos e com 'voz', retornamos ao papel central do processo educativo na consolidação dessa cidadania. A cidadania ativa e crítica propicia que crianças e jovens sejam protagonistas na sociedade, efetivando a promoção de direitos para a infância, e quebrando com o conceito tradicional de imaturidade e vulnerabilidade (SARMENTO; SOARES; TOMÁS, 2004).

Considerando que o trajeto escolar influencia a mobilidade de toda a cidade diariamente, e que o percurso durante o período letivo afeta significativamente o fluxo urbano, ampliando os índices de acidentes e violência no trânsito, impactando a vida e a saúde das populações, achamos importante problematizar esse tema a partir do olhar da educação (em particular da educação física) e da saúde em suas perspectivas críticas e ampliadas.

2.2. Promoção da saúde e desenvolvimento sustentável: diálogos com projetos e iniciativas no contexto escolar.

Uma sociedade que privilegia o diálogo do desenvolvimento sustentável com a promoção da saúde deve oportunizar a participação dos diversos atores na elaboração de estratégias inovadoras que objetivem ampliar o bem-estar, priorizando a qualidade de vida e colaborando para amenizar as iniquidades na construção de um mundo mais justo e saudável (BRASIL, 2017; BRASIL, 2015). Adotar a promoção da saúde como princípio no contexto

escolar pode favorecer a formação de cidadãos empoderados que proponham ações educativas coletivas a partir das necessidades daquela comunidade, integralizando a saúde e a educação com a finalidade de ampliar a saúde física, mental, social e espiritual dos mesmos, despertando-os para a responsabilidade social com o desenvolvimento sustentável.

A escola comprometida com a formação cidadã e humana deve contextualizar a temática da promoção da saúde e dos ODS em suas práticas pedagógicas, uma vez que as iniciativas serão mais efetivas se forem pensadas para aquelas crianças, modificando atitudes e construindo nova cultura desde a infância, para que, a longo prazo, tenhamos uma sociedade que alcance o desenvolvimento sustentável. Assim, Vilarta e Boccaletto (2008) discorrem:

A abordagem científica do tema da “qualidade de vida na escola” deve fazer parte de um diagnóstico onde toda a comunidade opina, visando identificar as principais necessidades e facilitando a decisão sobre a destinação dos recursos para atender às demandas e aos projetos estratégicos voltados para a promoção da saúde a partir da implantação de uma política pública saudável. (p. 30)

Nesse pensar, a escola se destaca como *locus* privilegiado de formação e desenvolvimento humano e, assim, deve fomentar ações educativas que favoreçam a construção de ambientes saudáveis e sustentáveis em todo contexto escolar e comunitário, bem como de comportamentos que sejam promotores da saúde de forma sustentável e que perdurem por toda a vida (PNUD, 2017). Contudo, a complexidade dos papéis da escola no mundo contemporâneo traz a necessidade de efetivar práticas educativas em saúde que superem o modelo cartesiano, individualista e prescritivo e que almejem uma educação que transversalize a saúde, e que seja libertadora e transformadora, construindo coletivamente conhecimentos que reflitam o contexto real, buscando a formação de cidadãos autônomos em sua vida (BRASIL, 2007). Assim, apresentamos aqui algumas iniciativas no contexto escolar da América Latina e do Brasil que dialogam com essa visão de escola.

O projeto Escolas Promotoras de Saúde é uma iniciativa da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) para viabilizar a promoção da saúde no contexto escolar, fortalecendo seu compromisso social com toda comunidade com a finalidade de impulsionar os processos de educação em saúde por meio de estratégias coletivas (OPAS, 1995). Ao propor ações de saúde escolar que vão além da atenção médica, as Escolas Promotoras de Saúde no Brasil criam e disseminam experiências educativas que proponham a promoção da saúde como ferramenta essencial na aquisição de comportamentos saudáveis, auxiliando na formação de estudantes reflexivos, autônomos e transformadores (BRASIL, 2007).

Nessa mesma direção, embora já participasse da iniciativa internacional das Escolas Promotoras de Saúde, o Brasil instituiu, em 2007, o Programa Saúde na Escola, que considera a escola como espaço de formação política e crítica, e de construção de valores. A intersectorialidade da educação com a saúde possibilitou que o Programa Saúde da Família (pertencente ao SUS) trabalhasse de forma integrada com a escola por meio do Programa Saúde na Escola na consecução da garantia dos direitos humanos fundamentais (BRASIL, 2011). Na busca de integrar o SUS com a escola, especificamente no Programa Saúde na Escola (BRASIL, 2009, p.9), temos:

... as Equipes de Saúde da Família assumem o protagonismo e a responsabilidade pela coordenação do cuidado dos escolares, além do desafio de um processo de trabalho que considere a integralidade das ações, o cuidado longitudinal e o acesso dos escolares às ações específicas do Programa Saúde na Escola, considerando suas diretrizes e prioridades em cooperação com os profissionais da educação.

O Programa Saúde na Escola impulsiona as ações de promoção da saúde escolar aos alunos da rede pública de ensino, por meio do empoderamento de toda comunidade escolar, ressaltando as discussões sobre a efetividade das iniciativas propostas pelo Programa Saúde da Família. Para tal, as ações do Programa Saúde na Escola, em todas as dimensões, devem estar inseridas no projeto político-pedagógico de cada escola (BRASIL, 2011).

Outra iniciativa que contribuiu para a consolidação da ideia de escola que prioriza iniciativas que promovam saúde é o Projeto Escolas e Comunidades Ativas (PNUD, 2016). Este projeto considera o esporte e a atividade física como direitos essenciais ao desenvolvimento humano e a uma vida saudável. As práticas corporais são importantes instrumentos para fortalecer relações entre a diversidade de povos, promovendo a paz e a identidade cultural. Oportunizar essas práticas fazem parte do direito essencial para o desenvolvimento dos estudantes e da sociedade (PNUD, 2016).

O referido projeto também busca criar experiências exitosas com o movimento, a atividade física e o esporte no contexto escolar, sendo realizado com crianças de 6 a 12 anos, para que elas aprendam a gostar do movimento, despertando para os benefícios de saúde individual e coletiva, e também auxiliando na construção de futuras gerações fisicamente ativas (PNUD, 2017). Inspirado em uma experiência piloto no Rio de Janeiro, o projeto discute os benefícios da atividade física e do esporte para o desenvolvimento humano de forma ampla em prol de uma sociedade mais desenvolvida (PNUD, 2016). O pensamento que sustenta o projeto é:

O ser humano foi feito para se movimentar. A prática de atividade física é comprovadamente um fator de desenvolvimento humano que promove benefícios físicos, emocionais, sociais e intelectuais. O Projeto Escolas e Comunidades Ativas surge alinhado a esta visão e propõe a inserção do movimento dentro da sala de aula, assim como atividades orientadas para o esporte educacional, reconhecendo a importância de criar experiências positivas com a prática de atividade física na infância. (PNUD, 2016, p. 74)

O Projeto destaca ainda que o aumento da inatividade física no Brasil e no mundo vem impactando a saúde e o desenvolvimento global. “É preciso alinhar esforços e trabalhar coletivamente para criarmos um mundo onde a atividade física seja priorizada e integrada na rotina das pessoas” (PNUD, 2016, p. 15). Se as crianças têm direito ao acesso às práticas corporais, a escola deve garantir esse direito. O espaço escolar deve oportunizar a criação de ambientes saudáveis acolhedores e inclusivos, assim como desenvolver ações educativas que estimulem o movimento em todo contexto escolar (PNUD, 2016).

O Brasil vem desenvolvendo políticas públicas que priorizem a promoção das práticas corporais na escola, propondo a intersetorialidade nas ações que vão além do monitoramento da saúde do escolar, mas que favoreçam a promoção da saúde na escola (PNUD, 2017). Nessa direção, a ideia de pesquisar a promoção da saúde e da sustentabilidade no contexto escolar incentiva a elaboração de iniciativas que priorizem a participação social e o bem-estar das comunidades. Ampliar as discussões sobre mobilidade ativa no cenário escolar é uma ideia que pode fortalecer os projetos de saúde e de educação ao semear ações que induzam a construção de uma nova cultura saudável em toda comunidade escolar. Para tal, a criação de ambientes saudáveis que estimulem a convivência harmoniosa por meio de vínculo emocional e cognitivo nas relações das crianças pode ser fundamental no sucesso das iniciativas.

Nessa perspectiva, acreditamos que propiciar e fortalecer vivências cotidianas de práticas corporais e disseminar a ideia de uma comunidade escolar ativa, consciente, saudável e sustentável pode ser papel do ambiente escolar e, em particular, estar contemplado no componente curricular da disciplina de educação física. “A atividade física também é objeto de várias políticas de promoção da vida saudável e tem na escola um importante ponto de apoio e disseminação” (IBGE, 2016, p. 36). Portanto, discutir sobre a mobilidade ativa no contexto escolar pode colaborar com a mudança de hábitos, a socialização e o empoderamento dos estudantes na busca por uma vida mais ativa, saudável e sustentável.

2.3. A mobilidade ativa e sua integração com as práticas corporais e a educação física na perspectiva da promoção da saúde e do desenvolvimento sustentável.

Os benefícios das práticas corporais como elementos de promoção da saúde e do desenvolvimento sustentável são evidentes. As práticas corporais podem influenciar no interesse, comportamento e concentração dos escolares, podendo diminuir a evasão escolar e os sintomas de depressão, bem como contribuir para o desempenho acadêmico e para o desenvolvimento humano saudável (PNUD, 2016).

Assim, “o estímulo à prática de atividade física durante a juventude deve ser uma prioridade em saúde pública” (HALLAL et al., 2006, p. 1277), uma vez que comportamentos adquiridos durante a infância e adolescência podem perdurar até a idade adulta, inclusive a prática de atividade física (LOBO, 2016). A infância é a fase ideal para quebrar o ciclo da inatividade física, pois no período entre 6 e 12 anos a criança constrói hábitos, gostos e preferências que se mantêm por toda vida. Portanto, possibilitar experiências positivas com a atividade física nessa etapa da vida é fundamental. Ao serem envolvidas em práticas corporais, as crianças aprendem a se movimentar e também a gostar do movimento, criando futuras gerações fisicamente ativas (PNUD, 2016).

Neste sentido, a educação física escolar tem um papel fundamental na criação de gostos, nas experiências com as práticas corporais, na autonomia, e na oportunidade de permitir que a criança compreenda e adquira postura crítica sobre a importância que as práticas corporais podem ter na vida das pessoas. Porém, se a educação física não cumprir bem o seu papel, pode induzir a criança a se afastar das práticas corporais (PALMA, 2017). O direito a uma vida ativa deve ser garantido a partir de ambientes que favoreçam as opções saudáveis no cotidiano. Assim, oferecer práticas corporais na busca de qualidade de vida para as crianças perpassa por efetivar ações que garantam a acessibilidade a todos nos aspectos ambiental, econômico e social, ‘sem deixar ninguém para trás’ (ONU, 2016).

Na perspectiva do desenvolvimento sustentável, estimular as práticas corporais entre os estudantes pode contribuir com a consecução de diversos ODS, especialmente o de saúde e bem-estar (ODS 3), educação de qualidade (ODS 4) e cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11). Mas também com a igualdade de gênero (ODS 5), redução das desigualdades (ODS 10), ação contra a mudança global do clima (ODS 13), vida terrestre (ODS 15) e paz, justiça e instituições eficazes (ODS 16) (PNUD, 2017). Disseminar as práticas corporais no contexto escolar pode promover a inclusão e contribuir na garantia da equidade (pessoas), no incentivo à preservação do meio ambiente (planeta), na ampliação da qualidade de vida da comunidade

escolar (prosperidade), na propagação da paz e da justiça (paz) e no entrosamento dos diversos atores (parceria) com a finalidade de amenizar as desigualdades sociais (PNUD, 2017).

A educação física escolar tem a oportunidade de liderar as discussões sobre mobilidade ativa como prática que colabora com a promoção da saúde e da sustentabilidade das crianças diariamente. Uma ideia viável é a inserção dessas temáticas nos conteúdos curriculares de forma transversal, a partir de estratégias interessantes que ofereçam experiências com a mobilidade ativa como oficinas, passeios, palestras e momentos de lazer que priorizem vivências como caminhada em grupo, e também o uso de bicicletas, patins, skates, dentre outros. Nesse caminho, a mobilidade ativa é uma prática corporal que terá uma relação benéfica com a saúde, a socialização, a cognição, a sustentabilidade e a qualidade de vida das pessoas, a partir de práticas educativas propostas pelo professor de educação física.

Assim, fomentar iniciativas que incentivem a mobilidade ativa no trajeto escolar possibilita o fortalecimento do ODS 3, que impulsionará a promoção da saúde e bem-estar, o que é fundamental para o alcance de todos os outros objetivos. Uma sociedade saudável é a essência para alcançar as metas propostas na busca de um mundo mais sustentável. Assim, essas práticas corporais são primordiais na constituição de escolas mais ativas na busca de uma educação de qualidade e inclusiva, que propicie o desenvolvimento de meninos e meninas e alcance uma aprendizagem significativa, contribuindo para a diminuição das desigualdades.

A mobilidade ativa no caminho para escola oportuniza explorar ambientes públicos e conscientizar para adaptação às modificações climáticas e preservação do meio ambiente. A OMS reitera que realizar um compromisso com os ODS é abraçar a responsabilidade pela saúde ambiental das crianças, o que acarretará em melhor qualidade de vida coletiva no futuro (OMS, 2017). Além disso, as práticas corporais devem ser prioridade para os grupos mais vulneráveis, como crianças e mulheres que têm poucas possibilidades de lazer (PNUD, 2017). Incentivar a mobilidade ativa pode ser uma estratégia para ampliar os níveis de atividade física e obter benefícios à saúde tanto na perspectiva biofisiológica, quanto nas esferas social e ambiental (SÁ, 2016).

Diante disso, a mobilidade ativa como promotora de saúde aliada ao desenvolvimento sustentável é um desafio complexo e um tema importante na instituição escolar para colaborar na formação de cidadãos conscientes e saudáveis. Desse modo, Trocado (2012) corrobora:

...entende-se que uma parte substancial das questões de mobilidade deve ser trabalhada a partir das escolas, uma vez que, este é o modo mais assertivo para se intervir no sentido de alterar os hábitos e comportamentos de mobilidade nas crianças e nos próprios pais. (p.128)

O contexto escolar como espelho da sociedade deve privilegiar ações educativas que incentivem as práticas corporais como a mobilidade ativa no trajeto escolar, possibilitando a formação de estudantes protagonistas que compreendam a importância da promoção da saúde na construção de um mundo mais igualitário e sustentável. A reflexão sobre essa temática oportunizará a criação de hábitos saudáveis e sustentáveis em toda comunidade escolar. Desse modo, Trocado (2012) ainda contribui:

Para além da promoção da atividade física nas deslocções casa-escola, são também acionadas medidas de mobilidade sustentável. O objetivo é incorporar a sustentabilidade nas opções modais e na saúde das crianças, jovens e respectivas famílias. (p.125)

Nesse cenário, ao protagonizar as discussões sobre mobilidade ativa, a educação física também pode dialogar acerca do crescente sedentarismo e sua relação com as doenças crônicas não-transmissíveis, incentivando comportamentos saudáveis. Vilarta e Boccaletto (2008) complementam:

Nesse sentido, a adoção de estratégias de ensino que possam contemplar uma fundamentação mais consistente, que desenvolva atitudes positivas quanto à prática da atividade física relacionada à saúde durante os anos de escolarização, é um importante requisito para uma participação mais efetiva na idade adulta. (p. 39)

Há a necessidade de que os professores de educação física se preocupem em avaliar a motivação para a prática de atividades físicas de seus alunos e analisar as causas e consequências das situações encontradas para a elaboração de ações efetivas em promoção da vida ativa entre crianças e jovens. (p. 109)

Discutir mobilidade ativa dos e com os estudantes pode ser uma importante ideia na tentativa de empoderamento da comunidade escolar, efetivação da participação social e construção de ambientes mais saudáveis a partir dos princípios da promoção da saúde, fomentando ações que contribuam para a diminuição do sedentarismo, amenizando as doenças crônicas não transmissíveis e melhorando a qualidade de vida das crianças e suas famílias. Pesquisar sobre a mobilidade do estudante como uma necessidade contemporânea, favorece o alcance de novos níveis de percepção e consciência, propiciando o desenvolvimento de valores e atitudes que ampliem os olhares na construção de um mundo mais sustentável. Portanto, envolver as crianças nas discussões sobre os ODS e a promoção da saúde a partir da mobilidade ativa pode favorecer a constituição de cultura e de hábitos saudáveis que garanta um futuro melhor. (HALLAL et al., 2010; HALLAL, 2005; BRASIL, 2017).

No entanto, quando se pensa em mobilidade ativa, também vem junto a reflexão das adversidades que acompanham essa temática, em particular a segurança na mobilidade urbana.

Principalmente se considerarmos o contexto brasileiro onde, via de regra, a população mais carente é que utiliza a mobilidade ativa (SÁ et al., 2016). A prática corporal livre e consciente, vivenciada como um direito, que não se limite à falta de recursos financeiros, de tempo e de oportunidades, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento humano em seus diversos aspectos (PNUD, 2017). A partir disso, questionamentos são levantados: mobilidade ativa para quem? Mobilidade ativa onde? Em quais condições? Enfim, mobilidade ativa, nos moldes da sociedade brasileira, realmente promove saúde?

Em âmbito local, é essencial que o professor de educação física problematize acerca da mobilidade ativa, discutindo sobre suas características e possibilidades, ponderando os facilitadores e barreiras que perpassam por esse modo de deslocamento. Com isso, acredita-se que essa disciplina contribuirá no processo formativo das crianças como cidadãos que visem comportamentos mais saudáveis, na busca de constituir contextos escolares com melhores estilos de vida. Vale ainda pontuar a importância do desenvolvimento de políticas públicas que incentivem a mobilidade ativa e segura no trajeto escolar. Segundo Andrade et al (2016; p. 9): “o futuro depende de gente que transforme diagnóstico em política pública”.

2.4. Alguns dados sobre saúde e mobilidade ativa no trajeto escolar

O sedentarismo vem aumentando em diversos grupos populacionais e é um dos responsáveis pelo aumento das doenças crônicas não transmissíveis, causas de grandes custos humanos e econômicos na saúde pública (OMS, 2005). Ao relatar que os custos financeiros da inatividade física são um desafio para saúde, a Organização Pan Americana de Saúde informa que “Globalmente, estima-se que a inatividade física custe US\$ 54 bilhões em assistência médica direta, dos quais 57% são incorridos pelo setor público e outros US\$ 14 bilhões são atribuídos à perda de produtividade.” (OPAS, 2018)

Dados acerca da saúde do estudante brasileiro disponíveis na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) - um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde e apoio do Ministério da Educação em três edições: a primeira em 2009, a segunda em 2012 e a última em 2015, com escolares do 9º ano, e com escolares de 13 a 17 anos que frequentam escolas públicas e privadas do Brasil – mostram: 23,7% (por volta de 3 milhões) desses adolescentes tem excesso de peso, enquanto 8,3% dos meninos e 7,3% das meninas são considerados obesos (IBGE, 2016). Em acréscimo, 9,1% das crianças de 0 a 5 anos; 9,7% de 6 a 13 anos e 11% dos adolescentes de 14 a 19 anos tem alguma doença crônica (IBGE, 2010).

Em relação à atividade física realizada nos últimos sete dias (baseada em três domínios: deslocamento de/para escola, aulas de educação física escolar e outras atividades físicas extraescolares) a PeNSE indica que 60,8% dos escolares são insuficientemente ativos e 4,8% são completamente inativos (IBGE, 2016). Em acréscimo, uma pesquisa mundial afirma que somente 25% dos jovens de 11 anos e 16% dos de 15 anos atingem a recomendação ideal de prática de atividade física (OMS, 2016).

Tais resultados tornam-se ainda mais alarmantes se considerarmos que, ao ficarem mais velhos, as crianças e jovens tendem a piorar seus níveis de atividade física e ampliar as prevalências de doenças crônicas. Dados do sistema de vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico (VIGITEL) apontam que mais da metade dos brasileiros adultos estão acima do peso; 24,3% são hipertensos; e que, de 2008 para 2016 a quantidade de obesos aumentou em 42% e a quantidade de diabéticos aumentou em 48% (BRASIL, 2017).

Além disso, há também um quadro de adoecimento no sistema educacional global que vem chamando a atenção atualmente: a explosão de casos de depressão e suicídios entre jovens estudantes, uma vez que o “suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 19 anos” (OMS, 2016). Assim, é necessário desenvolver políticas vinculadas à promoção da saúde que amenizem essas doenças crônicas e reduzam os custos com a saúde pública no Brasil (BRASIL, 2017).

Somado à atividade física e vários outros comportamentos como alimentação, uso de drogas e comportamento sexual, a PeNSE também discorre acerca da violência e segurança no trânsito e do *bullying*, apresentando dados que demonstram que todos esses aspectos intensificam os riscos à saúde física e mental desses estudantes. Tais dados nos convidam a refletir sobre o papel da escola em “...proporcionar um ambiente saudável e seguro para o aprendizado e desenvolvimento pleno das crianças, protegendo-as de situações que representem riscos a sua saúde física e psicológica” (IBGE, 2016, p. 32).

Realizamos uma revisão de literatura com a finalidade de conhecer melhor os estudos produzidos sobre mobilidade ativa no trajeto escolar nas Américas, selecionando 16 estudos que tinham relação com a saúde: 13 estudos foram desenvolvidos na América do Norte (nove os Estados Unidos, três no Canadá e um no México); e três estudos foram realizados no Brasil (América do Sul). Dos 16 estudos selecionados, a maioria discorre sobre a relação da mobilidade ativa escolar com os níveis de atividade física, obesidade/sobrepeso e

barreiras/facilitadores. Dez deles são estudos secundários, as amostras variam entre 59 e 61.301 participantes e oito estudos contam com a participação dos pais na coleta de dados.

Constatamos nessa revisão alguns aspectos metodológicos das pesquisas: todos os estudos foram de abordagem quantitativa, sendo dois longitudinais, que são importantes para trazer dados de diferentes momentos, favorecendo a comparação de informações; e cinco pesquisas utilizaram entrevistas.

Além disso, nove estudos apresentam a prevalência de mobilidade ativa no trajeto escolar, variando entre 10% nos Estados Unidos (EVERETT JONES; SLIWA, 2016) e 75,7% no Brasil (STREB et al., 2016). Destaca-se que nos EUA a minoria dos alunos pratica mobilidade ativa escolar (YANG et al., 2016; EVERETT JONES E SLIWA, 2016; DEWEESE; OHRI-VACHASPATI, 2015; OLUYOMI et al., 2014), enquanto no México (JÁUREGUI et al., 2015), no Brasil (FERREIRA et al., 2018, STREB et al., 2016; SILVA et al., 2014) e no Canadá (COZMA et al., 2015) as frequências de mobilidade ativa escolar são maiores.

Com a finalidade de explorar melhor os estudos sobre a referida temática, buscamos conhecer as barreiras e facilitadores dessa mobilidade ativa escolar, encontrados em onze estudos. A principal dificuldade encontrada foi a distância (WILSON; CLARK; GILLILAND, 2018; YANG et al., 2016; JÁUREGUI et al., 2015; MITRA; BULIUNG, 2015). Outras adversidades também são obstáculos para viagem escolar ativa: maior tempo de viagem, maior idade, maior nível de escolaridade da mãe, posse de veículo, melhor status econômico, zona urbana ou região norte do México (JÁUREGUI et al., 2015), bem como o *bullying* (COZMA et al., 2015); além da presença de animais vadios/perigosos (OLUYOMI et al., 2014) e ter etnia latina (MENDOZA; COWAN; LIU, 2014).

A percepção dos pais sobre o trajeto escolar influencia mais no tipo de deslocamento dos estudantes do que a percepção das próprias crianças (WILSON; CLARK; GILLILAND, 2018). E também, quando os pais praticam mobilidade ativa incentiva as crianças a praticarem esse modal no caminho escolar (HENNE et al., 2014). Algumas barreiras apontadas pelos pais são: devem ficar dentro do campo de visão dos pais ou da casa e mais horas de trabalho dos pais (HENNE et al., 2014).

Em acréscimo, são indicados como facilitadores da mobilidade ativa escolar: crianças mais velhas (HENNE et al., 2014), sem irmãos e sem veículos (WILSON; CLARK; GILLILAND, 2018); escolas e crianças de grandes cidades, com menor satisfação familiar ou que tem maior número de dias fisicamente ativos (YANG et al., 2016); ser da área rural e escolaridade da mãe a partir de 8 anos (MENDOZA; LIU, 2014). Nesse sentido, um estudo

(MENDOZA; COWAN; LIU, 2014) apresenta que ser homem, presença de um adulto, expectativa dos desfechos dos pais e a temperatura podem estimular para a mobilidade ativa escolar. E também são fatores que incentivam essa prática: relato dos pais sobre “mais calçadas conservadas”, “cruzamentos seguros”, “nenhum problema com quantidade e velocidade do tráfego, calçadas/caminhos, cruzamento/segurança e guarda de cruzamento”. (OLUYOMI et al., 2014).

Almejamos relacionar a mobilidade ativa escolar com a saúde, verificando que essa prática (independente da distância) está associada positivamente aos níveis de atividade física (LEE; LI, 2014; DUNCAN et al., 2016) e negativamente com a chance de sobrepeso/obesidade (STREB et al., 2016; JÁUREGUI et al., 2015; MENDOZA; LIU, 2014; MENDOZA; COWAN; LIU, 2014). Jáuregui et al. (2015) evidenciam que cada minuto a mais de mobilidade ativa, diminui em 1% a chance de sobrepeso/obesidade, enquanto Deweese e Ohri-Vachaspati (2015) indicam que o trajeto escolar ativo maior que meia milha (804 m) reduz em 65% a chance de estar acima do peso/obeso. Mobilidade ativa no jardim de infância foi associado a menor Índice de Massa Corporal na 5ª série (MENDOZA; LIU, 2014) e a distância do trajeto escolar ativo por volta de 2 km foi associada a melhores níveis de atividade física relacionada à mobilidade ativa (aumento de 9% a 15% nos dias da semana) (DUNCAN et al., 2016).

Ademais, na tentativa de compreender as adversidades da prática diária de mobilidade ativa no Brasil, a PeNSE apresenta uma relação entre o trajeto diário e a insegurança que é vivida pelos estudantes brasileiros:

Os resultados mostraram que, no País, o percentual de estudantes do 9º ano do ensino fundamental que declararam deixar de ir à escola, pelo menos um dia, nos 30 dias anteriores à pesquisa por não se sentirem seguros no caminho de casa para a escola ou da escola para casa foi de 14,8%. Esse percentual, é de 15,8% para alunos de escolas públicas e de 9,0% para os de escolas privadas. Deixaram de ir à escola, 11,5% dos escolares porque não se sentiram seguros no trajeto casa-escola-casa, e 9,5%, porque não se sentiram seguros no ambiente escolar (IBGE, 2016, p. 67).

Diante dessa revisão de literatura, averiguamos que existem poucos estudos sobre essa temática, especialmente que relacione a mobilidade ativa com a saúde, apesar de ser um tema emergente e importante. Há a necessidade de produzir mais estudos, pois é crucial entender a realidade da mobilidade ativa no trajeto escolar, para que evidências possam orientar a elaboração de ações efetivas que primem pela ampliação dessa prática no cotidiano das crianças.

3. OBJETIVOS

3.1. Geral

Analisar aspectos da mobilidade ativa das crianças no trajeto escolar, em particular como prática corporal promotora da saúde e do desenvolvimento sustentável.

3.2. Específicos

- Descrever a mobilidade no trajeto escolar das crianças, com ênfase na mobilidade ativa.
- Conhecer aspectos do trajeto escolar que impactam a mobilidade ativa no olhar das crianças.
- Refletir sobre o potencial da mobilidade ativa como prática corporal promotora da saúde e do desenvolvimento sustentável.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como características metodológicas sua natureza descritiva, uma vez que se propõe a realizar uma primeira aproximação com o tema mobilidade ativa no contexto escolar e descrever características dessa população. As abordagens da pesquisa têm elementos quantitativos e qualitativos, sendo autônomos e complementares com a finalidade de colaborar para alcançar os objetivos propostos (FLICK, 2009). Esse capítulo está organizado em três tópicos complementares: a aproximação ao contexto e população e as etapas quantitativa e qualitativa do estudo.

4.1. Contexto e população da pesquisa

Primeiramente houve aproximação e registro do contexto onde foi realizada a pesquisa: a cidade de Anápolis, Goiás (GO); mais especificamente, a rede de escolas que compõem a Secretaria Municipal de Educação. Anápolis é uma cidade privilegiada geograficamente por se situar entre Goiânia (capital do estado de Goiás) e Brasília (capital do país). O município tem 111 anos e uma população de 370.875 pessoas. Considerado o 5º melhor Produto Interno Bruto do Centro-Oeste, o desenvolvimento de Anápolis se destaca pela presença do Distrito Agroindustrial e da Base Aérea.

A rede municipal de ensino de Anápolis possui 101 instituições: 40 Centros Municipais de Educação Infantil e 61 escolas. Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, em 2016 essa rede de ensino possuiu 35.541 alunos, sendo 7.870 alunos da educação infantil (com idade até cinco anos), 20.561 alunos dos anos iniciais (1º ao 5º ano) e 6.075 alunos dos anos finais (6º ao 9º ano), distribuídos em 787 turmas dos anos iniciais e 193 turmas dos anos finais. As escolas foram construídas de acordo com as necessidades das regiões: Região Sul, 15 escolas; Região Norte, 23 escolas; Região Leste, 13 escolas; Região Oeste, 3 escolas; Região Central, 3 escolas; e Região Rural, 4 escolas.

Considerando que 77% dos alunos do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Anápolis, GO estão matriculados nos anos iniciais (primeiro ao quinto ano), a população da pesquisa foi limitada aos estudantes do quinto ano do ensino fundamental, pois acredita-se que, dentre os anos iniciais, essa série escolar tem mais facilidade para responder aos questionários. Consoante os referenciais nacionais e internacionais, a pesquisa denominará a população do estudo como “crianças”. A Convenção dos Direitos da Criança julga ser criança todo aquele abaixo de 18 anos (BRASIL, 1990) enquanto a OMS considera criança aquele antes dos 10

anos (OMS, 2017). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069 de 1990, declara ser criança a pessoa até 12 anos incompletos (BRASIL, 1990).

A imersão no contexto, por meio de visitas periódicas à Secretaria de educação e às escolas, permitiu o estabelecimento de parcerias e o diagnóstico da realidade. Uma primeira aproximação ocorreu para a apresentação e formalização da pesquisa à Secretaria Municipal de Educação de Anápolis, para atuar como instituição coparticipante (Apêndice 1). Anotações sistemáticas das visitas, das características do cenário escolar e das informações relevantes para compreender o objeto de estudo em suas diversas dimensões foram anotadas em um diário de campo.

Após o aceite da Secretaria Municipal de Educação, a pesquisadora mapeou as escolas que possuíam o quinto ano do ensino fundamental ($n = 61$) e, em adição, marcou as escolas que possuem o professor graduado em Educação Física atuando nos anos iniciais ($n=21$), uma vez que, na maioria das escolas, a aula de Educação Física dos anos iniciais é de responsabilidade do professor pedagogo. Tal critério apresenta relação com o interesse em refletir sobre o papel das aulas de educação física na tematização da mobilidade ativa como prática corporal.

Algumas escolas ($n=10$) que possuem quinto ano do ensino fundamental e contam com professores de educação física foram selecionadas, por conveniência, e receberam visitas da pesquisadora para reconhecimento do contexto e apresentação da pesquisa à direção e à coordenação da escola. Foram contempladas escolas localizadas nas regiões Norte, Sul e Leste da cidade, não havendo diferenças socioeconômicas evidentes entre elas. Com o consentimento da direção por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 7), a pesquisadora entrou em contato com os professores de educação física para pedir o auxílio e agendar os dias das visitas para desenvolver a pesquisa. Buscou-se contemplar os dois turnos (matutino e vespertino), de acordo com a realidade das escolas.

4.2. Etapa quantitativa

Essa etapa refere-se à aplicação de questionário com as crianças para identificar os modais e os tempos de deslocamento utilizados no trajeto escolar, bem como as características sociodemográficas dos participantes. Para a realização dessa parte da pesquisa, a pesquisadora apresentou a pesquisa e entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Apêndice 4), em duas vias, para que estudantes e responsáveis assinassem, caso concordassem com a participação na pesquisa. Tais processos ocorreram durante as atividades letivas regulares no momento da aula de educação

física de cada turma (para os estudantes) e em reunião de pais ou reunião pedagógica (para os pais ou responsáveis).

Em cada uma das dez escolas, buscou-se pesquisar duas turmas de quinto ano, perfazendo um total de 20 turmas. No dia e horário agendado com o professor, a pesquisadora foi até o local da aula e distribuiu os questionários aos estudantes interessados em participar. A seguir explicou como deveriam proceder para responde-los e tirou dúvidas. Ao final, recolheu os questionários junto com os TCLE e TALE assinados. Alunos que demonstraram interesse em participar, mas que por quaisquer motivos (esquecimento, ausência na aula anterior, etc) não apresentaram o TCLE assinado responderam ao questionário com a condição de trazerem depois para serem incluídos na pesquisa.

Estudantes que não se encontraram presentes no dia da aplicação do questionário, que não apresentaram o TCLE ou que não responderam de forma adequada ou completa ao questionário não foram incluídos na pesquisa. O Quadro 1 apresenta o número de crianças convidadas e o número de crianças incluídas na pesquisa em cada uma das escolas. O maior motivo de exclusão foi a não entrega do TCLE assinado pelos pais.

Quadro 1. Número de crianças que foram convidadas e que participaram da etapa quantitativa por escola, Anápolis, GO, 2018.

| ESCOLAS | Número de crianças convidadas | Número de crianças incluídas na pesquisa |
|----------------|--------------------------------------|---|
| 1 | 50 | 39 |
| 2 | 44 | 20 |
| 3 | 53 | 24 |
| 4 | 44 | 16 |
| 5 | 67 | 42 |
| 6 | 46 | 23 |
| 7 | 59 | 26 |
| 8 | 55 | 26 |
| 9 | 60 | 25 |
| 10 | 49 | 16 |
| TOTAL | 527 | 257 |

O questionário utilizado (Apêndice 5) foi desenvolvido com base nas questões específicas sobre mobilidade ativa presentes na PeNSE (IBGE, 2016), adaptadas às necessidades e objetivos da presente pesquisa (foco na mobilidade ativa) e complementadas com questões sobre características sociodemográficas e informações sobre o percurso escolar diário. As características sociodemográficas para classificação socioeconômica seguiram o padrão da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2015). O questionário foi

pré-testado em um estudo piloto para verificar a compreensão por parte de estudantes em faixa etária similar à da pesquisa, mas esses dados não foram incluídos nos resultados.

Uma cópia impressa do questionário foi distribuída às crianças no dia marcado, e foi respondido individualmente mediante a leitura de cada questão pela pesquisadora. As crianças foram instruídas a levantarem a mão caso tivessem qualquer dúvida. Aspectos críticos à correta utilização do questionário foram constantemente reforçados pela pesquisadora. Salienta-se que houve a participação de todas as crianças, inclusive deficientes, na etapa quantitativa. Geralmente os alunos deficientes tinham o auxílio de uma professora de apoio e quando não tiveram, a professora regente o orientou para que ele fosse participante do processo. O procedimento de coleta de dados teve duração aproximada de 20 minutos em cada turma.

Os questionários coletados foram revistos para conferir inconsistências e tabulados no programa Epi Info™ 7, incluindo checagem pós-digitação por amostragem aleatória. Cabe destacar que não foi possível coletar dados confiáveis da escolaridade materna, portanto esses dados não foram incluídos no cálculo da classe econômica. As análises estatísticas foram realizadas por meio do pacote estatístico SPSS®. Produzimos análises descritivas de frequências absolutas e relativas referentes à distribuição das variáveis categóricas de mobilidade ativa e das variáveis socioeconômicas. Medidas de tendência central (média e desvio padrão) foram apresentadas para algumas variáveis quantitativas. Três sujeitos com tempo semanal de atividade física considerados fora da curva (*outliers*) tiveram seus tempos ajustados de acordo com o valor médio. Diferenças nas proporções foram avaliadas pelo Teste Qui-quadrado de Pearson ou exato de Fisher quando indicado, adotando o nível de significância $p < 0,05$.

4.3. Etapa qualitativa

A etapa qualitativa contemplou a realização de uma roda de conversa estimulada por meio da produção de desenhos pelas crianças para perceber o olhar deles sobre o trajeto escolar. Para tal etapa foram convidados 12 estudantes de dois quintos anos de uma única escola (onde a pesquisadora atua como professora de educação física do primeiro ao quarto ano) e que, na etapa quantitativa, reportaram realizar o trajeto escolar por meio da mobilidade ativa. A participação nessa etapa foi vinculada à apresentação de novo TCLE que permitiu a gravação de voz e uso de imagens por meio de fotografias (Apêndice 6). No dia da atividade dois estudantes faltaram a aula e assim a atividade ocorreu com dez participantes.

Algumas características dessas crianças são apresentadas no quadro 2. Contamos com cinco meninas e cinco meninos. Metade das crianças pertencem à classe B e os outros à classe C, bem como quatro tinham 10 anos e seis possuíam 11 anos.

Quadro 2: Dados descritivos dos participantes da etapa qualitativa, Anápolis, GO, 2018.

| | Feminino | Masculino | Classe | Idade |
|----------|----------|-----------|--------|-------|
| Aluno 2 | X | | B | 11 |
| Aluno 3 | X | | C | 10 |
| Aluno 4 | X | | C | 11 |
| Aluno 5 | X | | C | 10 |
| Aluno 7 | X | | B | 10 |
| Aluno 1 | | X | B | 11 |
| Aluno 6 | | X | B | 11 |
| Aluno 8 | | X | C | 11 |
| Aluno 9 | | X | B | 11 |
| Aluno 10 | | X | C | 10 |

A conversa foi desencadeada por meio da produção de desenhos pelas crianças. A seguir, os desenhos produzidos foram utilizados como disparador para o início do diálogo entre as crianças e a pesquisadora na roda de conversa. Os diálogos foram gravados por meio de gravador digital e transcritos pela pesquisadora para posterior análise.

A roda de conversa aconteceu no dia 30/11/2018 no horário de aula (matutino). Era horário de verão e amanheceu chovendo muito. Inicialmente a roda de conversa ocorreria na quadra da escola (lugar preferido pelas crianças, mas descoberto). Contudo, com a forte chuva tivemos que transferir a roda de conversa para a sala de informática. Eu preparei o local colocando música relaxante, colchonetes no chão, folha branca, e alguns docinhos para cada criança, e espalhei lápis, lápis de cor, borrachas e apontador no meio do círculo.

Com a sala pronta, busquei as dez crianças em suas salas de aula, com o consentimento prévio do professor. Ao entrar, eles ficaram surpresos e felizes em perceber o local organizado e o clima harmonioso. Expliquei que cada um poderia escolher seu colchonete e se posicionar da maneira que preferissem, pois deveriam estar à vontade para produzir o desenho. Relatei que iríamos conversar para compreender melhor sobre o trajeto escolar deles e que a conversa aconteceria depois que eles desenhassem o trajeto escolar. A produção do desenho foi estimulada a partir do seguinte comando: “Gostaria que vocês fizessem um desenho para mostrar como é o caminho de vocês de ida e volta para a escola”.

As crianças fizeram perguntas sobre o desenho e algumas disseram não saber o que desenhar, olhando no desenho do colega para ter alguma ideia. Eu enfatizei que não se preocupassem com a perfeição, mas que eles desenhassem realmente o que veem no caminho

para escola, o que marca cada um deles nesse trajeto. E informei que poderiam me chamar a qualquer momento para ajuda-los.

A roda de conversa foi proveitosa e o produto dessa etapa encontra-se nos resultados da etapa qualitativa. Para realizar a análise das informações produzidas nessa etapa, me apoiei em Kosminsky (1998), que aponta que a análise das representações gráficas deve estar vinculada ao relato da criança sobre seu desenho, considerando também o contexto, a idade e todas informações que possam colaborar para compreender melhor o elemento pesquisado. Nesse sentido, realizei também registros de informações concernentes às escolas e seus arredores, em particular a questões que mantenham relação com a mobilidade ativa, em um diário de campo.

Alguns outros aspectos conceituais-metodológicos relevantes nesse processo de análise foram:

- as crianças não devem consideradas adultos em miniatura. Em uma sociedade como a nossa em que a infância é somente uma etapa de formação para vida adulta, é necessário inverter a ordem lógica dominante e compreender que “a criança e a infância revelam que são e sabem que são sujeitos da história” (GUSMÃO, 1999, p.51).

- os desenhos são registros elaborados por sujeitos datados, culturais, históricos. “O ambiente social influencia a produção infantil...” e “o desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos e desejados” (FARIA; DEMARTINI; PRADO, 2009. p.71).

- o desenho não conta por si só; o desenho como instrumento de pesquisa deve ser associado a outros materiais como a oralidade, a observação do contexto, o diálogo (FARIA; DEMARTINI; PRADO, 2009).

- a descrição dos desenhos realizada pelas crianças foi baseada na ideia de Flick (2009) quando ele discorre sobre a produção de “textos” como versões de mundo, onde a experiência cotidiana se transforma em conhecimento pelos pesquisados, enquanto as falas dessas experiências são produzidas em textos pelos pesquisadores.

Por fim, os desenhos e as falas foram utilizados para compreender o olhar das crianças para o trajeto escolar ativo, percebendo características como barreiras e facilitadores dessa prática, que serão apresentados por meio de nuvem de palavras em formato de imagens (produzidos no programa wordart).

4.4. Aspectos éticos

A pesquisadora se responsabiliza por manter o comprometimento ético durante toda pesquisa. A participação na pesquisa foi voluntária e somente ocorreu diante da assinatura do TCLE e do TALE, com as seguintes informações: tema, objetivos e justificativa da pesquisa; participação voluntária, sigilosa, não invasiva e privada; e a minimização de custo ou risco físico ou emocional para o participante e a instituição à qual ele estava vinculado. Os participantes foram informados que poderiam não responder ou desistir da pesquisa a qualquer momento, caso se sentissem incomodados ou constrangidos, sem que isso lhe causa prejuízo ou punição. Foi explicado que a pesquisa e os procedimentos metodológicos foram aprovados pelo Comitê de Ética obedecendo o disposto na Resolução 466/2012/CNS/MS referente à pesquisa envolvendo seres humanos.

Ao compreender que todo processo investigativo que lida com seres humanos pode gerar riscos à integridade física e psicológica, ressalta-se que nessa pesquisa os riscos foram mínimos, mas possíveis. Desta forma, considera-se que os riscos puderam ocorrer quando o estudante respondeu aos questionários, com a possibilidade de algumas perguntas desencadearem constrangimento ou desconforto. E ainda durante a roda de conversa, com o risco das perguntas (inclusive novas questões que poderiam surgir durante o diálogo) se direcionarem para assuntos polêmicos e opiniões que podiam fazer o entrevistado se sentir constrangido. Ao perceber a possibilidade dessa ocorrência, a pesquisadora buscou minimizar qualquer imprevisto ou problema no processo investigativo. Para tal, recorremos a um embasamento teórico consistente e a utilização de procedimentos e instrumentos previamente testados e validados.

Por fim, apresentamos os potenciais benefícios da realização da presente pesquisa, acreditando que estudos realizados com a participação de crianças são fundamentais para compreender melhor essa fase da vida e incentivar políticas e ações que estimulem o desenvolvimento humano, visando a formação de cidadãos saudáveis e que primem pelo bem-estar, a qualidade de vida e a justiça social.

Aos participantes, a pesquisa oportunizou a escuta, o diálogo, o debate e a reflexão acerca do tema pesquisado, relacionado especialmente à mobilidade ativa, promoção da saúde e desenvolvimento sustentável. O processo favoreceu a ampliação dos olhares, destacando o empoderamento e a participação dos estudantes nas temáticas propostas. Às instituições coparticipantes, a apresentação dos resultados para as escolas pode qualificar o serviço prestado colaborando para o desenvolvimento da rede municipal de ensino de Anápolis. À ciência, o

compromisso de deixar público o processo e os resultados da pesquisa para toda comunidade científica e outros interessados favorece a sensibilização e a disseminação desses temas atuais e necessários.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1. Resultados e discussões da etapa quantitativa

O presente estudo analisou os dados de 257 crianças estudantes do quinto ano de escolas públicas de Anápolis, GO, sendo 56% meninas, 80% com idade entre 10 e 11 anos, 56% pertencente à classe C e 86% estudavam no turno matutino. Os dados descritivos dos participantes da etapa quantitativa total e por sexo são apresentados na tabela 1.

Tabela 1. Dados descritivos dos participantes da etapa quantitativa total e por sexo entre estudantes do quinto ano, Anápolis, GO, 2018.

| | FEMININO | MASCULINO | TOTAL |
|----------------------------------|------------------|------------------|-------------------|
| Idade | | | |
| 10 anos | 66 (25,7%) | 38 (14,8%) | 104 (40,5%) |
| 11 anos | 50 (19,5%) | 52 (20,2%) | 102 (39,7%) |
| 12 anos | 12 (4,7%) | 7 (2,7%) | 19 (7,4%) |
| Não respondeu | 17 (6,6%) | 15 (5,8%) | 32 (12,4%) |
| Classe | | | |
| A | 3 (1,2%) | 2 (0,8%) | 5 (2%) |
| B | 39 (15,1%) | 38 (14,8%) | 77 (29,9%) |
| C | 82 (31,9%) | 62 (24,1%) | 144 (56,0%) |
| DE | 21 (8,2%) | 10 (3,9%) | 31 (12,1%) |
| Veículo automotor | | | |
| Não | 27 (10,5%) | 23 (9%) | 50 (19,5%) |
| Sim | 118 (45,9%) | 89 (34,6%) | 207 (80,5%) |
| Turno | | | |
| Matutino | 125 (48,6%) | 96 (37,4%) | 221 (86%) |
| Vespertino | 20 (7,8%) | 16 (6,2%) | 36 (14%) |
| Região da Escola | | | |
| Região 1 | 66 (25,7%) | 52 (20,3%) | 118 (46%) |
| Região 2 | 79 (30,7%) | 60 (23,3%) | 139 (54%) |
| Mobilidade Ativa na ida | | | |
| Sim | 82 (31,9%) | 76 (29,6%) | 158 (61,5%) |
| Não | 63 (24,5%) | 36 (14%) | 99 (38,5%) |
| Mobilidade Ativa na volta | | | |
| Sim | 94 (36,6%) | 80 (31,1%) | 174 (67,7%) |
| Não | 51 (19,9%) | 32 (12,4%) | 83 (32,3%) |
| TOTAL | 145 (56%) | 112 (44%) | 257 (100%) |

O fato da maioria estudar no turno matutino reflete a tendência das escolas municipais de que todo 5º ano seja no período matutino, pois as escolas municipais estão em processo de entregar os anos finais (6º ao 9º ano) para o estado e vão ficar somente com anos iniciais (1º ao 5º ano), sendo que os 5º anos serão oferecidos somente no matutino. Grande parte das crianças pertence à classe baixa (67,7% são das classes C e DE), confirmando que as escolas pesquisadas

atendem uma população de periferia. Mesmo assim é interessante notar que maioria delas (80,5%) possui algum veículo automotor (carro ou moto) na família, o que pode influenciar no modal de deslocamento.

No que se refere à prática da mobilidade ativa, a presente pesquisa aponta que 71,2% das crianças relataram ir e/ou voltar para/da escola a pé ou de bicicleta por um dia ou mais na semana. Dos praticantes de mobilidade ativa (n=183), 80,9% (n=148) realizaram essa atividade na ida e volta, 5,5% (n=10) das crianças praticaram mobilidade ativa somente na ida e 13,7% (n=25) apenas na volta da escola.

Tais resultados são, em alguma medida, comparáveis aos estudos brasileiros publicados nos últimos cinco anos sobre mobilidade ativa no percurso escolar. Um estudo realizado por Ferreira et al (2018) apresenta dados comparativos sobre as PeNSE 2009, 2012 e 2015, indicando frequências de mobilidade ativa dos escolares de 70,6% (no ano de 2009), 61,7% (no ano de 2012) e 66,7% (no ano de 2015). Outro estudo com escolares do 9º ano (idades entre 13 a 19 anos) de três escolas municipais de Pernambuco indicou que 57,7% dos estudantes pratica mobilidade ativa (SILVA et al., 2014). Já uma pesquisa realizada em Uruguaiana, RS, indicou uma frequência de 75,7% de mobilidade ativa entre estudantes de 10 a 17 anos (STREB et al., 2016). Já estudos internacionais indicam frequências de estudantes que praticam a mobilidade ativa de 70,8% no México (JÁUREGUI et al., 2015), 63% no Canadá (COZMA et al., 2015) e, nos Estados Unidos, varia entre 10% (EVERETT JONES; SLIWA, 2016) e 47,2% (DEWEESE; OHRI-VACHASPATI, 2015).

Quanto à frequência de dias que as crianças (n=183) viajaram ativamente na ida e na volta para/da escola, temos que 73,0% delas vão e voltam os 5 dias da semana de forma ativa e 4,5% o fazem em 3 ou 4 dias na semana. Ao analisar o tempo gasto na mobilidade ativa por dia, tem-se que grande parte dos estudantes relatam gastar até 10 minutos na ida ou na volta do trajeto escolar, perfazendo um total aproximado de 20 minutos diários (para aqueles que relataram ir e vir), uma vez que a maioria dos praticantes relataram fazer os dois percursos ativamente (Figuras 1 e 2).

Figura 1. Frequência (em %) de crianças e tempo gasto por dia no deslocamento ativo na IDA para a escola, Anápolis, GO, 2018.

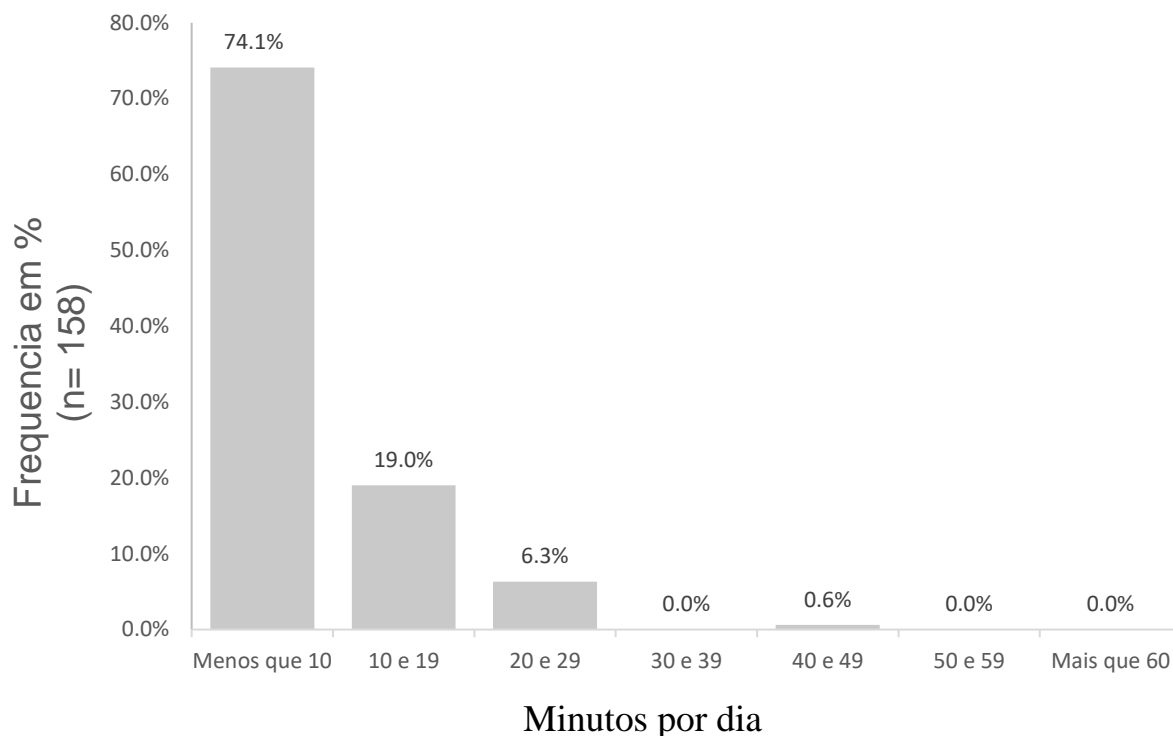
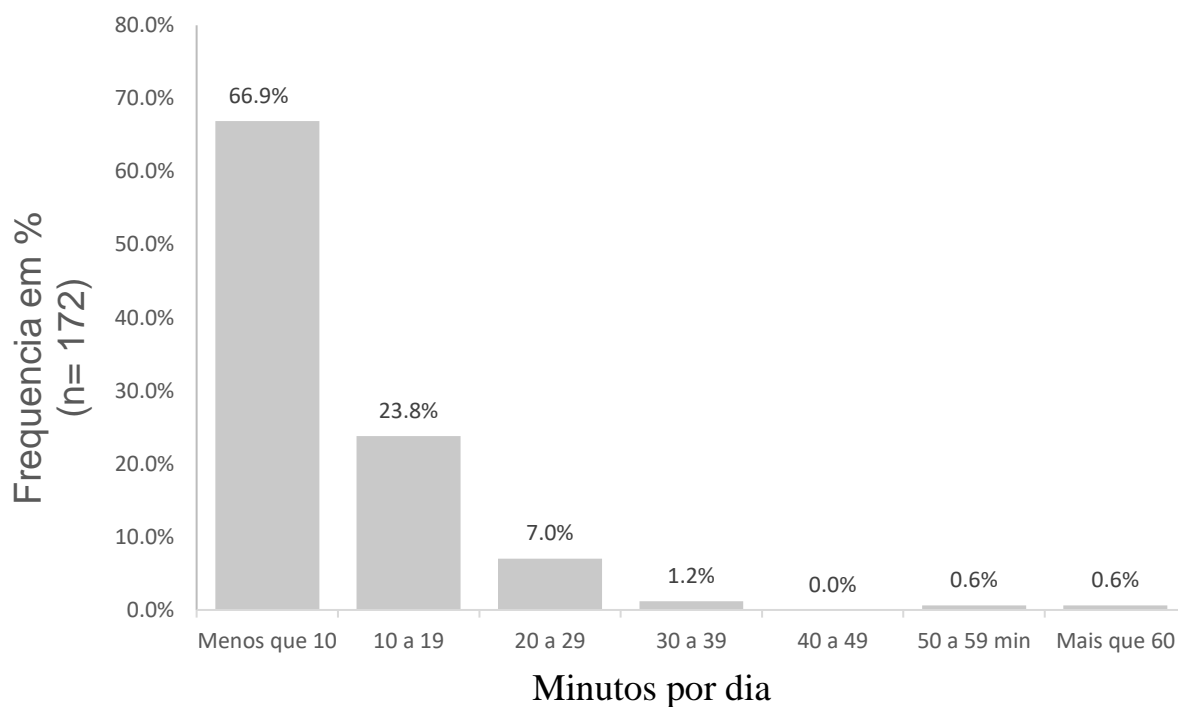


Figura 2. Frequência (em %) de crianças e tempo gasto por dia no deslocamento ativo na VOLTA da escola, Anápolis, GO, 2018.



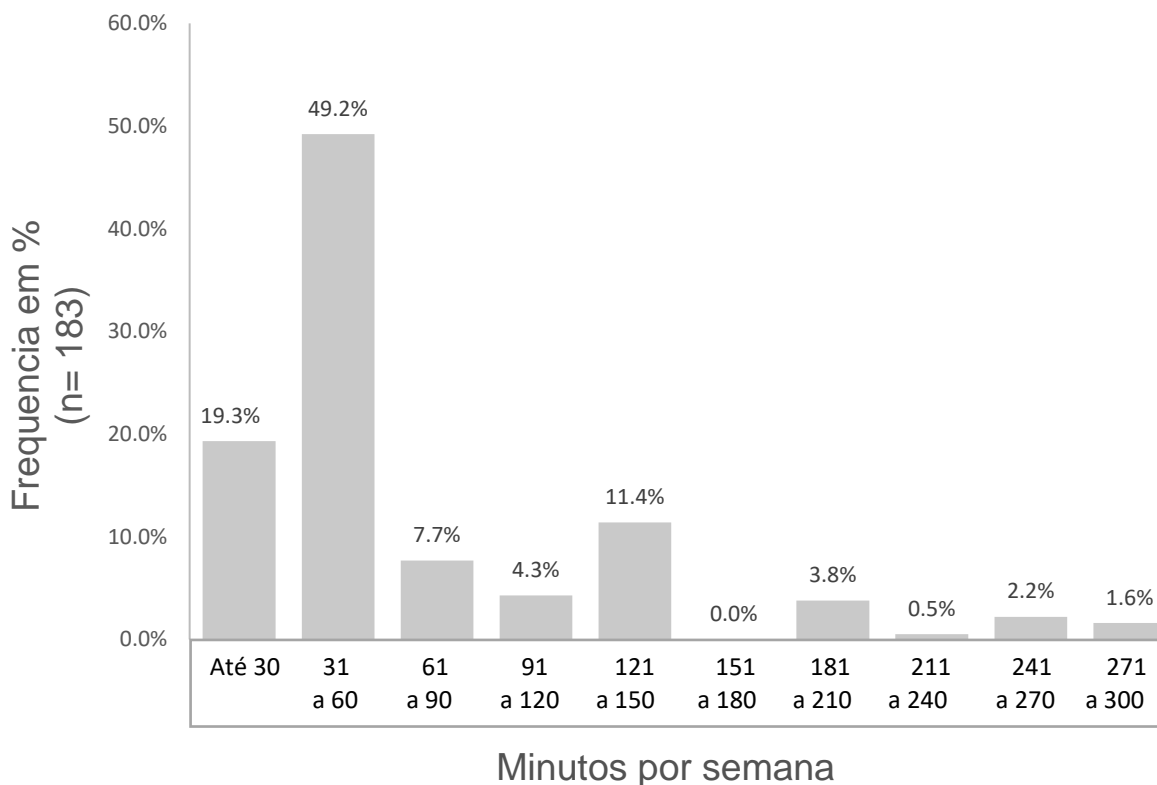
Constata-se que a maioria das crianças gasta pouco tempo no caminho ativo para/da escola: 74,1% de crianças na ida e 66,9% na volta dispensa menos que 10 minutos por dia

naquele trajeto, o que indica que elas moram relativamente perto das escolas. Outros estudos com escolares (WILSON; CLARK; GILLILAND, 2018; YANG et al., 2016; JÁUREGUI et al., 2015 e MITRA; BULIUNG, 2015) indicam que a distância do trajeto escolar tem relação inversa com a mobilidade ativa: quanto maior a distância do percurso, menor o número de estudantes que praticam a mobilidade ativa. Na realidade pesquisada então, a mobilidade ativa é estimulada, pois o trajeto da maioria das crianças é curto.

Aqui há um aspecto interessante quanto à prática da mobilidade ativa na ida ou na volta da escola. Em torno de 8,2% das crianças voltam da escola (mas não vão) de forma ativa e o tempo médio gasto na volta também é ligeiramente maior. Tal aspecto é corroborado pelo estudo de Yang et al (2016) ao investigar padrões de deslocamento ativo escolar nos Estados Unidos, também encontrou que a mobilidade ativa aconteceu mais na volta (19,9%) do que na ida (14,5%) para escola. É possível que, devido ao turno (86% das crianças investigadas estudam no período matutino), elas “peguem carona” com os pais quando estes saem para trabalhar de manhã. Essa prática pode ser favorecida devido à praticidade, à pressa pelo horário e/ou ao medo devido ao menor movimento nas ruas – durante a vigência do horário de verão algumas crianças vão para escola antes do amanhecer. Na volta para casa é provável que as crianças gastem mais tempo por não terem que se preocupar com o horário e voltarem brincando e sem pressa.

Mesmo dispensando pouco tempo diário no deslocamento escolar ativo, ao somar todo tempo semanal obtemos um resultado significativo de tempo de atividade física, o que pode contribuir para ampliar os níveis de atividade física das crianças. Analisando o tempo semanal gasto na mobilidade ativa dos 183 escolares de Anápolis que a praticam temos que o tempo médio (DP) foi de 73,2 (59,8) minutos, o que pode colaborar no tempo de atividade física total que eles devem cumprir na busca de uma vida mais saudável. A frequência (em %) de crianças em cada faixa de tempo semanal (de 30 em 30 minutos) gasto em mobilidade ativa escolar pode ser vista na Figura 3.

Figura 3: Frequência (em %) de crianças e tempo semanal de atividade física realizada no deslocamento ativo escolar, Anápolis, GO, 2018.



Alguns estudos apontam a relação positiva entre mobilidade ativa no trajeto escolar e os níveis de atividade física (LEE; LI, 2014; DUNCAN et al., 2016). Temos que a maioria das crianças (68,5%) que realiza deslocamento ativo gasta até 60 minutos semanais, 12% dispensa entre 61 e 120 minutos por semana e 11,4% gasta entre 121 e 150 minutos semanais. Vale pontuar que três estudantes relataram dispensar 300 minutos semanais no trajeto escolar ativo.

Embora dados auto referidos possam conter um viés de memória, é importante pensar que um grande tempo no deslocamento escolar ativo pode não promover saúde, uma vez que a atividade física deveria estar distribuída também em outros domínios, como o lazer ativo no tempo livre para as crianças. Se a criança gasta o tempo recomendado para atividade física semanal (300 minutos/semana) somente no deslocamento escolar, isso pode diminuir a disposição para realizar atividade física nos outros domínios. Além disso, é necessário refletir sobre as condições em que esse caminho é percorrido. Situações favoráveis podem incentivar o percurso ativo, porém, se a criança convive nesse caminho com contextos desfavoráveis, isso pode prejudicar a saúde desses estudantes.

Ao dividir as crianças em grupos por tempo semanal de mobilidade ativa buscamos identificar relações com as variáveis sociodemográficas investigadas (Tabela2).

Tabela 2. Distribuição das variáveis sociodemográficas (%) das crianças por tempo gasto no deslocamento ativo escolar por semana. Anápolis, GO, 2018.

| | Nenhum minuto | Até 60 minutos semanais | Mais que 60 minutos semanais |
|--------------------------|-------------------|----------------------------|---------------------------------|
| Sexo | | | |
| Feminino | 43 (58,9%) | 74 (59,2%) | 27 (46,6%) |
| Masculino | 30 (41,1%) | 51 (40,8%) | 31 (53,4%) |
| Classe | | | |
| A | 2 (2,7%) | 1 (0,8%) | 2 (3,5%) |
| B | 16 (21,9%) | 45 (36%) | 15 (26,3%) |
| C | 47 (64,4%) | 65 (52%) | 32 (54,4%) |
| DE | 8 (11%) | 14 (11,2%) | 9 (15,8%) |
| Total | 73 (100%) | 125 (100%) | 58 (100%) |
| Veículo automotor | | | |
| Não | 2 (2,8%) | 26 (21,0%) | 22 (37,9%)* |
| Sim | 71 (97,2%) | 99 (79,0%) | 36 (62,1%) |
| TOTAL | 73 (28,5%) | 125 (48,8%) | 58 (22,7%) |

* $p < 0,001$ pelo Qui-quadrado de Pearson.

A posse de veículo automotor (carro/moto) apresentou associações significativas com o tempo semanal que a criança gasta no trajeto escolar ativo: há um aumento significativo das crianças que não possuem veículo no grupo que gasta mais tempo no deslocamento ativo escolar. Nota-se que à medida que o percurso prolonga, diminui o número de crianças que possuem carro, ou seja, ou seja, as facilidades da vida moderna prevalecem sobre a conscientização das crianças e suas famílias acerca de hábitos saudáveis e sustentáveis. Outros estudos concordam que a posse de veículo é um fator que dificulta a prática de mobilidade ativa escolar (WILSON; CLARK; GILLILAND, 2018; JAUREGUI et al., 2015).

Não encontramos associações significativas dos grupos em relação ao sexo. Houve uma pequena diferença que mostra que dentre as crianças praticantes de mobilidade ativa, à medida que o trajeto escolar dura mais tempo, aumenta a frequência de meninos e diminui a quantidade de meninas. Nesse pensar, o estudo recente produzido no Brasil (FERREIRA et al., 2018) aponta que 5% a mais de meninos praticam mobilidade ativa no percurso escolar em relação às meninas. Também Mendoza, Cowan e Liu (2014) indicam que ser homem é um facilitador da prática de mobilidade ativa nesse trajeto. Nosso meio social possui uma cultura de que os meninos são mais fortes e autônomos enquanto as meninas são frágeis e dependentes, o que pode contribuir para que tenha mais meninas que praticam mobilidade ativa no grupo que gasta menos tempo.

Os grupos de tempo de atividade física semanal também não tiveram associações significativas com a variável classe econômica. É possível perceber que à medida que o percurso escolar demora mais, aumenta sutilmente o número de crianças das classes C e DE,

sugerindo que crianças de renda baixa gastam mais tempo na mobilidade ativa escolar. Jauregui et al (2015) ratificam que quanto maior o status econômico da criança, menor a prática de viagem escolar ativa. Então, a mobilidade ativa na rotina escolar é uma escolha? Ou crianças de baixa praticam a mobilidade ativa como um dever diário, uma falta de opção?

Em adição, associações encontradas em outros estudos foram: Silva et al. (2014) visaram identificar o tipo de deslocamento e a relação com o perfil sociodemográfico e constataram que ser da área rural e a escolaridade da mãe maior que 8 anos são fatores que facilitam a prática de mobilidade ativa no trajeto escolar. Streb et al. (2016) buscaram identificar associações entre a mobilidade ativa no trajeto escolar e o excesso de peso em estudantes de 10 a 17 anos, concluindo que adolescentes que não praticam mobilidade ativa para/da escola têm mais chance de terem excesso de peso.

Por fim, a presente pesquisa identificou ainda que 80% das crianças participantes do estudo gostariam de ir/voltar a pé ou de bicicleta para/da escola. Dentre as crianças adeptas da mobilidade ativa, 17,5% (n=32) responderam que não gostam de fazê-la. Não obstante, tal prática deve ser vista como um direito, uma decisão livre e consciente, e não uma obrigação. Por outro lado, das crianças que não praticam mobilidade ativa no percurso escolar, 74,3% (n=55) gostaria de praticar. Portanto, nosso estudo indica que as crianças gostam da mobilidade ativa, demonstrando o potencial dessa prática. Tal aspecto é fundamental para que essa prática seja entendida como promotora da saúde.

A mobilidade ativa no trajeto escolar pode ser uma ferramenta valiosa na constituição de infâncias mais saudáveis, sustentáveis e felizes, e essa é uma fase ideal para construir hábitos saudáveis que permaneçam na vida adulta (PNUD, 2016). Dialogando com o plano de ação global para promover atividade física (2018-2030) desenvolvido pela OMS, temos que a mobilidade ativa é capaz de colaborar com a promoção da saúde, o desenvolvimento sustentável e ampliação dos níveis de atividade física, que é uma necessidade da sociedade contemporânea visando se transformar, formando pessoas mais conscientes e ativas (OMS, 2018).

O referido plano de ação global ressalta que a atividade física integrada ao cotidiano que as pessoas vivem e trabalham (estudam) pode ser uma estratégia interessante (OMS, 2018). Caminhar e andar de bicicleta como meios de transportes pode fomentar a criação de uma cultura mais saudável na construção de um mundo melhor. Nesse sentido, é fundamental refletir sobre estratégias que priorizem a promoção da saúde e nossa responsabilidade planetária com o desenvolvimento sustentável presentes nessas diversas agendas internacionais. Estudos que

integrem a promoção da saúde e a sustentabilidade são escassos, especialmente almejando integrar o campo da Educação Física com temas tão emergentes.

5.2. Resultados e discussões da etapa qualitativa

Realizamos uma roda de conversa com dez crianças da escola 1, localizada no sul da cidade, que praticam mobilidade ativa no trajeto escolar, tendo como disparador a produção de desenhos e os relatos das crianças. Durante a produção de desenhos, algumas crianças ficaram mais concentradas que outras. Tentei estimulá-las a continuar desenhando e tive que pedir silêncio algumas vezes com intuito de não atrapalhar as crianças que seguiam desenhando. A falta de paciência de algumas crianças em esperar os outros terminarem os desenhos para começarmos a conversar foi um aspecto que dificultou um pouco o processo; alguns não conseguiam ficar parados e faziam gracinhas para chamar a atenção dos colegas.

Depois que todos terminaram os desenhos, eu falei para cada um olhar seu próprio desenho e mostrar para a roda, quando eles elogiaram as produções um do outro. Convidei as crianças para sentarmos em roda e começarmos nossa conversa. Relembrei que nossa conversa estava sendo gravada para depois eu analisar e pedi que cada um falasse nome, idade e como vem e volta da escola, explicando também seu desenho. Alguns ficaram com vergonha de falar ou perguntar, mas aos poucos foram se soltando. Todo o processo da roda de conversa durou 1 hora e 26 minutos.

Ao nos organizarmos em roda, cada estudante relatou seu desenho individualmente, tendo alguns diálogos dos colegas que queriam falar sobre acontecimentos relacionados. Perguntei o que todos achavam do caminho que faziam todos os dias. A maioria disse que achava legal, bom; e a aluna 2 disse que achava ruim porque sempre via a mesma coisa. Perguntei a todos se gostariam de continuar vindo e voltando da escola a pé e de bicicleta e todos disseram “sim”. O aluno 1 disse que ‘às vezes seria bom vim de outra coisa para mudar e que ano que vem ele mudaria de escola e andaria também de ônibus e que seria legal’.

A maioria disse morar próximo à escola e a aluna 3 disse que ‘mesmo morando mais ou menos longe, ela gosta, mas que preferia morar perto pela proximidade maior que tinha com os amigos para brincar e vim para escola’. As alunas 3 e 7 contaram histórias de quando moravam perto da escola. A aluna 5 mesmo morando longe e passando no meio do pasto, disse que ‘é divertido’. A aluna 3 ainda diz que ‘gosta de vir com a mãe, mas que às vezes vem com os amigos e que gosta porque eles vêm conversando’.

É importante reverberar algumas ideias à luz dos desenhos dos caminhos das crianças ao expressarem seus pensamentos e vivências com a prática da mobilidade ativa. Essa fase da pesquisa evidenciou que o caminho de ida e vinda da escola possui um sentido importante para elas, pois faz parte de suas rotinas diárias, produzindo experiências repletas de sentimentos positivos e negativos e que compõem parte significativa de suas histórias de vida. “Crianças estão sempre dispostas ao movimento e a explorarem o espaço ao redor e descobrir o que há neles... Quanto mais rico em experiências for o espaço, maior será a possibilidade de aprendizado” (LACERDA, 2015, p.17).

As produções de desenhos com presença de elementos da natureza associados à fala das crianças podem indicar a liberdade e o contato rotineiro com o meio ambiente, uma vez que eles percorrem o trajeto escolar a pé, de bicicleta ou de patins (como foi relatado). Será que crianças que vão/voltam da escola de transporte motorizado conseguem perceber a riqueza da natureza que nos rodeia diariamente? Algumas expressões como ‘pé de amora’, ‘vento que esfria o coração’, ‘sol nascendo’, ‘árvores’, ‘nuvens’, ‘pasto’ e ‘chuva’, a maioria visto como aspecto positivo, foram relatadas pelas crianças. Um exemplo dessa percepção da natureza pode ser visto no desenho realizado pelo aluno 1.



DESENHO DO ALUNO 1

Figura 4: Ilustração feita pelo aluno 1, com 11 anos, pertencente à classe B.

Um outro estudo corrobora apontando que, para as crianças, ‘não ter muita árvore’ no caminho para escola é uma barreira para a mobilidade ativa (WILSON; CLARK; GILLILAND,

2018). Lacerda (2015) ainda acrescenta que “a liberdade da descoberta ao ar livre é um motivador fundamental para desfrutar experiências multissensoriais que ativam os circuitos mentais das pequenas mentes em fase de descoberta.” (p. 17). Em concordância, a aluna 5 disse que mora longe e passa pelo ‘pasto’, entretanto, gosta de percorrer o trajeto escolar com as irmãs, pois elas se divertem muito. Apresentamos aqui na figura 5, o caminho escolar da referida aluna.



DESENHO DO ALUNO 5

Figura 5: Ilustração da aluna 5, com 10 anos, pertencente à classe C.

Outro destaque no diálogo com as crianças foi a “forte expressão de sentimentos” por meio dos desenhos, das falas e das expressões corporais. Acredita-se então que o caminho para escola proporciona experiências individuais e coletivas cheias de sentidos e constituem uma importante parte na construção da identidade e da história de cada criança (‘medo, raiva, vontade de matar o cachorro’, ‘é legal ver o cachorro’, ‘é uma aventura fugir do cachorro’, ‘dor’, ‘o caminho é divertido, é legal’, ‘sinto emoção’, ‘feliz’). Portanto, “Oferecer a alegria e diversão de jornadas escolares a pé pode ser uma pequena aventura, algo que irá deixar marcas positivas para toda a vida” (LACERDA, 2015, p. 34), como foi relatado pelos alunos 2,5, 7, 8, e 10.



DESENHO DO ALUNO 2

Figura 6: Ilustração da aluna 2, com 11 anos, pertencente à classe B.

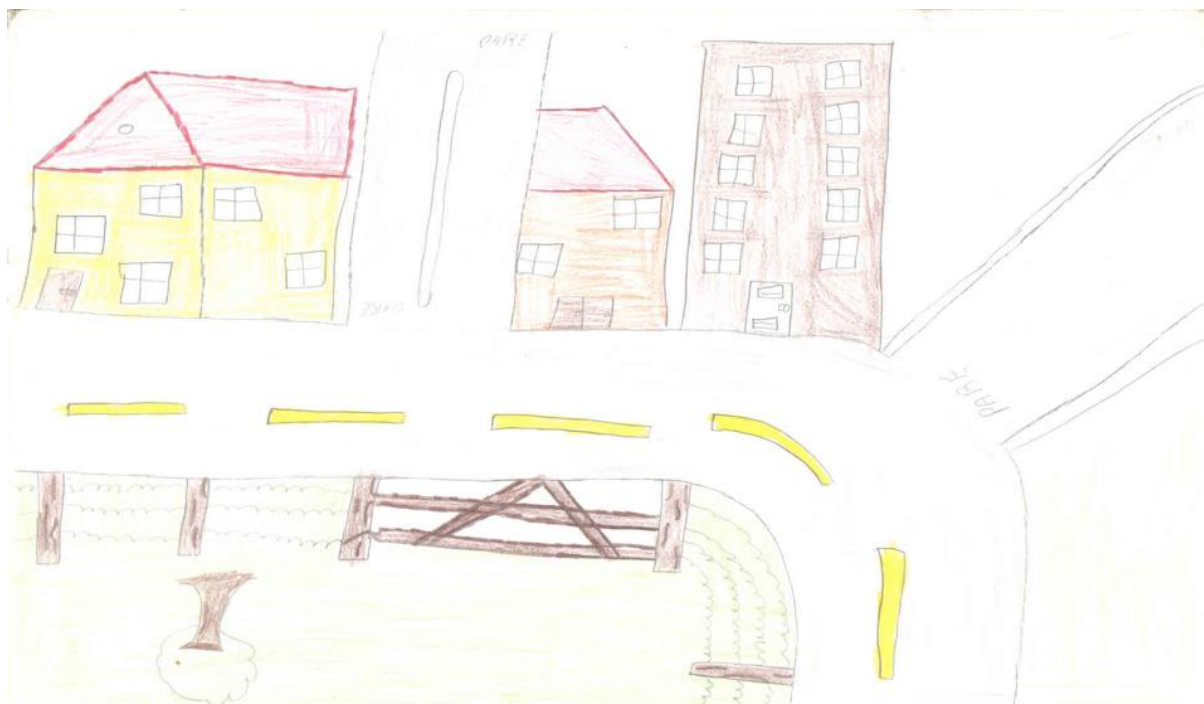
Ressalta-se também a alegria da companhia de outras pessoas, geralmente os amigos e família, no caminho para escola, como vemos na figura 7. A presença do outro instiga a socialização, valoriza as relações, permite brincar (conversar, apostar corridas) e aumenta as histórias a serem compartilhadas. Dessa forma, Lacerda (2015) pondera que “Caminhar é divertido e interessante, é possível descobrir os detalhes ao longo do caminho e fazer novas amizades na vizinhança. As crianças adoram andar ao lado dos amigos, em especial nas idas e vindas da escola ” (p. 34).



DESENHO DO ALUNO 3

Figura 7: Ilustração da aluna 3, com 10 anos, pertencente à classe C.

Em acréscimo, a presença do “brincar” no diálogo com as crianças foi constante. Desde apostar corridas até correr do cachorro como aventura, o caminho proporciona a liberdade natural da criança de brincar, pois “caminhar é acima de tudo uma atividade divertida, mas é preciso garantir certas condições para que as crianças possam desfrutar dos passeios, mas o primeiro passo certamente é transformar o caminho em brincadeira” (LACERDA, 2015, p. 40). A figura 8 mostra o desenho do aluno 9, que vai para escola com os amigos e gosta de ir de bicicleta, pois vê a ‘roça do João’ e uns ‘mercadinhos’ que é legal. Entretanto, tem medo dos cachorros que estão no caminho e podem morder.

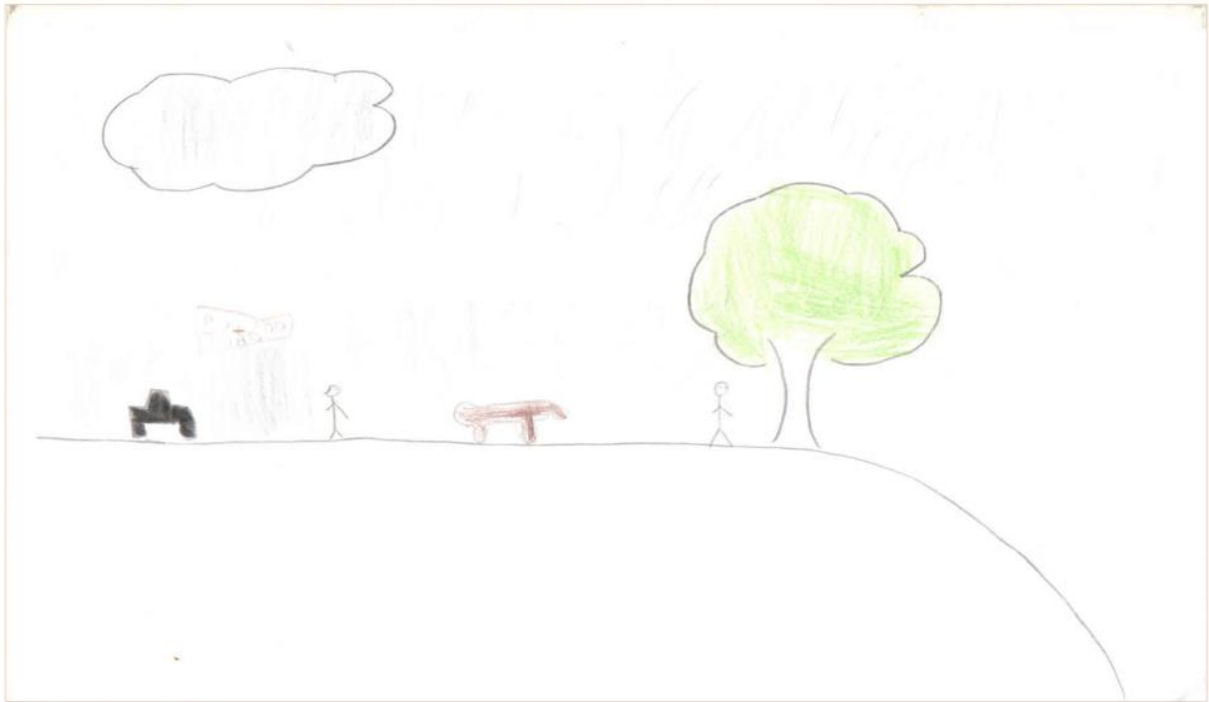


DESENHO DO ALUNO 9

Figura 8: Ilustração do aluno 9, com 11 anos, pertencente à classe B.

Vale ressaltar ainda as experiências diárias e marcantes com cachorros no percurso, como mostra a figura 9. Muitos relataram e desenharam diversos cachorros desconhecidos que geralmente avançam e transmitem medo. Em consonância, o estudo de Oluyomi et al (2014) mostra que “pais que relataram preocupações com animais vadios ou perigosos” é uma barreira para a prática de mobilidade ativa no trajeto escolar.

E ainda, Mendoza, Cowan e Liu (2014) trazem que “a presença de um adulto” é um facilitador dessa prática diária. Acredita-se que a companhia de um adulto pode auxiliar a criança a se sentir mais segura ao ir/voltar para/da escola, pois como afirma Lacerda (2015), “A presença do adulto como guia funciona como uma teia de segurança em caso de imprevistos, a garantia de segurança que a criança precisa para explorar o mundo dentro das suas possibilidades” (p. 34).



DESENHO DO ALUNO 6

Figura 9: Ilustração do aluno 6, com 11 anos, pertencente à classe B.

Duas meninas apresentaram o carro em seu percurso escolar: uma desenhou carros com fumaças saindo pelo escapamento (Figura 10) e outra não desenhou mas enfatizou que vê carros e não desenhou porque não sabe desenhar carros. A presença dos carros foi percebida como algo comum por elas e pudemos notar o olhar crítico de uma das crianças sobre a poluição do ar provocada pelos automóveis. Nesse pensar, a mobilidade ativa no trajeto escolar vai ao encontro das necessidades contemporâneas de cuidar do planeta. Essa prática pode ser uma estratégia contribuinte para o alcance dos ODS que sinalizamos nessa pesquisa.



DESENHO DO ALUNO 4

Figura 10: Ilustração da aluna 4, com 11 anos, pertencente à classe C.

Uma criança relatou que sempre têm calçadas no caminho para escola. Outras crianças salientaram caminhar na rua porque as calçadas possuem mato. Histórias contadas pela aluna 7 e retratada em seu desenho (ela se desenhou caída no chão na calçada da escola) na figura 11 demonstram as condições inadequadas das calçadas ao redor das escolas. Ao observar, avistei uma calçada antiga de cimento e cheia de lodos, com uma parte de terra. Com a chuva, a calçada fica muito escorregadia.



DESENHO DO ALUNO 7

Figura 11: Ilustração da aluna 7, com 10 anos, pertencente à classe B.

É essencial o cuidado com a cidade, especialmente ao redor das escolas, permitindo que as crianças usufruam dos espaços com prazer e segurança. “Espaços agradáveis de permanência acessíveis e próximos ajudam a construir o senso de pertencimento e identidade, os melhores antídotos contra a alienação social, vandalismo e violência.” (LACERDA, 2015, p. 17). Uma vez que a mobilidade é um objetivo pontuado pela Política Nacional de Promoção da Saúde, as realidades encontradas ao redor das escolas nos levam a repensar se estamos viabilizando esse objetivo e priorizando a escola, as crianças, e o futuro da nação. Diante disso, Lacerda (2015) nos leva a refletir:

“A lentidão (das crianças) é uma afronta ao tempo motorizado e o transitar infantil primeiro tensiona o ambiente das calçadas e deixa clara a perspectiva de guerra e massacre brutal que o motor urbano representa para a vida. Só pela ciência da tensão é possível visualizar a necessidade de mudança.” (p. 39)

Nesse contexto, algumas crianças comentaram e uma desenhou o bueiro existente na esquina da escola, considerado perigoso (Figura 12). Nas observações, pude constatar que o bueiro citado é arriscado, pois são dois buracos muito grandes em frente à escola, sem grades e que as crianças podem cair facilmente.



DESENHO DO ALUNO 8

Figura 12: Ilustração do aluno 8, com 11 anos, pertencente à classe C.

São diversos aspectos que podem interferir na prática da mobilidade ativa escolar. Destaca-se a questão de segurança nesse caminho, que é fundamental para ampliação dessa prática rotineira. A ONG “Save Kids Lives” nos chama a atenção para a segurança das crianças nas estradas, especialmente nos caminhos para escola. As estatísticas são assustadoras: “186.300 crianças morrem a cada ano de acidentes de trânsito em todo o mundo – são mais de 500 crianças todos os dias. Na verdade, as lesões causadas pelo trânsito estão entre as quatro principais causas de morte para todas as crianças com mais de cinco anos de idade.” (SAVE LIVES, 2018). Ainda ressaltam que meninos morrem quase duas vezes mais que meninas, por serem mais expostos ao trânsito e correrem mais riscos.

Um aspecto que poderia incentivar a mobilidade ativa nessa escola é uma pista de caminhada/ciclismo paralela a uma grande avenida perto da escola, mas esta não foi citada nem desenhada. Percebo que poucas crianças da escola aproveitam essa pista, talvez por ser entre duas avenidas muito movimentadas e perigosas, pois os carros andam velozmente.

Diante disso, é primordial que desenvolvam ações que garantam a segurança das crianças no percurso escolar, bem como o apoio dos pais para prática de mobilidade ativa tanto de meninos quanto de meninas e também que as crianças percebam a mobilidade ativa como um momento prazeroso e que traz benefícios diversos. Outro fator observado é que as crianças

não utilizam nem relatam sobre equipamentos de segurança como capacetes tampouco sobre faixas de pedestres.

Ademais, uma criança contou na roda de conversa que naquele dia chovia muito e que ela teve que ir para escola de carona. Ele desenhou nuvens escuras, pois o desenho expressou o que ele viveu naquele dia. Percebe-se então, que as condições climáticas influenciam a ida/volta para/da escola.



DESENHO DO ALUNO 10

Figura 13: Ilustração do aluno 10, com 10 anos, pertencente à classe C.

A roda de conversa permitiu conhecer o olhar das crianças para o trajeto escolar. Foi um momento rico em possibilitar que as crianças se comunicassem por metodologias diferentes e que não são priorizadas pela escola atual, como o desenho, o diálogo. É importante salientar a qualidade dos desenhos das crianças, que foram produzidos com habilidade e capricho. Assim, acredita-se que essa etapa contribuiu na formação das crianças, oportunizando espaço para a expressão de suas vivências cotidianas, seus pensamentos, opiniões e sentimentos.

Anotações feitas no diário de campo sobre essa escola 1 reitera que grande parte das crianças pratica mobilidade ativa no percurso escolar e geralmente por curta distância. Muitos andam em grupo e se conhecem por morarem perto. Contudo, as condições dos arredores da escola não são favoráveis, uma vez que muitas crianças precisam percorrer o caminho passando

pelas ruas, pois as calçadas são muito ruins. Considero um trajeto com pouca segurança, pois existem muitos lotes com mato alto, galpões com caminhões e uma chácara próximos à escola.

Na tentativa de qualificar meu estudo, buscando no diferente, ir além do que os números conseguem mostrar, busquei valorizar a fala, a ideia, o olhar da criança pesquisada, assumindo-a como protagonista do nosso estudo, como ela realmente o é. Existem poucos estudos que utilizam essas metodologias, menos ainda, que compreendem a criança como sujeito emancipado capaz de colaborar com alguma temática pesquisada. Tentamos lidar com a complexidade de entrelaçar diferentes instrumentos de pesquisa com o intuito de contribuir nas discussões de assuntos tão emergentes.

Encontramos um estudo realizado por Faria, Demartini e Prado (2009) que utilizou produção de desenhos e roda de conversa, com o objetivo de discutir a temática proposta, estimulando falas em busca de compreender melhor o assunto abordado. Nossa roda de conversa foi realizada com crianças de uma escola de periferia. Elas foram convidadas, ouvidas e valorizadas como participantes de uma pesquisa, colaborando na formação de sujeitos emancipados que participam da construção de uma sociedade melhor.

De forma a contribuir com a compreensão dos determinantes sociais nos processos de produção da saúde, buscamos fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a saúde e seus fatores de risco (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007). No decorrer da roda de conversa percebemos então alguns fatores considerados como facilitadores ou barreiras da mobilidade ativa no trajeto escolar. Tais aspectos foram condensados em figuras por meio da técnica de nuvem de palavras.

São vistos como incentivo à mobilidade ativa pelas crianças: presença de natureza, companhia dos amigos/família, casa bonita, mercadinhos, segurança, pouca distância, rapidez, brincadeiras realizadas, aventuras, sentimentos positivos. A figura 14 demonstra os principais aspectos facilitadores da mobilidade ativa escolar trazidos pelas crianças.



Figura 14: Facilitadores da mobilidade ativa escolar apontados pelas crianças.

Contudo, algumas condições atrapalham as crianças a percorrerem o trajeto ativamente. As barreiras apresentadas pelas crianças foram: presença de cachorros nas ruas, calçadas com mato e escorregadias, pessoas e casas estranhas, falta de segurança, bueiro aberto, muita subida, chuva, frio, demora mais, sentimentos negativos como o medo e a raiva. Apresentamos alguns obstáculos na figura 15.



Figura 15. Barreiras da mobilidade ativa escolar apresentadas pelas crianças.

É relevante conhecer os fatores que influenciam a mobilidade ativa escolar para reverberarmos algumas ideias que possam amenizar os transtornos e incentivar essa prática na rotina das crianças.

É importante atentar para alguns estudos que exploram sobre intervenções efetivas que ampliem a prática de mobilidade ativa no trajeto escolar. Pang, Kubacki e Rundle-Thiele (2017) realizaram uma revisão sistemática (2010-2018) e concluíram que evidências de base curricular são menos eficazes (como oficinas educativas e sessões informativas), portanto, é fundamental propor estratégias mais práticas que englobem a comunidade escolar, pois alcançará melhor a mudança de comportamento necessária para ampliação dessa prática.

Em acréscimo, Larouche et al (2018) também realizaram um estudo acerca da efetividade das intervenções em mobilidade ativa no trajeto escolar e apontaram que intervenções que associam atividades educacionais e mudança na infraestrutura tiveram resultados positivos na ampliação dessa prática. Essa ideia converge com os modelos sócio-ecológicos que defendem que o comportamento é influenciado por fatores individuais, interpessoais, comunitários, políticos e do ambiente construído.

Além disso, compreendendo que o caminho escolar das crianças propicia um maior contato com a natureza e com a liberdade, a experiência com sentimentos positivos e negativos, essa mobilidade ativa permite vivências que contemplem o subjetivo da criança. Crianças são ativas e gostam de andar em grupo, e nossa roda de conversa permitiu perceber a expressão de sentimentos de prazer, alegria e divertimento no caminho diário, bem como as histórias contadas, conversas com amigos, apostas de corridas, subida em pé de amora e a aventuras.

Também é importante oportunizar que as crianças se apropriem dos espaços públicos no trajeto escolar, favorecendo a formação cidadã e efetivando seu direito à cidade, enfrentando o desafio que Burmann e Cenci (2017) indicam como uma construção coletiva de “uma cidade que pensa e cuida das pessoas e as pessoas que pensam e cuidam da cidade, resgatando o valor da solidariedade entre os cidadãos como referência” (p.100). Nesse pensar, “garantir o direito das crianças às cidades é, portanto, mais do que uma readequação e adaptação de infraestrutura, uma construção social ” (LACERDA, 2015, p. 16).

Gobbi e Pinazza (2014) pontuam que as linguagens expressadas por meio da arte são resultantes da relação da criança com o mundo, pois ajudam na formação de sujeitos que criam significados e que formam suas identidades com a capacidade de conhecer o mundo de diferentes formas, pois imaginam, sonham e fantasiam, que perpassem por outros mundos, que tenham oportunidade de representar seus pensamentos em um papel branco.

Assim, acredita-se que a mobilidade ativa no percurso escolar é uma vivência única e deslumbrante para a criança, pois como afirma Lacerda (2015):

“Experiências vividas ao longo da infância deixam marcas indeléveis, para o bem e para o mal. A bicicleta, para quem descobriu as pedaladas bem cedo, é certamente uma dessas marcas. Movendo-se pelas próprias forças, impulsionando os pedais, segue alguém que permanece brincando. É justamente de mais alegria e diversão livre que nossas cidades precisam” (p. 28).

Nesse pensar, o caminho escolar ativo também pode colaborar com a saúde individual e coletiva. Lacerda (2015) discorre que “Crianças que vão de bicicleta ou a pé para a escola todos os dias são mais propensos a alcançar os níveis recomendados de atividade física diária de uma hora por dia para as crianças” (p.30).

Nossa roda de conversa possibilitou reconhecer que a mobilidade ativa no trajeto escolar pode ser uma iniciativa que colabora para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, rumo a um mundo com consciência planetária. “Incorporar ao currículo escolar iniciativas que contemplem a mobilidade na perspectiva da criança é certamente uma das primeiras medidas a serem tomadas. A sequência lógica é que a educação para a humanização do trânsito ganhe espaços físicos próprios” (LACERDA, 2015, p. 31).

Destarte, oportunizar às crianças se expressarem permitiu vislumbrar suas subjetividades e compreender o olhar de cada criança no trajeto escolar. A vivência da mobilidade ativa no caminho escolar contribui significativamente na formação de crianças autônomas e protagonistas de sua própria história, que experimentam, refletem e reconhecem as vantagens e dificuldades desse trajeto e ainda são cheias de histórias para contar... de risadas para dar... de coisas para ensinar... como deveriam ser todas as crianças.

Enfim, possibilitar que as crianças participassem ativamente nos conduzindo nos caminhos que elas percorrem diariamente foi compreender que “... a criança sabe o que vive e comunica o que sabe. É o adulto que não a ouve ou vê, deixando de aprender com ela e, portanto, de estabelecer a comunicação e o trânsito entre vivências, saberes, aprendizagem e ensino” (GUSMÃO, 1999, p. 59).

5.3. Limitações e Contribuições do estudo

Com intuito de compreender os caminhos das crianças, reconhecemos alguns limites da nossa pesquisa. Um obstáculo encontrado deve-se ao fato de que tivemos o aproveitamento de somente 49% dos questionários, principalmente por falta de retorno dos TCLE. Apesar de explicar para as crianças e esclarecer dúvidas, percebi que muitos pais não entenderam bem e

também não se esforçaram em contribuir. Poucos pais me ligaram e quando expliquei melhor, eles concordaram em autorizar. Fui em reunião de pais, mas poucos pais estavam presentes. Em poucas escolas também tive um líder que pudesse reforçar com as crianças, pois estavam todos muito cheios de funções.

Tivemos também dificuldade com informações sobre a escolaridade dos pais. Inicialmente tentamos coletar esse dado no TCLE e o Comitê de Ética disse que nessa autorização não poderia pedir informações. A secretaria da escola informou que perguntam a escolaridade dos pais na matrícula, mas poucos respondem. E as crianças pesquisadas não sabiam fornecer essa informação. Por isso, a classificação social pode não refletir precisamente a realidade de cada estudante.

Uma peculiaridade das crianças que participaram da nossa pesquisa é que elas moram perto da escola. Esse fator não auxilia no aumento dos níveis de atividade física, contudo, faz com que as barreiras encontradas sejam diminuídas, uma vez que o trajeto escolar se torna curto e rápido, facilitando o percurso. Mas existem também outros caminhos das crianças, outras realidades que não podemos desprezar. É importante pensar que algumas crianças vivem contextos diferentes e enfrentam grandes dificuldades no trajeto escolar ativo: crianças vulneráveis que percorrem horas para chegar à escola, em condições ambientais desfavoráveis e sem alimentação adequada. Algumas vezes são caminhos perigosos, difíceis e solitários.

Na etapa qualitativa, a roda de conversa poderia ter propiciado mais diálogo. Minha experiência como professora tradicional e meu medo de perder a organização me impediram de promover um diálogo mais efetivo. A complexidade de tentar conectar temáticas como a mobilidade ativa, promoção da saúde e desenvolvimento sustentável por meio de diferentes instrumentos metodológicos me conduziu a trajetos sinuosos, mas que almejavam inaugurar novas ideias e refletir sobre essa integração temática. A mobilidade ativa no trajeto escolar das crianças precisa ser mais explorada para produzir indicadores que sustentem a elaboração de ações efetivas que auxiliem para ampliar essa prática, conscientizando pais, comunidade e escola, contribuindo assim, para que o caminho das crianças para escola se torne mais ativo, seguro e agradável.

Nesse sentido, as temáticas da mobilidade ativa integrada à promoção da saúde e aos ODS são referenciais importantes, porém estão distantes de se efetivarem na prática cotidiana. Os obstáculos apresentados vão desde a dificuldade das escolas se apropriarem das discussões dessas temáticas nas diversas disciplinas até os próprios professores compreenderem a perspectiva ampliada de saúde.

Como professora de educação física escolar, acredito que nossa área tem condições favoráveis para liderar essas temáticas, propondo algumas intervenções práticas para o cotidiano das crianças na escola, inclusive incentivando a participação dos pais e comunidade. Algumas ideias são: desenvolver ações educativas como caminhada ou passeio ciclístico para ensinar boas práticas; problematizar as questões de segurança e equipamentos necessários para a prática de mobilidade ativa; organizar grupos para percorrerem juntos o trajeto escolar (como nos países que têm alta frequência de mobilidade ativa escolar), e assim, promover as rotas mais seguras; realizar o “Dia do lazer na escola”, para que as crianças levem bicicleta, patins, patinetes, skates, dentre outros para incentivar a ida/vinda escolar ativa.

A revisão de literatura realizada foi crucial para conhecer nossa temática de forma mais ampliada, sustentando a interação entre nossa pesquisa e outros estudos já realizados. No decorrer da pesquisa escolhemos trabalhar com as abordagens quantitativa e qualitativa, que se complementaram. A exatidão do quantitativo integrada às subjetividades do qualitativo nos levou a alcançar uma compreensão mais ampla e, principalmente por pesquisarmos crianças, foi fundamental dar voz e vez a elas, principais atores dessa pesquisa. Trabalhar com desenhos das crianças foi criativo, desafiador e encantador.

O desafio de tecer diálogos entre a mobilidade ativa, a promoção da saúde e o desenvolvimento sustentável nos fez inaugurar ideias que possam estimular discussões futuras. Acredita-se que a educação física escolar tem a oportunidade de propor práticas educativas que priorizem essa integração temática, refletindo com os estudantes sobre as características e possibilidades da prática diária de mobilidade ativa escolar que pode contribuir para promover a saúde e a sustentabilidade, como iniciativa rumo ao alcance dos ODS.

Ao compreender melhor o caminho das crianças, especialmente a mobilidade ativa no trajeto escolar, é importante conhecer também as iniciativas inovadoras dessa prática em outros países, para adequá-las à realidade do Brasil. Além disso, projeta-se daqui em diante que algumas ações sejam desenhadas em âmbito escolar, comunitário e municipal, privilegiando as crianças no percurso escolar e buscando amenizar os obstáculos encontrados no caminho para escola.

O retorno às instituições escolares que participaram da pesquisa, bem como ao secretário de educação e ao prefeito, e também às crianças que participaram e ainda permanecem nas respectivas escolas é um aspecto fundamental. O desafio é mobilizar os diversos atores para que valorizem a mobilidade ativa no trajeto escolar e compreendam nossa responsabilidade

social com a promoção da saúde e com o desenvolvimento sustentável, na construção coletiva de um mundo mais justo e igualitário.

Ademais, é necessário promover o investimento em pesquisas acerca dessa temática, o que depende do interesse e conscientização de um governo que vise o bem comum. Abro aspas para o desabafo de uma pesquisadora exausta: “Estou finalizando meu mestrado, com 6 disciplinas cursadas e uma pesquisa satisfatória, participando de dois grupos de estudo na UnB e viajando 320 km cada vez que vou à Universidade, além de trabalhar 40 horas. Continuo aguardando a resposta da minha licença, que pedi há dois anos, sendo que existem quatro vagas ociosas para licença aprimoramento de mestrando na rede de ensino de Anápolis, local que fiz questão de pesquisar e contribuir. Infelizmente o governo está se eximindo do cumprimento do meu direito.” Minha realidade retrata a falta de apoio e conscientização do governo em investir em pesquisas que auxiliem no desenvolvimento social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilidade ativa no trajeto escolar como promotora de saúde pode ser uma via que ultrapasse as barreiras da inatividade que tanto prejudica a saúde pública, além de ser uma proposta que amenize os transtornos que caracterizam as grandes cidades congestionadas e adoecidas. Diante do cenário urbano atual, é imperioso pensar novas possibilidades de práticas que primem pelo desenvolvimento sustentável. Nessa perspectiva, é salutar que a escola, como lugar de formação humana, promova discussões acerca das práticas corporais, especialmente sobre a mobilidade ativa, favorecendo a criação de uma cultura saudável e sustentável.

Os resultados dessa pesquisa indicam alta prevalência de uso da mobilidade ativa entre os estudantes pesquisados. Essa prática diária pode proporcionar a socialização, o maior contato com elementos da natureza, a experimentação de sentimentos positivos, bem como aprenderem a lidar com os obstáculos, exercerem o direito à cidade, favorecendo a formação de crianças autônomas, participantes dos problemas sociais e protagonistas do seu próprio caminho de vida.

Além disso, a mobilidade ativa pode colaborar para ampliar os níveis de atividade física, podendo ser parte de outras atividades a serem realizadas diariamente. Essa prática cotidiana pode ser um importante aspecto na criação de comportamentos ativos, além de auxiliar também na saúde mental, emocional, social, ambiental das crianças, propiciando a saúde coletiva.

A mobilidade ativa no trajeto escolar das crianças depende das condições em que ela é realizada. As facilidades e barreiras dessa prática geralmente são influenciadas por questões que fogem ao controle do sujeito e se vinculam aos determinantes sociais de saúde, que assinalam que a saúde depende de fatores econômicos, culturais e ambientais, que podem ser modificados por meio do desenvolvimento de políticas públicas. Nesse sentido, a mobilidade ativa deve ser pensada como atitude que promova a saúde individual e coletiva. Portanto, conhecer o que incentiva ou dificulta esse comportamento é essencial para desenvolver ações pautadas em evidências que possam colaborar para a ampliação dessa prática de forma que ela efetivamente promova a saúde e a sustentabilidade, considerando o empoderamento e participação da comunidade e almejando a equidade e justiça social.

É necessário refletir que, ampliar a prática da mobilidade ativa no trajeto escolar não requer somente mudança individual ou comportamental. Muito além, as ações que visam promover as práticas corporais como a mobilidade ativa perpassam por conscientizar a comunidade escolar da importância de inserir essa prática em seus cotidianos, alcançando uma melhor saúde e qualidade de vida. Para tanto, é essencial a criação de ambientes e estratégias que oportunizem e promovam a prática da mobilidade ativa, o que pode ser liderado pela

educação física escolar, contribuindo para criação de uma nova cultura que priorize comportamentos ativos no alcance da saúde coletiva.

A presente pesquisa não pretende ser conclusiva, mas dar passos em direção ao caminho da mobilidade ativa das crianças, visando torna-lo mais seguro, mais alegre, mais prazeroso. Almejamos que nossa pesquisa desperte a curiosidade e a consciência para necessidade de produções científicas referentes à mobilidade ativa escolar, pois é notória a escassez de estudos e a importância dessas discussões para o desenvolvimento das crianças, para melhora nas condições em que essa mobilidade ativa é realizada e para ampliação da saúde coletiva e do desenvolvimento sustentável.

Ao final do caminho trilhado juntamente com as crianças nessa pesquisa, concluímos que a mobilidade ativa no trajeto escolar da cidade de Anápolis é uma potente ferramenta que pode oportunizar a promoção da saúde e o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na construção de um mundo mais digno, onde ‘ninguém seja deixado para trás’.

REFERÊNCIAS

1. ABARCA-GÓMEZ L. et al. Tendências mundiais de índice de massa corporal, baixo peso, sobrepeso e obesidade de 1975 a 2016: uma análise conjunta de 2416 estudos de medição de base populacional em 128,9 milhões de crianças, adolescentes e adultos. *Revista The Lancet*. Vol 390, Ed. 10113, dez 2017, páginas 2627-2642.
2. ABEP. Associação Brasileira de Empresas e Pesquisa. Critério padrão de classificação econômica: Brasil/2015. Rio de Janeiro, 2015.
3. ALMEIDA Maria da Conceição. Um itinerário do pensamento de Edgar Morin. *Cadernos HIU Ideias*. Ano 2, nº 18, 2004.
4. ANDRADE E.; FRANCESCHINI M. O direito à cidade e as agendas urbanas internacionais: uma análise documental. Centro de Estudos, Pesquisa e Documentação em Cidades Saudáveis, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2017.
5. ANDRADE V.; RODRIGUES J.; MARINO F.; LOBO Z (organizadores). **Mobilidade por bicicleta no Brasil**. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 2016.
6. ANTP. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS. **Mobilidade humana para um Brasil urbano**. Brasil, 2017.
7. BATISTELLA C. In. Fonseca, Angélica Ferreira; Corbo, Anamaria D'Andrea. **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2007.
8. BAUMAN Z. **Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
9. BAUMAN Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
10. BRASIL. **Relatório Nacional Voluntário sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Brasil 2017**. Secretaria de Governo da Presidência da República, Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Brasília: Presidência da República, 2017.
11. BRASIL. **Vigitel Brasil 2016 Saúde Suplementar: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico [recurso eletrônico]**. Ministério da Saúde, Agência Nacional de Saúde Suplementar. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
12. BRASIL. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006/ Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
13. BRASIL. **Saúde Brasil 2014: uma análise da situação de saúde e das causas externas**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

14. BRASIL. Ministério das Cidades. **Política Nacional de Mobilidade Urbana**. Brasil, 2013.
15. BRASIL. Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012. Diário Oficial da União, 2012.
16. BRASIL. **Instrutivo PSE**. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
17. BRASIL. **Saúde na escola**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
18. BRASIL. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil**. Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
19. BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.
20. BURMANN T.; CENCI D. Urbanização e cidadania: conflitos e contradições da cidade contemporânea. Revista Direito UFMS. Campo Grande, MS. v.3, n.2, p. 85 – 102. 2017.
21. BUSS P.; PELLEGRINI FILHO A. A saúde e seus determinantes sociais. Physis: Revista Saúde Coletiva. 2007.
22. CARVALHO S.; GASTALDO D. Promoção da saúde e empoderamento: uma reflexão baseada em perspectivas crítico-sociais e pós-estruturalistas. Ciência e saúde coletiva [online]. 2008.
23. CIDADES SUSTENTÁVEIS. Programa Cidades Sustentáveis. 5ª edição. São Paulo: Julho 2012. Disponível em <http://www.cidadessustentaveis.org.br/downloads/publicacoes/publicacao-programa-cidades-sustentaveis.pdf>>. Acesso em 21 nov 2017.
24. COMO ANDA. Mobilidade a pé: estado da arte do movimento no Brasil. Brasil, 2017. Disponível em: http://comoanda.org.br/wp-content/uploads/2017/04/170221_ComoAnda_Relat%C3%B3rioFinal_R01-1.pdf>. Acesso em: 10 mai 2019.
25. COOPER A. et al. Active travel to school and cardiovascular fitness in Danish children and adolescents. Medicine & Science in Sports & Exercise, 2006.
26. COZMA I. et al. Transporte ativo e bullying em escolares canadenses: um estudo transversal. BMC Public Health. 15:99, 2015.
27. DEWEESE R.; OHRI-VACHASPATI P. O papel da distância no exame da associação entre o deslocamento ativo para a escola e o status de peso dos alunos. J. Phys. Aja. Saúde, 12 (9) 2015.
28. DUNCAN S. et al. Transporte Ativo, Atividade Física e Distância Entre Casa e Escola em Crianças e Adolescentes. J Phys Act Health. 2016.

29. EVERETT JONES S.; SLIWA S. Fatores escolares associados com o percentual de estudantes que andam ou andam de bicicleta em escola, Estudo de políticas e práticas de saúde escolar, 2014. *Prev Chronic Dis.* 2016.
30. FARIA A.; DEMARTINI Z.; PRADO, P. (Org.). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.
31. FERREIRA, R.W. et al. Desigualdades sociodemográficas na prática de atividade física de lazer e deslocamento ativo para a escola em adolescentes: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2009, 2012 e 2015). *Cad. Saúde Pública (Online)*; 34(4): e00037917, 2018.
32. FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução de Joice Elias Costa, Porto Alegre: Artmed, 3ª edição, 2009.
33. GOBBI, M. A.; PINAZZA, M.A. (Orgs.). **Infância e suas linguagens.** São Paulo: Cortez, 2014.
34. GUSMÃO, N. M. M de. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.107, p.41-78, jul.1999.
35. HALLAL, P.C et al. Prática de atividade física em adolescentes brasileiros. *Ciências de saúde coletiva.* Vol.15. Rio de Janeiro, 2010.
36. HALLAL. P.C.; BERTOLDI A.D.; GONÇALVES H.; VICTORA C.G. Prevalência de sedentarismo e fatores associados em adolescentes de 10-12 anos de idade. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 22(6):1277-1287, jun, 2006.
37. HALLAL, P.C. Padrões de atividade física em adolescentes de 10-12 anos de idade: determinantes precoces e contemporâneos. Tese de doutorado. Pelotas: RS, 2005.
38. HENNE H.M.; TANDARD P.S.; FRANK L.D.; SAELENS B.E. Fatores parentais no transporte ativo das crianças para a escola. *Saúde pública.* 128: 643-6, 2014.
39. IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios:** Práticas de esporte e atividade física 2015. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
40. IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde do escolar:** 2015. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 2016.
41. IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios:** um panorama da saúde no Brasil, acesso e utilização dos serviços, condições de saúde e fatores de risco e proteção à saúde, 2008. Rio de Janeiro: IBGE; 2010.
42. JAUREGUI A.; MEDINA C.; SALSA D.; BARQUERA S.; RIVERA-DOMMARCO J. A. Mudança ativa para a escola em adolescentes mexicanos: evidências do Inquérito Nacional de Nutrição e Saúde do México. *J Phys Act Health.* 2015.

43. KOWMINSKY, E.V. Aqui é uma árvore. Aqui o sol, a lua. Cadernos Ceru. Série 2, nº 9, 1998.
44. LACERDA, João Guilherme. **Bicicletas para crianças: saúde, diversão e trânsito.** Org. Transporte ativo. 2015. Disponível em <http://www.ta.org.br/educativos/docs/Bicicleta_Criancas.pdf> Acesso em 13 fev 2019.
45. LAROUCHE R.; MAMMEN G.; ROWE D.A.; FAULKNER G. Effectiveness of active interventions in school transport: a systematic review and update. BMC Public Health. 2018.
46. LEE C.; LI L. Características demográficas, de atividade física e de rota relacionadas ao transporte escolar: um estudo exploratório. Am J Health Promot. 2014.
47. LOBO, Z. **Perfil do Ciclista Brasileiro 2015: Parceria nacional pela mobilidade por bicicleta (Livreto).** 2015. Disponível em <<http://www.ta.org.br/perfil/perfil.pdf>>. Acesso em janeiro de 2018.
48. LUZ, M.T. Educação física e saúde coletiva: papel estratégico da área e possibilidades quanto ao ensino na graduação e integração na rede de serviços públicos de saúde. Educação física e saúde coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Organizado por Alex Branco Fraga e Felipe Wachs. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
49. MENDOZA J. A.; COWAN D.; LIU Y. Preditores do deslocamento ativo de crianças para a escola: uma avaliação observacional em 5 comunidades dos EUA. J Phys Act Health; 11(4): 729-33, 2014.
50. MENDOZA J.A.; LIU Y. Deslocamento ativo para o ensino fundamental e adiposidade: um estudo observacional. Obes. criança. 2014.
51. MITRA, R.; BULIUNG, R. N. Explorando as diferenças no comportamento de escolha do modo de viagem escolar entre crianças e jovens. Política de Transporte, Elsevier. vol. 42, p. 4-11; 2015.
52. MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento/ tradução** Eloá Jacobina. 23ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
53. OLUYOMI, A.O. et al. Preocupações de segurança dos pais e deslocamento ativo da escola: correlaciona vários domínios na jornada de casa para a escola. Int J Behav Nutr Phys Act; 11(1):32, 2014.
54. OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Global action plan on physical activity 2018–2030: more active people for a healthier world. Geneva: World Health Organization; 2018.

55. OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Inheriting a sustainable world: Atlas on children's health and the environment. 2017. Disponível em <<http://www.who.int/ceh/publications/inheriting-a-sustainable-world/en/>>. Acesso em 15 mai 2018.
56. OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. OPAS/OMS e Ministério da Saúde lançam publicação sobre saúde e sexualidade de adolescentes. 2017. Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5482:opas-oms-e-ministerio-da-saude-lancam-publicacao-sobre-saude-e-sexualidade-de-adolescentes&Itemid=820> Acesso em 22 fev 2018.
57. OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. OMS: suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo. 2016. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>> Acesso em 18 mai 2018.
58. OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Growing up unequal: gender and socioeconomic differences in young people's health and well-being: health behaviour in school-aged children (HBSC) study: international report from the 2013/2014 survey. Copenhagen: World Health Organization - WHO, Regional Office for Europe, 2016.
59. OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Preventing chronic diseases: a vital investment. Geneva: WHO, 2005.
60. OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Health promotion evaluation: recommendations to policymakers. Copenhagen: European Working Group on Health Promotion Evaluation, 1998.
61. ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Marco de parceria das Nações Unidas para o desenvolvimento sustentável: 2017 – 2021. Brasil. Brasília, 2016.
62. ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Roteiro para a Localização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Implementação e Acompanhamento no nível subnacional. Brasília, 2016.
63. ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio). 2015.
64. ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 1987. Disponível em <<https://www.un.org/documents/ga/res/42/ares42-187.htm>>. Acesso em 15/11/2018.
65. OPAS. ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. Desarrollo y fortalecimiento de los sistemas locales de salud. Educación para la Salud en el ámbito escolar: una perspectiva integral. HSS/SILOS N° 37. Washington D.C., OPS, 1995.

66. PALMA, Alexandre. Como as AFES podem ser articuladas a uma abordagem multidimensional alinhada com a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável? Brasília: PNUD, 2017.
67. PANG, B.; KUBACKI, K.; RUNDLE-THIELE, S. Promoting active travel to school: a systematic review (2010–2016). BMC Public Health. 2017.
68. PITANGA. Epidemiologia, atividade física e saúde. Rev. Bras. Ciên. e Mov. Brasília v.10 n. 3 p. 2002.
69. PNUD. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional – Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas: 2017.** Brasília: PNUD, 2017.
70. PNUD. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Projeto Escolas e Comunidades Ativas.** Rio de Janeiro: PNUD, 2016.
71. SÁ, T.H. Como estamos indo? Estudo do deslocamento ativo no Brasil. Tese (Doutorado). Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.
72. SÁ, T.H.; PEREIRA, R.H.M.; DURAN, A.C.; MONTEIRO, C.A. Diferenças socioeconômicas e regionais no transporte ativo no Brasil. Revista de Saúde Pública. Vol. 50. São Paulo, 2016.
73. SARMENTO, M.; SOARES, N.; TOMÁS, C. Participação Social e Cidadania Ativa das crianças. 2004. Disponível em <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3842/1/FPF_PTPF_01_0563.pdf>. Acesso em 17/02/2019.
74. SAVE LIVES. 2018. Disponível em <<https://www.unroadsafetyweek.org/en/previous-weeks/2015-save-kids-lives>> Acesso em 23/03/2019.
75. SÍCOLI, J.L.; NASCIMENTO, P.R. Promoção da saúde: conceitos, princípios e operacionalização. Interface Comunicação, Saúde e Educação, v.7, n.12, p.91-112, 2003.
76. SILVA, R.U.; LIMA, N.N.; QUEIROZ, D.R.; POMPÍLIO, R.G.S.; FREITAS, C.M.S.M. Características sociodemográficas e deslocamento ativo em adolescentes escolares. Saúde e Pesquisa. vol. 7, p. 383-388. 6p; set-dez 2014.
77. STREB A.R.; GRAUP S.; BERGMANN M. L.A; BERGMANN G.G. Excesso de peso e deslocamento para a escola em adolescentes de Uruguaiana/RS. Rev Bras Ativ Fís Saúde 2016;21(3):255-262.
78. TROCADO, Patrícia. As deslocções casa-escola e a mobilidade das crianças e dos jovens: uma breve reflexão. Cadernos curso de doutoramento em geografia: FLUP. Portugal: 2012.

79. UCB. UNIÃO DE CICLISTAS DO BRASIL. A bicicleta como promotora dos 17 ODS: contexto brasileiro. Brasil, 2016.
80. VILARTA R.; BOCCALETTO E.M.A. (orgs). **Atividade Física e Qualidade de vida na escola:** conceitos e aplicações dirigidos à graduação em educação física. Campinas, SP: Ipes, 2008.
81. WILSON, K.; CLARK, A.F.; GILLILAND, J.A. Compreendendo as percepções de crianças e pais sobre as barreiras que influenciam as viagens escolares ativas das crianças. BMC Public Health. 18, 1053; 2018.
82. YANG Y.; IVEY S. S.; MC LEVY, R. M. B.; KLESGES L. M. Viagens ativas à escola: resultados da pesquisa sobre o comportamento de saúde dos EUA em crianças em idade escolar, 2009-2010. J Sch Health; 86: 464-471, 2016.

APÊNDICE 1



TERMO DE CIÊNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

A Secretaria Municipal de Ensino de Anápolis (GO) está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante no projeto de pesquisa intitulado “**Caminhos das crianças: a mobilidade ativa no trajeto escolar**”, a ser realizada pela pesquisadora **Livia Alessandra de Carvalho Teles**, mestranda em Educação Física pela Universidade de Brasília – UnB.

Além disso, a referida Secretaria está ciente também do compromisso na garantia da segurança e bem-estar dos alunos pesquisados, oferecendo infraestrutura necessária para preservar essa segurança e bem-estar. A participação dos alunos consiste em responder um questionário sobre os aspectos vinculados à mobilidade ativa dos mesmos no trajeto escolar, e alguns alunos selecionados participarão de uma roda de conversa que utilizará a realização de um desenho como disparador do diálogo entre alunos e pesquisadora para conversar sobre as dificuldades em utilizar a mobilidade ativa. Será realizada também observação do contexto escolar, além de entrevista com os professores graduados em Educação Física que lecionem nas turmas pesquisadas. Os procedimentos não oferecem riscos para integridade física, mental ou moral dos alunos e as informações obtidas tem garantia de sigilo, por meio de códigos para identificar cada indivíduo. Como a pesquisa será feita com crianças, o termo de consentimento livre e esclarecido para participação da pesquisa será assinado pelos responsáveis legais e pelo estudante.

A Secretaria Municipal de Ensino de Anápolis (GO) declara conhecer e cumprir as resoluções éticas brasileiras, mediante submissão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília.

Anápolis, 16 de março de 2018.

Alex de Araújo Martins
Secretário de Educação de Anápolis

APÊNDICE 2

PESQUISA: Caminhos das crianças: a mobilidade ativa no trajeto escolar. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ESTUDO PILOTO

Prezados pais ou responsáveis,

Convidamos seu(sua) filho(a) _____ a participar voluntariamente de um estudo piloto que embasará a pesquisa que a Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília está realizando com alunos da Rede Municipal de Ensino de Anápolis – GO. O objetivo da pesquisa é compreender aspectos relacionados à mobilidade ativa no trajeto escolar do estudante brasileiro.

O (a) senhor (a) e seu (a) filho(a) receberão todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que o nome dele(a) não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a). Caso ele aceite participar, o estudante deverá responder a um questionário com 8 perguntas, que dura em torno de 20 minutos, a ser aplicado durante a aula, com a presença do professor do seu filho. A participação é voluntária e ninguém é obrigado a participar, mas a contribuição de cada estudante é fundamental para o sucesso da pesquisa. O participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Esse documento assegura a você nosso compromisso ético e legal para desenvolver a pesquisa. Não estão previstos riscos à participação dos escolares, mas caso haja desconforto em responder qualquer questão, o estudante poderá desistir de participar a qualquer momento, sem que isso cause prejuízos. Depois de respondidos, os questionários serão armazenados na Universidade de Brasília. Os resultados encontrados serão apresentados de forma geral para a escola e em artigos científicos. A participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente da participação de seu(a) filho(a) na pesquisa, o(a) senhor(a) deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil. As despesas que o(a) senhor(a) e/ou seu filho(a) tiver/tiverem relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (tais como passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa) serão cobertas por mim.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidas pelos e-mails ou telefones abaixo:

Coordenação Local: Professora Livia Alessandra de Carvalho Teles.

E-mail: livia.carvalho81@hotmail.com. Telefone: (62) 99242-7717/ A cobrar: 9062 99242 7717

Coordenação Geral: Professora Doutora Júlia Aparecida Devidé Nogueira.

E-mail: julianogueira@unb.br

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da UNB

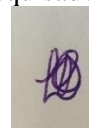
E-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com. Telefone: (61) 3107-1947.

Contamos com sua colaboração!

Caso aceite a participação do estudante, por favor preencha e assine abaixo.

Assinatura do pai ou responsável

Assinatura da pesquisadora



Anápolis, _____ de _____ de 2018.

APÊNDICE 3

PESQUISA: Caminhos das crianças: a mobilidade ativa no trajeto escolar TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados pais ou responsáveis,

O estudante (nome): _____ foi selecionado para participar de uma pesquisa que a Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília está realizando com alunos da Rede Municipal de Ensino de Anápolis – GO.

Essa pesquisa científica é um importante passo para compreender aspectos relacionados à mobilidade no trajeto escolar do estudante brasileiro e busca identificar as formas de transporte que os estudantes utilizam para ir e volta da escola e os fatores associados.

Ao aceitar participar, o estudante deverá responder a um questionário com 8 perguntas, que dura em torno de 20 minutos, a ser aplicado durante o período letivo regular, na aula de educação física. A participação é voluntária e ninguém é obrigado a participar, mas a contribuição de cada estudante é fundamental para o sucesso da pesquisa.

Esse documento assegura a você nosso compromisso ético e legal para desenvolver a pesquisa. Não estão previstos riscos à participação dos escolares, mas caso haja desconforto em responder qualquer questão, o estudante poderá desistir de participar a qualquer momento, sem que isso cause prejuízos. Todas as informações fornecidas pelo estudante têm garantia de sigilo e os pesquisadores utilizarão códigos numéricos para identificar cada participante; os nomes nunca serão divulgados. Depois de respondidos, os questionários serão armazenados na Universidade de Brasília. Os resultados encontrados serão apresentados de forma geral para a escola e em artigos científicos.

Essa pesquisa foi aprovada pelo **Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília** e pela **Secretaria Municipal de Ensino de Anápolis (GO)**, e é coordenada pela Professora Doutora Júlia A. D. Nogueira e pela professora Livia Alessandra de Carvalho Teles.

Qualquer esclarecimento sobre a pesquisa pode ser obtido através dos e-mails e telefones abaixo.

| |
|--|
| Coordenação Local: Professora Livia Alessandra de Carvalho Teles. |
|--|

| |
|---|
| E-mail: livia.carvalho81@hotmail.com . Telefone: (62) 99242-7717. |
|---|

| |
|---|
| Coordenação Geral: Professora Doutora Júlia Aparecida Devidé Nogueira. |
|---|

| |
|--|
| E-mail: julianogueira@unb.br |
|--|

| |
|---|
| Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília. |
|---|

| |
|---|
| E-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com . Telefone: (61) 3107-1947. |
|---|

Contamos com sua colaboração!

Caso autorize a participação do estudante, por favor preencha e assine abaixo.

Assinatura do pai ou responsável

Anápolis, ____ de _____ de 2018.

APÊNDICE 4

PESQUISA: Caminhos das crianças: a mobilidade ativa no trajeto escolar

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado aluno,

Você foi selecionado para participar de uma pesquisa que a Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília está realizando com alunos da Rede Municipal de Ensino de Anápolis – GO, com o objetivo de conhecer as formas de transporte que os estudantes utilizam para ir e voltar da escola, bem como suas atividades físicas habituais.

Ao aceitar participar você deverá responder a um questionário com 10 perguntas, que dura em torno de 20 minutos. Sua participação é voluntária e você não é obrigado a participar, mas sua contribuição é muito importante para o sucesso da pesquisa.

Antes de começar a responder o questionário iremos esclarecer todas as dúvidas que você tiver e, mesmo depois de ter começado a responder, você pode desistir de participar a qualquer momento, sem que isso lhe cause nenhum prejuízo.

É importante você saber que todas as informações fornecidas têm garantia de sigilo. Seu nome jamais será revelado pois os pesquisadores utilizarão códigos numéricos para identificar cada participante. Depois de respondidos, os questionários serão armazenados de forma segura e anônima na Universidade de Brasília.

Os resultados encontrados pela pesquisa serão apresentados de maneira geral para as escolas, e nunca citarão o nome dos participantes. Essa pesquisa científica é um importante passo para compreender aspectos relacionados à mobilidade ativa no trajeto escolar do estudante brasileiro. Esperamos contar com sua participação!

Essa pesquisa é coordenada pela Professora Doutora Júlia Aparecida Devidé Nogueira e pela professora Livia Alessandra de Carvalho Teles, que se colocam à disposição para qualquer esclarecimento através dos e-mails e telefones abaixo.

Coordenação Local: Professora Livia Alessandra de Carvalho Teles.

E-mail: livia.carvalho81@hotmail.com. Telefone: (62) 99242-7717.

Coordenação Geral: Professora Doutora Júlia Aparecida Devidé Nogueira.

E-mail: julianogueira@unb.br

Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília.

E-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com. Telefone: (61) 3107-1947.

Caso tenha entendido os procedimentos da pesquisa e deseje participar, por favor assine abaixo.

Anápolis, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do estudante

APÊNDICE 5

QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE

| | |
|------------------------------------|--|
| 1. Nome: | |
| 2. Data de Nascimento: / / | 3. Sexo: () Feminino () Masculino |

| 3. Quantos tem na sua casa atual? | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
|---------------------------------------|-----|---|-----|---|--------|
| Banheiro | | | | | |
| Empregada Mensalista | | | | | |
| Automóvel / Carro | | | | | |
| Motocicleta | | | | | |
| TV | | | | | |
| Computador | | | | | |
| Geladeira | | | | | |
| Freezer | | | | | |
| Micro-ondas | | | | | |
| Lava louça | | | | | |
| Lava roupa | | | | | |
| Secadora de roupa | | | | | |
| 4. No lugar que você mora tem: | | | | | |
| Água encanada | Não | | Sim | | |
| Rua pavimentada | Não | | Sim | | |

NOS ÚLTIMOS 7 DIAS (NA ÚLTIMA SEMANA):

| | | | | | |
|---|--------------------------------|----------------------------|----------------------------|--------|--------|
| 5. Em quantos dias você FOI a pé ou de bicicleta para a escola nos últimos 7 dias? | | | | | |
| Nenhum dia | 1 dia | 2 dias | 3 dias | 4 dias | 5 dias |
| 5a. Quando você VAI para a escola a pé ou de bicicleta, quanto tempo você gasta? | | | | | |
| Nenhum | Menos de 10 minutos por dia | 10 a 19 minutos por dia | 20 a 29 minutos por dia | | |
| 30 a 39 minutos por dia | 40 a 49 minutos por dia | 50 a 59 minutos por dia | 1 hora ou mais por dia | | |

| | | | | | |
|--|--------------------------------|----------------------------|--------|----------------------------|--------|
| 6. Em quantos dias você VOLTOU a pé ou de bicicleta para a escola nos últimos 7 dias? | | | | | |
| Nenhum dia | 1 dia | 2 dias | 3 dias | 4 dias | 5 dias |
| 6a. Quando você VOLTA da escola a pé ou de bicicleta, quanto tempo você gasta? | | | | | |
| Nenhum | Menos de 10 minutos por dia | 10 a 19 minutos por dia | | 20 a 29 minutos por dia | |

| 30 a 39 minutos por dia | 40 a 49 minutos por dia | 50 a 59 minutos por dia | 1 hora ou mais por dia |
|---|----------------------------|----------------------------|---------------------------|
| 7. Você gostaria de ir/voltar da escola a pé ou de bicicleta? () SIM () NÃO | | | |

APÊNDICE 6

PESQUISA: Caminhos das crianças: a mobilidade ativa no trajeto escolar. TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE SOM DE VOZ E IMAGEM PARA PESQUISA

Eu, (nome) _____, na qualidade de participante, autorizo a utilização do som da minha voz e da minha imagem na pesquisa sob responsabilidade da mestrandia Lívia Alessandra de Carvalho Teles, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília.

O som da minha voz será gravado e fotos serão tiradas durante a pesquisa qualitativa para ser utilizado apenas para fins de análise pela equipe de pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet; e que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação aos sons de voz e imagens são de responsabilidade do pesquisador responsável.

Deste modo, autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, do meu som de voz e da minha imagem.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o (a) participante.

Essa pesquisa foi aprovada pelo **Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília** e pela **Secretaria Municipal de Ensino de Anápolis (GO)**.

Qualquer esclarecimento sobre a pesquisa pode ser obtido através dos e-mails e telefones abaixo.

Coordenação Local: Professora Lívia Alessandra de Carvalho Teles.

E-mail: livia.carvalho81@hotmail.com. Telefone: (62) 99242-7717.

Coordenação Geral: Professora Doutora Júlia Aparecida Devidé Nogueira.

E-mail: julianogueira@unb.br

Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília.

E-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com. Telefone: (61) 3107-1947.

Assinatura do (a) aluno (a)

Assinatura do (a) responsável

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Anápolis, ____ de _____ de 2018.

APÊNDICE 7

PESQUISA: Caminhos das crianças: a mobilidade ativa no trajeto escolar TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Diretor (a),

A Escola Municipal _____ foi convidada para participar voluntariamente de uma pesquisa que a Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília está realizando com alunos da Rede Municipal de Ensino de Anápolis – GO. O objetivo da pesquisa é compreender aspectos relacionados à mobilidade no trajeto escolar do estudante brasileiro e busca entender os aspectos relacionados ao trajeto escolar dos estudantes, bem como as contribuições da Educação Física escolar nesse processo.

A escola, os estudantes e seus pais/responsáveis receberão todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que o nome dele (a) não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a). Caso vocês aceitem participar, o estudante deverá responder a um questionário com 10 perguntas, que dura em torno de 20 minutos, a ser aplicado durante o período letivo regular, com a presença do professor na aula de educação física. A participação é voluntária e ninguém é obrigado a participar, mas a contribuição de cada estudante é fundamental para o sucesso da pesquisa. O participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Assentimento e seu pai/responsável receberá um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deverão ser assinados.

Esse documento assegura a você nosso compromisso ético e legal para desenvolver a pesquisa. Não estão previstos riscos à participação dos estudantes, mas caso haja desconforto em responder qualquer questão, o estudante poderá desistir de participar a qualquer momento, sem que isso cause prejuízos. Todas as informações fornecidas pelo estudante têm garantia de sigilo e os pesquisadores utilizarão códigos numéricos para identificar cada participante; os nomes nunca serão divulgados. Depois de respondidos, os questionários serão armazenados na Universidade de Brasília. Os resultados encontrados serão apresentados de forma geral para a escola e em artigos científicos. A participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente da participação, o estudante deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidas pelos e-mails ou telefones abaixo:

Coordenação Local: Professora Livia Alessandra de Carvalho Teles.

E-mail: livia.carvalho81@hotmail.com. Telefone: (62) 99242-7717/ A cobrar: 9062 99242 7717

Coordenação Geral: Professora Doutora Júlia Aparecida Devidé Nogueira.

E-mail: julianogueira@unb.br

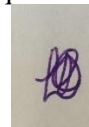
Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da UNB

E-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com. Telefone: (61) 3107-1947.

Contamos com sua colaboração! Caso aceite a participação da escola, por favor assine:

Assinatura do diretor (a)

Assinatura da pesquisadora



Anápolis, ____ de _____ de 2018.

APÊNDICE 8

CRONOGRAMA

O ingresso da pesquisadora no mestrado se deu em agosto de 2017. No primeiro semestre, de agosto a dezembro de 2017, iniciou-se a revisão de literatura e foi realizada a reformulação do projeto de pesquisa. Em abril/2018 o projeto foi enviado ao Comitê de ética da UnB. No ano de 2018 o foco foi a realização da qualificação do projeto (junho/2018), com ênfase no refinamento metodológico e ida a campo para coleta de dados (2º semestre/2018). O ano de 2019 visou a realização de análises e divulgação dos resultados. A data prevista para o término da pesquisa é julho de 2019.

Quadro 2 – Cronograma para realização da pesquisa “Caminhos do cotidiano: a mobilidade ativa no contexto dos escolares”.

| Identificação da fase (Mês) | 2018 | | | | | | | | | | | | 2019 | | | | | |
|--|------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|------|---|---|---|---|---|
| | J | F | M | A | M | J | J | A | S | O | N | D | J | F | M | A | M | J |
| Revisão de literatura | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Cursar disciplinas | | | X | X | X | X | | X | X | X | X | X | | | | | | |
| Participação nas reuniões do grupo | | | X | X | X | X | | X | X | X | X | X | | | X | X | X | X |
| Participação em eventos científicos | | | | | | | X | | | | | | | | | | | |
| Contato e organização para coleta de dados | X | X | X | | | | | | | | | | | | | | | |
| Submissão ao comitê de ética | | | X | | | | | | | | | | | | | | | |
| Fase exploratória | | | X | X | X | X | | | | | | | | | | | | |
| Qualificação | | | | | | X | | | | | | | | | | | | |
| Fase de pesquisa de campo | | | | | | | | | X | X | X | | | | | | | |
| Aplicação do questionário para os alunos | | | | | | | | | X | X | | | | | | | | |
| Rodas de conversa com alunos | | | | | | | | | | X | | | | | | | | |
| Submissão de artigo de revisão | | | | | | | | | | | X | | | | | | | |

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Organização e análise dos dados | | | | | | | | | | | X | X | X | | | | | |
| Redação, resultados e discussão | | | | | | | | | | | | | X | X | X | | | |
| Entrega da dissertação para orientadora | | | | | | | | | | | | | | | | X | | |
| Correções pela pesquisadora | | | | | | | | | | | | | | | | X | X | |
| Entrega para a banca | | | | | | | | | | | | | | | | | X | |
| Defesa da dissertação | | | | | | | | | | | | | | | | | | X |
| Retorno aos participantes | | | | | | | | | | | | | | | | | | X |

ANEXOS

Transcrições dos relatos das crianças

(Algumas palavras foram destacadas, pois foram utilizadas nos resultados e discussões)

Relatos do aluno 1 (A1)

A1: “Meu nome é A1, tenho 11 anos, venho para escola a pé.

Como vocês podem ver, né? Aqui tem um lindo cachorro que eu e o T. apelidamos como “**cachorro filho da mãe**”, ele tem a gangue dele, né?

Aí tia, tem o **pé de amora** que na volta a gente pega... o que tem no chão, né? Porque não dá pra pegar... o murinho da escola...

E o **sol nascendo**... né? E aqui tem as **nuvens**, que todo lugar tem...

Profª: A1, quem são esses aqui?

A1: “**Eu e o T.**”

Profª: “Vocês vêm juntos pra escola? Você e o T.?”

A1: “**Ã hã!** A Tãm vem com a mãe dele! ”

Profª: “O que você escreveu aqui, A1? ”

A1: “Eu, né, lindamente ferrando... eu falando ‘Droga!’ ”

Profª: Você falando ‘Droga’... Por que?

A1: “Teve uma vez, né... Que eu tava andando mais o T. e **o cachorro avançou na minha mochila.**”

Profª: “Ah, então você tem medo? **Tem medo do cachorro?**”

A1: **Mais ou menos.**

Fala e pergunta dos amigos: Qual cachorro... aquele grandão?

A1: É o grandão.

Profª: “E esse pé de amora, A1, onde ele é?”

A1: “É bem aqui no muro da escola. Sabe o portão onde todo mundo entra? Então, você vai andando e encontra o pé de amora. ”

Profª: Então ele é dentro da escola?

A1: “**Ã hã...** só queeee...”

Profª: “Fica um pouco pra fora?”

A1: “**Ã hã.** ”

Profª: “E vocês pegam amora quando estão de fora? ”

A1 balança a cabeça, sinalizando sim.

Profª: “Mas quando tiver amora dentro da escola, vocês podem ir lá chupar também. Tudo que tem dentro da escola é nosso. ”

A1: “Eu já fui lá, só que lá só dá lá em cima...”

Profª: “Ahh... mas vocês sobem no muro nesse caminho para escola? ”

A1: “De vez em quando... já tentamos, né? Só que não dá...”

Profª: “É alto pra vcs? ”

A1 balança a cabeça que sim.

Profª: “Muito bem! Tem mais alguma coisa, A1, que você lembra nesse caminho da escola?

Além do cachorro, do pé de amora, do medo... alguma coisa que você sente? ”

A1: “Hummmm... **ah, além desse cachorro, eu vejo mais cachorro...**”

Profª: “Mais cachorros, A1? ”

A1 balança a cabeça dizendo sim.

Outro colega: “Nós viu uma velhinha esses dias pra trás...”

A1: “Ah é! **Nossa**, a gente tinha visto uma... nossa tia, mas a **velhinha foi maldosa...**”

Profª: “Por que? ”

A1: “A gente tava andando, né, lá... aí a gente ia, né? Como nós somos doidim da cabeça, nós tava conversando alto e tudo mais... aí a **velhinha: ‘Ai, vocês saíram da escola de loucos?’** **Aí, né... aí nós todos ficamos com uma linda raiva**, né? Uma raiva tipo... queremos jogar essa velha num vulcão...”

Profª: “Ãn...vocês ficaram bravos com ela? ”

A1 balança a cabeça dizendo sim... colegas comentam algo.

Profª: “A1, uma última pergunta: você gosta de vim para escola a pé todos os dias? De vim e de voltar? ”

A1: “Ohh... vim, tipo assim, **na minha rua vim assim, né, bate aquele vento que esfria o coração...**”

Profª: “**Esfria o coração é bom ou ruim?** ”

A1: “Não...” Aí colega comenta: “**Ruim, né tia?** ”

A1: “Sorte é que quando eu viro assim tem aqueles monte de casa pra proteger. ”

Profª: “Aí fica bom? ”

A1: “Ã hã. ”

Profª: “Você gosta? ”

A1 balança a cabeça dizendo sim.

Relatos do aluno 2 (A2)

A2: “Meu nome é A2, tenho 11 anos... eh... de vez em quando eu venho de carro, mas eu venho de a pé também... esse daqui é o meu desenho... eu desenhei mais ou menos o que eu vejo... porque eu não vejo muita coisa... que de lá pra cá é pouca coisa, né? ”

Profª: “É pouco tempo, né? ”

A2: “É, então, é pouco tempo... aí eu vejo essa **casa** aqui, que ela tem um **portão** não sendo verde,mas é rosa... me chama atenção, porque é um **rosa muito bonito...**”

Profª: “E a casa é muito bonita? ”

A2: “E a casa... a casa ééé mais ou menos... mas o portão é muito bonito! ”

Profª: “Muito bem! ”

A2: “Essa **árvore** aqui, ela é toda redonda, tem um círculo gigante... as duas... a **avenida** aqui e tal... aí aqui nesse caminho aqui eu chego na escola.”

Profª: “Muito bem, você vê as ruas, uma casa com o portão bonito e uma árvore? ”

A2: “Um hum. ”

Profª: “Certo! E você geralmente... quando você desenhou as ruas, né? Você vem pela rua ou pela calçada? Tem calçada? Você enxerga ou não... a calçada?”

A2: “**Tem calçada... só que eu venho mais pelo cantinho da rua.** ”

Profª: “Pelo cantinho da rua... e por que que você vem mais pelo cantinho da rua? ”

A2: “Porque algumas vezes eu vou pra **calçada e tem mato**, algumas coisas... aí eu vou pra... pro canto da rua... aí eu ando mais. ”

Profª: “A calçada não é legal? Te atrapalha? ”

A2: “É. ”

Profª: “Ah, muito bem! Só isso... ou tem mais alguma coisa que você quer acrescentar? O que que você sente nesse caminho pra escola? ”

A2: “Ai, eu não sei... eu sinto um pouco de emoção por causa queeee... nesse caminho pra escola meu pai já morou... muito perto aqui... morou ... já namorou... (risadas dos amigos) aí... aí **eu sinto tipo uma emoção** tipo... ahhh, eu tô morando perto desse lugar, né? ”

Profª: “Que é um lugar que traz lembranças boas pra você? ”

A2: “Sim. ”

Profª: “Você mora com seu pai hoje... não? ”

A2: “É, eu moro com meu pai. ”

Profª: “Ah, muito bem! Ótimo! E você gosta de vim pra escola a pé nos dias que você vem?”

A2: “Eu gosto. ” (Contradizendo a resposta do questionário).

Profª: “Gosta? Muito bom, brigada, viu? Pode deixar o desenho aqui... “

Relatos do aluno 3 (A3)

A3: “O meu nome é A3, tenho 11 anos, venho pra escola de a pé e volto de a pé, às vezes venho de carro ou de bicicleta. ”

Profª: “ Humm... muito bem! E o que você desenhou no seu caminho pra escola, A3? ”

A3: “**Eu mais minha mãe e o mato**, tia. ”

Profª: “Você, a sua mãe e o mato? ”

A3: “É... e **os carros que eu não quis desenhar**...”

Profª: “O que que você vê? ”

A3: “Uai, mato e carro...”

Profª: “Mato e carro? Mas nesse mato que você vê quando vem... você vem por onde? Pela calçada, pela rua, pelo mato... por onde você vem?”

A3: “**Pela rua.** ”

Profª: “Você vem pela rua... por que você vem andando pela rua? ”

A3: “É porque é **cheio de mato... as calçadas.** ”

Profª: “É cheio de mato? As calçadas são cheias de mato? ”

A3 balança a cabeça dizendo sim.

Profª: “E você gosta A3... de vim e de voltar a pé ou de bicicleta? ”

A3: “Gosto! ”

Profª: “Tem algum sentimento que você lembra nesse caminho para escola todos os dias? Alguma coisa a mais que você lembrou... além do mato e do carro, né? E por que você não quis desenhar o carro? Desde o início você falou que via mato e carro...”

A3: “Porque **eu não dou conta de desenhar um carro**...” (sorri tímida)

Profª: “Não dá conta de desenhar um carro? ”

A3: “Não. ”

Profª: “Não tem problema não, mas tá ótimo! ”

A3: “Custei desenhar isso aqui. ”

Profª: “E você vê pessoas também andando, A3? Ou o que te marca mesmo são os carros?”

A3: “**É muito raro!**”

Profª: “**Vê mais carros?**”

A3 balança a cabeça dizendo que **sim**.

Profª: “Muito bom! Mas você gosta?”

A3: “Gosto!”

Profª: “Se fosse pra você escolher... você escolheria vim a pé ou de bicicleta?”

A3: “**Ã** há... a pé.”

Profª: “A pé... você prefere a pé?”

A3: “**Ã** há.”

Profª: “Por que você prefere a pé do que de bicicleta?”

A3: “Uai tia, porque eu não gosto de bicicleta.”

Profª: “Não gosta? Mas as vezes você vem?”

A3: “Não, eu **venho mais é de a pé ou de patins.**”

Profª: “A pé ou de patins... e você gosta de vim de patins?”

A3: “**Ã** há... acho mais legal que vim a pé.”

Profª: “Acha mais legal vim de patins? E por que que você não vem sempre de patins?”

Colegas: “Tem medo de ser roubada...” “Porque a mãe dela não deixa...”

A3: “Não... deixar ela deixa... só que... tem dia que dá uma **preguiçaaa de andar (de patins)... é porque lá em casa tem muita subida.**”

Profª: “Muito bem! Muita subida também, né? Ahhh... muito bem! Então tá bom... brigada

A3! Se alguém que falou, lembrar de mais alguma coisa e quiser acrescentar... tá bom?”

Relatos do aluno 4 (A4)

A4: “Meu nome é A4, eu tenho 11 anos, eu venho a pé e volto a pé.”

Profª: “Descreve seu desenho pros meninos... olha meninos... que lindo! Muito bem! Q q você desenhou, A4?”

A4: “**Eu vindo pra escola a pé e carros...**”

Profª: “Você vindo pra escola a pé e carros? Você vê muitos carros, A4?”

A4 balança a cabeça confirmando.

Profª: “Ahh, muito bem! Ficou muito bonito seu desenho, colorido... A4, você gosta de vim e voltar da escola a pé?”

A4: “Gosto.”

Profª: “O que além do carro, de você com a mochila, da escola, né, **a escola tem verdes, A4? Tem?**”

A4 balança a cabeça confirmando.

Profª: “Cê gosta?”

A4: “Gosto.”

Profª: “Cê gosta de vim e de voltar a pé?”

A4 balança a cabeça confirmando.

Profª: “E o que que você sente nesse caminho pra escola? Tem sentimentos bons ou ruins?

Não? Mais alguma coisa que você lembra além dos carros?”

A4: “**Eu vejo pessoas...**”

Profª: “Você vê as pessoas? Ahh... muito bem! E você gosta? ”

A4 balança a cabeça confirmando.

Profª: “Por que que você gosta? ”

A4: “Uai tia, eu só posso vim a pé porque eu moro perto. ”

Profª: “Você mora perto e pode só vim a pé?! Ahhh... muito bem! Então tá... se você lembrar de mais alguma coisa, é só me chamar, tá bom? ”

Relatos do aluno 5 (A5)

Profª: “Vamos lá, A5? Vamo ouvir a A5? A5, nome, idade, do que você e volta da escola e explique seu desenho pra gente...”

A5: “Meu nome é A5, eu venho de a pé e volto de a pé. Tenho 10 anos.

Profª: “A5, descreve seu desenho pra gente... vamos mostrar o desenho da A5 pra todo mundo... oh... A5, descreve seu desenho pra gente? O que que você desenhou? ”

A5: “Eu desenhei as casas, a rua e por onde eu vou.”

Profª: “As casas, a rua e por onde você vai... onde você vai, A5? ”

A5: “Por aqui. ”

Profª: “Por aqui? Ahh... por que que você passa no meio de um monte de verde? Você anda muito pra vim pra escola? ”

A5 balança a cabeça confirmando.

Profª: “Anda? E onde é que você passa aí? ”

A5: “Pelo pasto. ”

Profª: “Pelo pasto? Ahh... e aí você passa no meio do pasto e chega na sua casa? É?”

A5 balança a cabeça confirmando.

Profª: “Você vem com quem? ”

A5: “Eu e minhas irmãs. ”

Profª: “São quantas irmãs? ”

A5: “Eu e minhas duas irmãs. ”

Profª: “Duas irmãs... e aí, o que você sente nesse caminho pra escola? Você gosta? Gosta de vim a pé, de voltar a pé? ”

A5: “Gosto. ”

Profª: “Por que que você gosta? ... (silêncio) Humm? O que que você sente que você gosta? O que que você acha legal... (silêncio)... Q q é legal nesse caminho de vinda e nesse caminho de ida?”

A5: “A gente vem se divertindo...”

Profª: “A gente vem se divertindo? As três irmãs? ”

A5 balança a cabeça confirmando.

Profª: “Ahhh, muito bem! Que isso que você desenhou aqui? ”

A5: “As casas. ”

Profª: “As casas, que depois que sai do pasto, vocês vêm as casas, né? De cá?”

A5: “Também. ”

Profª: “Também? Ahhh... e o que você vê de bonito nesse caminho? ”

A5: “As árvores...”

Profª: “As árvores... muito bonito seu desenho! E tem alguma coisa que você vê de feio ou não?”

A5: “Não.”

Profª: “Não? É tudo muito bonito?”

A5 balança a cabeça confirmando.

Profª: “Muito bem, viu A5? Tá de parabéns! Você quer falar mais alguma coisa? Não?”

Brigada, viu? Pode pôr o desenho aqui...

Relatos do aluno 6 (A6)

A6: “Meu nome é A6, tenho 11 anos, venho e volto a pé.”

Profª: “A6, você **vinha de bicicleta?**”

A6: “Ãã.”

Profª: “E por que que você não vem mais?”

A6: “Foi **roubada.**”

Profª: “Foi roubada onde?”

A6: “Lá no ginásio Carlos de Pina.”

Profª: “Q q você foi fazer no ginásio?”

A6: “Jogar **jogo de vôlei.**”

Prof[ª]: “**Pela escola**, né A6? Semana passada... Antes de roubar a bicicleta, você vinha e voltava de bicicleta?”

A6: “Ãã.”

Profª: “Agora você tá vindo e voltando a pé?”

A6: “Ãã.”

Profª: “Muito bem! Eh, A6, mostra seu desenho pra gente... Olha aqui o desenho do A6... agora ele vai falar sobre o desenho dele... A6, o que que você desenhou no caminho pra escola?”

A6: “**Eu, árvores, cachorros que eu vejo pela rua... outras pessoas vindo pra escola também, carros, a roça do João e hoje eu vi a chuva...** não na chuva, eu vim de carro com meu primo...”

Profª: “Tava chovendo?”

A6: “Tava.”

Profª: “Hoje choveu muito, né A6?”

A6: “Ãã.”

Profª: “**Isso atrapalha você vim pra escola... a pé ou de bicicleta?**”

A6: “**Sim.**”

Profª: “Aí você pegou uma carona?”

A6 balança a cabeça confirmando.

Profª: “A6, você vem todos os dias a pé ou de bicicleta, volta a pé ou de bicicleta... é longe ou não?”

A6: “Nãã...”

Profª: “Você gosta de vim a pé ou de bicicleta?”

A6: “Mais ou menos.”

Profª: “Por que mais ou menos?”

A6: “Porque demora mais um pouco... do que vim tipo de carro ou moto... **demora mais um pouco de bicicleta ou de a pé.** ”

Profª: “Demora mais, né... pra chegar na escola? E o que você vê mais nesse caminho pra escola? ”

A6: “**Carros.** ”

Profª: “Você vê carros? Quando você vem a pé ou de bicicleta você vem por onde? ”

A6: “Pela rua. ”

Profª: “Pela rua ou pela calçada? ”

A6: “Não, **pela rua.** ”

Profª: “Por que você não vem pela calçada? ”

A6: “Uma parte da calçada tá com muito mato, aí é ruim vim que atrapalha.”

Profª: “É, tem matos, né? O que que você sente quando você vem e volta da escola a pé ou de bicicleta? O que você acha de legal, além da árvore? ”

A6: “Nada. ”

Profª: “E o que você acha que não é tão legal? O cachorro por exemplo, ele é legal ou não? Ou você tem o mesmo medo do A1? ”

A6: “Ehh (com dúvida)... **não tenho medo.** ”

Profª: “**Você acha legal ver o cachorro?** ”

A6 balança a cabeça confirmando.

Profª: “Humm... muito bem! Tem alguma coisa mais que você queria e não colocou aqui? ”

A6 balança a cabeça dizendo que não.

Profª: “Hoje o céu tava escuro, né? Você **desenhou aqui nuvem escura...** é só hoje, A6, que o céu tava escuro ou você sempre vê o céu assim? ”

A6: “**Alguns dias tá escuro, outros tá com sol já.** ”

Profª: “Muito bem! Mais alguma coisa... que você queria falar que você gosta ou que você não gosta? ”

A6 balança a cabeça dizendo que não.

Profª: “Então tá... se você lembrar de mais alguma coisa você fala...”

Relatos do aluno 7 (A7)

A7: “Meu nome é A7, eu tenho 10 anos, eu venho de a pé pra escola. ”

Profª: “Vem a pé e volta também, A7? ”

A7: “**Ã** hã.”

Profª: “Olha o desenho da A7, que lindo também, ohhh! ”

A7: “**É eu caindo** lá, né tia? ”

Profª: “Que que a A7 desenhou? ”

A7: “**Eu tava correndo ali na calçada, escorreguei e caí...**”

Profª: “Vindo pra escola? ”

A7: “**Ã** hã. ”

Profª: “Escorregou e caiu?! Escorregou por que? ”

A7: “Eu tava correndo ali tia, aí na grama eu só levei uns chutão, tia...”

Profª: “Ah, isso foi esses dias? ”

A7: “Foi tia. ”

Profª: “Foi, A7?... Você caiu... o que que cê sentiu, A7? ”

A7: “**Dor**, tia. ”

Profª: “Sentiu dor... machucou? Huumm... machucou? ”

A7: “Não. ”

Profª: “Não? A7, ééé... por que cê acha que cê caiu? ”

A7: “Porque eu tava correndo.”

Profª: “Correndo?... Mas tava molhado? ”

A7: “Não.”

Profª: “Não? Ahhh... e tem grama aqui perto da escola, A7? ”

A7 balança a cabeça confirmando.

Profª: “Ah, muito bem! Que mais que você vê nesse caminho pra escola, A7? ”

A7: “**Mesma coisa de sempre, tia... os cachorros...**”

Profª: “Os cachorros? Q q cê sente, quando você vê os cachorros? ”

A7: “Tia, **dá vontade de matar aqueles cachorros... vem morder a gente... avança na gente...**”

Profª: “É, cê tem medo? Fica com raiva? ”

A7: “**Fico com raiva.** ”

Profª: “Eles vêm pra morder? ”

A7: “Vem! ”

Profª: “Ahhh... Quando você vem todos os dias e volta a pé, A7, você vem por onde? ”

A7: “Aqui pela calçada mesmo da escola. ”

Profª: “Pela calçada da escola... e lá perto da sua casa pra vim até aqui? ”

A7: “Lá tem que atravessar a rua, aí tem que atravessar a rua de novo pra vim pra calçada da escola. ”

Profª: “Então, aí quando não chega na calçada da escola você vem andando por onde? ”

A7: “**Tem uma calçada também na minha casa**, que vai vim assim... **sempre tem uma calçada.** ”

Profª: “Então você vem pela calçada? ”

A7: “Ãã. ”

Profª: “Diferente dos meninos que vem pela rua? ”

A7: “Um humm...”

Profª: “É? Muito bem, Ingrid... tem mais alguma coisa que cê lembra que cê vê nesse caminho pra escola? ”

A7: “**Só meus amigos**, o D., o T. e o A. ”

Profª: “Ah, você vem sempre em grupo? ”

A7: “E o F., e a A. e aaa... e aa J.”

Profª: “Vocês sempre vêm e voltam em grupo? ”

A7: “Só o D., o A. e o T. que vêm comigo e voltam comigo. ”

Profª: “Pois é, isso **é bom?** ”

A7: “É. ”

Profª: “Você gosta de vim com os amigos, A7? ”

A7: “Ãn?”

Profª: “Você **gosta de vim com os amigos?** ”

A7: “Gosto.”

Profª: “Gosta? Ah, muito bem! Você gosta de vim pra escola a pé e voltar? ”

A7: “Ahh tia, **eu já acostumei**, então... acostumei, né? ”

Profª: “Já acostumou? ”

A7: “Já. ”

Profª: “Por que? Você não gostaria de vim a pé? ”

A7: “Não, é porque minha casa é bem ali, tia... pertinho...”

Profª: “É, mas você gosta? Você acorda animada pra vim... com os amigos? ”

A7: “Não, tia... não acordo animada. ”

Profª: “Não? Que jeito que você acorda? ”

A7: “É um duro pra acordar... hehehe...”

Profª: “Ééé...é duro?”

A7 sorri...

Profª: “Que mais que você vê nesse caminho pra escola? ”

A7: “Nada, tia. ”

Profª: “Nada? Você desenhou a escola, né A7? Você chegando aqui... por que que você acha que você desenhou você caindo? Isso te marcou? ”

A7: “Um humm tia. ”

Profª: “Marcou? ”

A7: “**Nunca mais eu vou por ali.** ”

Profª: “Nunca mais você vem por ali? É que aqui na calçada da escola tem uma parte de cimento e uma parte de grama, né... que às vezes é terra, né? Pode escorregar... (A7 concorda)... e você vai continuar correndo no caminho pra escola, A7?”

A7: “**Eu e o D. e o T. nós apostamos corrida...** quem chega primeiro lá em cima...”

Profª: “No caminho? E é legal? ”

A7: “**É.**”

Profª: “É, A1? Você gosta de apostar corrida? ”

A1: “Mas é Claro! ”

A7: “Quem sair primeiro que chega lá em cima. ”

Profª: “Éé? Que legal! É na vinda ou na ida? ”

A1: “Na ida. ”

A7: “Naaa... nos dois, né? ”

A1 concorda: “É... nos dois.”

Profª: “Então é legal vim com os amigos e apostar corrida? ”

A7 e A1 balançam a cabeça concordando.

Profª: “Ééé? Mas é só na calçada, né? Na rua não? ”

A1 e A7 dizem: “Não. ”

A7: “Aí quem ficar por último a gente deixa por último, né A1? Nós sai correndo...”

A1 concorda...

Profª: “Então é bom, né... porque vocês brincam, apostam corrida... isso é legal, né? ”

A1 e A7 concordam.

Profª: “Então você gostaria de continuar vindo ou não, A7? ”

A7: “Eu gosto. ”

Profª: “Gosta? Que bom! Muito bom... se você lembrar de mais alguma coisa, tá bom?”

A7: “Tá. ”

Relatos do aluno 8 (A8)

A8: “A8, tenho 11 anos e eu venho de bicicleta. ”

Profª: “Vem de bicicleta? E volta também? ”

A8: “Um humm...”

Profª: “Claro, né professora? (Sorriu) A8... olha o desenho do A8, pessoal...”

Alguém diz: “Lindo! ”

Profª: “Explica pra gente, A8... o que que você desenhou...”

A8: “**Eu desenhei eu indo pra escola...**”

Profª: “De bicicleta, né A8? ”

A8: “Vindo na escola, fazendo a prova...”

Profª: “Você fazendo a prova...”

A8: “**E eu indo embora...**”

Profª: “Indo embora de que? ”

A8: “**Eu tô correndo atrás da bicicleta.** ”

Profª: “Correndo atrás da bicicleta? ”

A8: “Ã hããã.”

Profª: “Muito bom! Que mais que cê vê nesse caminho, A8... esse vindo pra escola... o que é isso aqui atrás, que você tá vindo de bicicleta e desenhou algo atrás... aquilo ali óh...”

A8: “**A minha casa.** ”

Profª: “A sua casa? Você tava saindo de casa, né? ”

A8: “Um humm. ”

Profª: “Você gosta, A8, de vim e de voltar da escola de bicicleta... você acha legal? ”

A8: “Gosto... um humm. ”

Profª: “Aqui na escola, o que é isso que você desenhou? ”

A8: “**O bueiro.** ”

Profª: “O bueiroooo... Por que que cê desenhou o bueiro? ”

A8: “Porque a A7 (aluna que desenhou ela caindo na calçada da escola) não desenhou o bueiro. ”

Profª: “Existe um bueiro? Onde é esse bueiro? ”

A8: “**O bueiro é na esquina.** ”

Profª: “Da escola? ”

A8: “Um humm. ”

Profª: “**Esse bueiro é aberto, A8? ”**

A8: “É. ”

Profª: “É? ”

A8: “Um humm. ”

Profª: “Q q cê acha desse bueiro? ”

A8: “Ehh... **é que uma vez eu tava andando de bicicleta, aí eu tava carregando o R., aí eu quase caí dentro do bueiro.** ”

Profª: “Então cê acha ele perigoso? Cê quase caiu... acha? ”

A8: “Ã hããã. ”

Profª: “Humm... muito bem! Você desenhou em frente a escola verde e ... que que isso da escola? ”

A8: “É as grades...”

Profª: “**As grades?** A escola tem grades? ”

A8: “Um humm...”

Profª: “Tem? ”

A8: “Tem. ” (Por fora a escola é toda murada somente com um portão de ferro. Esse mês a escola colocou outro portão de grade entre a secretaria (na entrada) e o pátio e salas, visando aumentar a segurança, que é muito pouca).

Profª: “Onde que é essa **grade aqui na escola?** ”

A8: “Nooo... nooo... na secretaria. ”

Profª: “Ahh... mas colocou grade agora, né A8? ”

A8: “Um humm. ”

Profª: “**Mas você acha que foi bom ou ruim... na entrada da escola?** ”

A8: “Bom. ”

Profª: “Foi bom por que? ”

A8: “Porque é mais proteção. ”

Profª: “É mais proteção, né? ”

A8: “Sim. ”

Profª: “E nesse caminho pra escola, Felipe...”

A8: “**É legal. ”**

Profª: “É legal? E você acha seguro? ”

A8: “Acho. ”

Profª: “Acha? ”

A8: “Um humm. ”

Profª: “**É rápido pra você chegar na escola?** ”

A8: “É rápido. ”

Profª: “Humm... muito bem! ”

A8: “**Cerca de uns 10 minutos. ”**

Profª: “Dez minutos... e que mais que você vê? Que que você sente quando você vem e volta de bicicleta? ”

A8: “Humm... **feliz. ”**

Profª: “Você sente feliz? ”

A8: “Ã hã. ”

Profª: “Então você gostaria de continuar vindo e voltando a pé ou de bicicleta? ”

A8: “Sim. ”

Profª: “Gostaria? ”

A8: “Ã hã. ”

Profª: “Muito bem! Tem mais alguma coisa que você quer acrescentar? ”

A8: “Não. ”

Profª: “Então em frente à escola tem um bueiro aberto... que não é legal... como você disse?”

A8: “Ã hã... não... não! A A7 não desenhou...”

Profª: “Muito bem! E você desenhou... muito bem! ”

Relatos Aluno 9 (A9)

A9: “Meu nome é A9, tenho 11 anos, eu venho de bicicleta e volto de bicicleta. ”

Profª: “Vem e volta de bicicleta, A9? ”

A9: “Sim. ”

Profª: “**Demora?** ”

A9: “**Não.** ”

Profª: “Não? A9, que... olha que lindo! Deixa eu mostrar pra vocês o desenho do A9...”

Alguém diz: “Olha que bonitinho! ”

Profª: “Vamo lá? A9, explica seu desenho pra gente! ”

A9: “Ah, eu **desenhei umas casas...** que eu passo por umas casas... desenhei **uma roça do João**, que eu passo por ela...”

Profª: “Passa pela roça, pelas casas...”

A9: “**E as ruas...**”

Profª: “E as ruas... Lucas, você **gosta de vim** pra escola a pé ou de bicicleta... de bicicleta?”

A9: “**De bicicleta.** ”

Profª: “Gosta? ”

A9: “Um humm. ”

Profª: “Que que tem de bom? ”

A9: “**Bom que anda mais rápido.** ”

Profª: “Anda mais rápido? Humm...”

A9: “É.”

Profª: “Você vem com quem, A9? ”

A9: “**Eu venho com o P.** ”

Profª: “Com o P.? **E é bom?** ”

A9: “**Mais ou menos.** ”

Profª: “Por que? ”

A9: “**Porque ele fica enchendo o saco.** ”

Profª: “Ahhh... tá... e o que mais você vê nesse caminho pra escola? ”

A9: “Só isso. ”

Profª: “Só isso? Uma roça, as casas e as ruas? ”

A9: “É.”

Profª: “Deixa eu fazer uma pergunta aqui pro A9... olha que desenho lindo! A9, **cadê o A9 nesse caminho pra escola... que cê não desenhou?** ”

A9: “**É porque eu tô com vergonha.** ”

Profª: “Tá com vergonha? (risos) Aí cê desenhou só o caminho?”

A9: “Foi. ”

Profª: “Ahh... muito bem! Mas você gosta? ”

A9 balança a cabeça confirmando.

Profª: “Que mais que você vê, A9? Tem alguma coisa legal... alguma coisa que não é legal...”

A9: “**Tem uns mercadinhos, que é legal, que não deu pra desenhar... e uns cachorros...**”

Profª: “Os cachorros... é legal ou não? ”

A9: “Não. ”

Profª: “Não? Por que? ”

A9: “Porque eles corre atrás da gente. ”

Profª: “Os cachorros correm atrás... o que que você sente, A9, nesse caminho pra escola, quando vê os cachorros? ”

A9: “Ah, é ruim. ”

Profª: “Ruim? ”

A9: “É. ”

Profª: “Você sente medo? ”

A9: “Um pouco. ”

Profª: “Um pouco? ”

A9: “De morder...”

Profª: “De morder, né? Muito bem! Tem mais alguma coisa que cê quer falar?”

A9: “Não. ”

Profª: “Não? Muito bem! ”

Relatos do aluno 10 (A10)

A10: “Eu me chamo A10. ”

Profª: “A10, quantos anos você tem? ”

A10: “Eu tenho 10. ”

Profª: “De que você volta e vem pra escola? ”

A10: “De bicicleta e carro. ”

Profª: “De bicicleta e carro? Q q você desenhou pra gente? Aqui o desenho do A10, meninos... isso... q q você desenhou, explica pra gente...”

A10: “Tia, vejo um cachorro miserável, tia, que fica correndo atrás de mim...”

Profª: “O que você sente quando vê esse cachorro? ”

A10: “Vontade de matar ele...” (Risadas dos colegas)

Profª: “Cê sente raiva? ”

A10 balança a cabeça confirmando.

Profª: “E que mais... que você vê? ”

A10: “Eu vejo essa casa aqui, Mó estranha, quando eu venho de carro eu vejo Shrek, tia.”

Profª: “Quando você vem de carro você vê o Shrek? Que mais você vê? ”

A10: “Vejo também essas árvores, tia... Oh o desenho, tia...”

Profª: “Você vê as árvores? Que mais que você vê? ”

A10: “A escuridão... porque eu tô dormindo, né? ”

Profª: “Você vê a escuridão porque você tá com sono?... Ehhh? Que mais você vê nesse caminho pra escola? ”

A10: “A roça do João. ”

Profª: “Você vê uma roça? ”

A10: “Cavalo. ”

Profª: “Com cavalo? E quem é esse aqui? ”

A10: “**É um veim que fica passando...**”

Prof: “Você vê um velhinho... mas esse velhinho é bom ou mal? ”

A10: “Nenhum dos dois, tia. ”

Profª: “Não? Você sente medo dele? ”

A10: “Nãooo...”

Profª: “Não? Mas você sempre vê esse velhinho no caminho? ”

A10 balança a cabeça confirmando.

Profª: “E q mais você vê? ”

A10: “**As nuvens.** ”

Profª: “As nuvens, essa casa aqui que você falou que é estranha, você tem medo de passar perto dela? ”

A10: “Mais ou menos. ”

Profª: “Um pouco de medo, mais ou menos por que? O que você pensa que pode ser essa casa? ”

A10: “**Um monte de grupinho de cachorro, tia.** ”

Profª: “Grupinho de cachorro? Você tem medo quando os cachorros vêm de uma vez? ”

A10: “É tia, **os cachorro é muito mal.** ”

Profª: “O que é isso, A10? ”

A10: “Isso é a **porteira**, tia. ”

Profª: “Ahh, a porteira. Você vê, A10... quando você vem pra escola? ”

A10: “Vi, bem ali tia. ” (perto da escola tem uma chácara)

Profª: “Quanto tempo você leva mais ou menos, A10? ”

A10: “Uns cinco minutos de carro, tia. ”

Profª: “Não, a pé ou de bicicleta...!”

A10: “A pé ou de bicicleta? Depende... demora uns 10 minutos. ”

Profª: “Demora? **Você vem com quem?** ”

A10: “Meus amigos... com aquela praga ali, tia (apontando para um colega).

Profª: “E você acha que é legal, A10... **você gosta de vim a pé ou de bicicleta pra escola?**”

A10: “Gosto. ”

Profª: “O que que tem de bom? ”

A10: “Nadaa tia...”

Profª: “Que que tem de bom? ”

A10: “Não tem nada de bom não, tia. ”

Profª: “Não? **Por que que você gosta?** ”

A10: “Porque é legal... aventuras...

Profª: “Aventuras? Quais aventuras que vocês encontram no meio do caminho para escola?”

A10: “**Correr dos cachorros, tia.** ”

Profª: “Correr dos cachorros? **É legal correr dos cachorros?** ”

A10: “**Não.** ”

Profª: “**Não, né? Mas é legal aventura?** ”

A10: “**É, mais ou menos. Depois que você passa deles, né tia?** ”

Profª: “É, primeiro você sente o que? ”

A10: “**Medo.** ”

Profª: “Medo? ”

A10: “**Eles vêm colando nocê aqui...**”

Profª: “E você de bicicleta... e ... correndo e o cachorro correndo atrás? Aí você sente medo, mas depois você gosta da aventura? ”

A10: “É tia...”

Profª: “Muito bem! Mais alguma coisa que você lembra nesse caminho, A10? ”

A10: “Não. ”

Profª: “Não? Você vem sempre em grupo... com os amigos da escola? ”

A10 balança a cabeça dizendo sim.

Profª: “Isso é bom? ”

A10: “É.”

Profª: “Você gosta? Ou você gostaria de vim sozinho? ”

A10: “Não. ”

Profª: “**É bom vim com os amigos?** ”

A10: “**É.**”

Profª: “Muito bem! ”